



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ**  
**ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**  
**PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA STRICTO SENSU**  
**MESTRADO**

**PEDRO CARLOS ARAÚJO SOUZA**

**A DIMENSÃO PNEUMATOLÓGICA DA IGREJA:**  
**UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA IGREJA BATISTA NO BRASIL**

**CURITIBA**  
**2018**

**PEDRO CARLOS ARAÚJO SOUZA**

**A DIMENSÃO PNEUMATOLÓGICA DA IGREJA:  
UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA IGREJA BATISTA NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcial Maçaneiro

**CURITIBA**

**2018**

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central

SOUZA, Pedro Carlos Araújo. **A dimensão pneumatológica da igreja: um estudo na perspectiva da Igreja Batista no Brasil** / Pedro Carlos Araújo Souza; Orientador: Prof. Dr. Marcial Maçaneiro. – 2018. 110f.; 30 Cm.

Dissertação (Programa de Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), 2018.

1. Anabatistas. 2. Batistas. 3. Pneumatologia. 4. Eclesiologia. 5. Pentecostal. I. Pedro Carlos Araújo Souza. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). III. Título.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
Escola de Educação e Humanidades  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Mestrado e Doutorado

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 155  
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado DE  
PEDRO CARLOS ARAÚJO

Aos vinte e oito, do mês de fevereiro de dois mil e dezeto, às quatorze reuniu-se na sala de defesa - Segundo andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Marcial Maçaneiro, Elias Wolff e Gleyds Silva Domingues, para examinar a dissertação do candidato Pedro Carlos Araújo, ingressante no Programa de Pós-graduação em Teologia - Mestrado, no primeiro semestre de dois mil e dezesseis. Linha de pesquisa: Bíblia e Evangelização. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: "A DIMENSÃO PNEUMATOLÓGICA DA IGREJA: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA IGREJA BATISTA NO BRASIL." O Candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, o candidato foi APROVADO pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16 h 40 min. Para Constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Marcial Maçaneiro

Presidente/Orientador

Prof. Dr. Elias Wolff

Convidado Interno

Profa. Dra. Gleyds Silva Domingues

Convidada Externa

ENTE

Prof. Dr. Alex Vicentim Villas Boas  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia - Stricto Sensu  
PPGT - PUCPR



Todo avivamento que já aconteceu na história do mundo ou na história da igreja deu grande ênfase à santidade de Deus.

Billy Graham (*in memoriam*).

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, após, às pessoas e instituições citadas.

Minha gratidão a todos, pelo apoio nessa caminhada.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela Sua presença constante em minha vida, que pela Sua graça e misericórdia permitiu-me escrever e concluir esta dissertação.

Ao meu Orientador, Prof. Dr. Marcial Maçaneiro, pela oportunidade em orientar-me no desenvolvimento deste trabalho.

Ao Pr. Paschoal Piragine Jr., da Primeira Igreja Batista de Curitiba, o qual direcionou-me na pesquisa de dados sobre os batistas.

À minha esposa Jane, que suportou as minhas ausências nesses tempos de muita correria, quando muitas vezes abdiquei de sua presença para realizar meus estudos.

Aos meus filhos, Rafael e ao Pedro Ivo, que sempre me incentivaram continuar o trabalho com dedicação e empenho.

Ao meu querido sogro, Jeremias Brandão, que me ensinou os primeiros passos na caminhada com Cristo.

À Instituição PUC-PR, ao seu corpo docente, à direção e administração do Programa de Pós-Graduação em Teologia (PPGT), por nos proporcionar os recursos necessários para elaborar o trabalho.

## RESUMO

Esta dissertação procura explicitar teologicamente a dimensão pneumatológica da igreja, na perspectiva da igreja batista no Brasil. Trata-se de uma pesquisa vinculada ao projeto de estudos sobre Pneumatologia e Experiência Cristã, do professor-orientador Dr. Marcial Maçaneiro, da Linha de Pesquisa “Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa” (PPGT-PUCPR). Para tanto, pesquisam-se as origens dos batistas no mundo, iniciando pelos anabatistas e sua relação com o movimento da Reforma, sua expansão na Europa, em seguida na América, a vinda dos missionários ao Brasil e o início das denominações batistas nesse país. Durante o crescimento do movimento batista no Brasil pesquisou-se a formação da Convenções Nacionais e o relacionamento destas no decorrer dos anos, analisando seu crescimento e posterior divisão dessas Convenções. Busca-se articular a pneumatologia e a eclesiologia à luz das maiores Convenções Batistas no Brasil: a Convenção Batista Brasileira (CBB) e a Convenção Batista Nacional (CBN), aproximando as declarações de fé destas Convenções. Estuda-se ainda nesse trabalho os elementos pneumatológicos referentes à comunhão (unidade, diversidade, koinonia, diaconia e ordenanças) e a individuação dos elementos referentes à missão (dons, ministérios, evangelismos e vocação missionária). Um outro ponto a ressaltar nessa dissertação é a perspectiva da aproximação/compreensão da experiência pentecostal vivida pelas igrejas dessas Convenções. Entende-se que existem necessidades e oportunidades teológicas que esclarecem o dado de fé, do qual o Espírito Santo é constituinte na Igreja e demonstrar como o nexos entre eclesiologia e pneumatologia ocorrem na confissão de fé. Por fim, demonstra a urgência entre o entendimento entre batistas clássicos e batistas pentecostais, buscando a unidade em questões essenciais do cristianismo, intensificando o diálogo entre grupos. Utilizou-se como método a pesquisa histórico-bibliográfica, de caráter qualitativo e descritivo-analítico para mapear experiências passadas pelos batistas no Brasil e com isso localizar os batistas no tempo, suas tendências, eventos e fenômenos, proporcionando respostas ao questionamento. Como fonte de pesquisa utilizou-se a Biblioteca da Primeira Igreja Batista de Curitiba – PIB Curitiba; Biblioteca da PUCPR; Livros indicados pelo orientador da PUCPR e pelo Pr. Presidente da Primeira Igreja Batista de Curitiba; utilizaram-se sites da Convenção Batista Brasileira, Convenção Batista Nacional e das igrejas batistas, capturaram-se estudos em sites que evidenciassem relatos históricos sobre a experiência de fé e a sobrevivência dos batistas em seu percurso para analisar o relacionamento entre o Espírito Santo, a Igreja e o Estado, entre o pneumatológico-eclesiológico. Em relação aos resultados obtidos nessa pesquisa, recomenda-se intensificar o diálogo entre a CBB e a CBN. No entanto, as iniciativas pontuais já praticadas poderão estender-se às igrejas destas Convenções, em meio a um clima de amor fraternal, visando promover maior abertura e confraternização.

**Palavras chave:** Anabatistas, Batistas, Pneumatologia, Eclesiologia, Pentecostal.



## ABSTRACT

This dissertation seeks to make theologically the pneumatological dimension of the church in perspective of the Baptist Church in Brazil. It is a research inserted in the project of studies on Pneumatology and Christian Experience, of the professor-orientador Dr. Marcial Maçaneiro, of the area of concentration in Theology, Evangelization and Religious Diversity (PPGT-PUC-PR). In order to do so, one searches for the origins of the Baptists in the world, beginning with the Anabaptists and its relation with the movement of the Reformation, its expansion in Europe and soon in America, the missionaries coming to Brazil and the beginning of the Baptist denominations in that country. During the growth of the Baptist movement in Brazil, the formation of National Conventions and their relationship over the years was analyzed, analyzing the growth and subsequent division of the Conventions. It seeks to articulate pneumatology and ecclesiology in the light of the major Baptist Conventions in Brazil: the Brazilian Baptist Convention (CBB) and the National Baptist Convention (CBN), bringing the declarations of faith closer to these Conventions. The pneumatological elements related to communion (unity, diversity, koinonia, diaconia and ordinances), as well as the individuation of the elements related to the mission (gifts, ministries, evangelism and missionary vocation) are also studied in this work. Another point to emphasize in this dissertation is the perspective of the approximation / understanding of the Pentecostal experience lived in the churches of these Conventions. It is understood that there are theological needs and opportunities that clarify the data of faith that the Holy Spirit is the constituent of the Church and demonstrate how the nexus between Ecclesiology and Pneumatology is in the confession of faith. Finally, it is intended to demonstrate the urgency between the understanding between classical Baptists and Pentecostal Baptists, seeking unity in the essential questions of Christianity, intensifying the dialogue between groups. Historical-bibliographic research was used as a qualitative and descriptive-analytical method to map the experiences of Baptists in Brazil and thus to locate the Baptists in time, their tendencies, events and phenomena, in the sense of providing answers to the questioning. As source of research was used the Library of the First Baptist Church of Curitiba - PIB Curitiba; PUC-PR Library; Books nominated by the PUC-PR advisor and by the President of the First Baptist Church of Curitiba; sites of the Brazilian Baptist Convention, National Baptist Convention and Baptist churches were used, studies were carried out on sites that showed historical accounts of the experience of faith and the survival of Baptists in their journey to analyze the relationship between the Holy Spirit, the Church and the State, between the pneumatological-ecclesiological. Conclusão dos resultados.

**Keywords:** Anabaptists, Baptists, Pneumatology, Ecclesiology, Pentecostal.

## LISTA DE ABREVIATURAS

ABM	Aliança Batista Mundial
Ap	Apocalipse
At	Atos dos Apóstolos
Cl	Colossenses
CBB	Convenção Batista Brasileira
CBN	Convenção Batista Nacional
Dt	Deuteronômio
Ec	Eclesiastes
Ef	Efésios
Ez	Ezequiel
Fm	Filemon
Fp	Filipenses
Gl	Gálatas
Gn	Gênesis
Hb	Hebreus
JAMI	Junta Administrativa de Missões
Jl	Joel
JMM	Junta de Missões Mundiais
JMN	Junta de Missões Nacionais
Jo	João
Jr	Jeremias
Jz	Juízes
Lc	Lucas
Mc	Marcos
Ml	Malaquias
Mq	Miquéias
Mt	Mateus
Rm	Romanos
Sl	Salmos
Tg	Tiago
Tt	Tito

Zc	Zacarias
1 Co	1a. Carta aos Coríntios
2 Co	2a. Carta aos Coríntios
1 Rs	1o. Livro de Reis
2 Rs	2o. Livro de Reis
1 Sm	1o. Livro de Samuel
2 Sm	2o. Livro de Samuel
1 Tm	1a. Carta a Timóteo
2 Tm	2a. Carta a Timóteo
1 Ts	1a. Carta aos Tessalonicenses
2 Jo	2a. Carta de João
2 Pe	2a. Carta de Pedro

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Lista dos dons espirituais do novo testamento.....	102
--	-----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>1. BATISTAS: UM OLHAR HISTÓRICO-TEOLÓGICO</b> .....	<b>19</b>
1.1 BATISTAS NO MUNDO .....	19
1.2 BATISTAS NA AMÉRICA.....	29
1.3 BATISTAS NO BRASIL.....	33
1.4 CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA (CBB), CISMA DOS BATISTAS BRASILEIROS, CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL (CBN) E ALIANÇA BATISTA MUNDIAL .....	36
1.4.1 A Formação da Convenção Batista Brasileira (CBB) .....	36
1.4.2 Cisma dos Batistas no Brasil.....	40
1.4.3 A Convenção Batista Nacional (CBN) .....	44
1.4.4 A Comissão dos Treze na Visão do Movimento de Renovação Espiritual .....	48
1.4.5 A aproximação entre a CBB e a CBN .....	50
1.4.6 A Aliança Batista Mundial.....	51
1.5 PRINCÍPIOS BATISTAS .....	51
<b>2. O ESPÍRITO SANTO E A IGREJA NA DOCTRINA BATISTA</b> .....	<b>61</b>
2.1 DECLARAÇÃO DOCTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA A RESPEITO DO ESPÍRITO SANTO .....	61
2.1.1 O Espírito Santo como Consolador .....	67
2.1.2 A inspiração e a autoridade das Sagradas Escrituras .....	68
2.1.3 O Espírito Santo e Pentecostes .....	69
2.1.4 O papel do Espírito Santo na conversão do cristão .....	71
2.1.5 O Espírito Santo e o selo do cristão .....	72
2.1.6 O Espírito Santo guiando o cristão.....	73
2.1.7 O Espírito Santo, dons espirituais e talentos.....	73
2.1.8 O Espírito Santo, batismo e plenitude .....	74
2.2 DECLARAÇÃO DOCTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL SOBRE O ESPÍRITO SANTO .....	74
2.3 CONSIDERAÇÕES DE TEÓLOGOS SOBRE OS DONS DO ESPÍRITO SANTO .....	78
<b>3. O PAPEL DO ESPÍRITO SANTO NA COMUNHÃO</b> .....	<b>86</b>
<b>MISSÃO E SANTIFICAÇÃO DA IGREJA BATISTA</b> .....	<b>86</b>

3.1 O ESPÍRITO E A COMUNHÃO .....	86
3.1.1 Definição de comunhão.....	86
3.1.2 Características da comunhão .....	87
3.1.3 Presença do Espírito Santo no processo de comunhão da Igreja .....	88
3.2 O ESPÍRITO E A MISSÃO .....	89
3.2.1 Definição de missão .....	90
3.2.2 A relação entre Espírito Santo e missão .....	93
3.2.3 A relação entre os dons do Espírito Santo e a missão .....	95
3.3 O ESPÍRITO E A SANTIFICAÇÃO.....	96
3.3.1 Definição de santificação.....	97
3.3.2 O Espírito e a santificação do crente.....	100
3.3.3 A presença dos dons do Espírito Santo na comunhão, missão e santificação da igreja .....	101
3.3.3.1 A importância dos dons espirituais na comunhão, da missão e santificação da igreja .....	103
3.3.4 O Espírito Santo aproximando os batistas brasileiros e os batistas nacionais .....	104
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>105</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>109</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda como tema “a dimensão pneumatológica da igreja sob a perspectiva da igreja batista no Brasil”. O estudo é fruto das inquietações desenvolvidas desde 1986, fomentadas durante trinta anos, pelo autor, como cristão batista, pertencente à Convenção Batista Brasileira (CBB), período de sua conversão ao evangelho, ao migrar do catolicismo ao meio batista, sendo um membro ativo de diversas unidades da CBB, nos Estados de São Paulo e do Paraná, onde residiu, no segundo caso, está radicado atualmente.

O autor, atuando durante muitos anos, como um líder de ministérios ligados ao ensino e a administração eclesiástica percebeu que as igrejas da CBB tinham pontos distintos no que se refere à doutrina do Espírito Santo, porém, algumas enfatizam mais os dons do Espírito em comparação às outras.

Nesse contexto, notam-se divergências em relação aos dons espirituais entre as igrejas CBB, com seu início na década de 60, culminando na divisão da organização, em 1965, resultando na “Convenção Batista Nacional (CBN)”, sendo essa uma outra organização denominada igreja renovacionista. Nesse mesmo ano, cerca de 32 igrejas foram expulsas da CBB por crerem de forma diversa acerca dos dons espirituais.

Atualmente, estas duas organizações são relevantes no cenário evangélico brasileiro e para entender o que de fato a igreja batista é hoje, se faz necessário antes entender o que ela foi ontem, especialmente, por meio da reflexão histórico-teológica e eclesiológica que objetivará percorrer a trajetória dos batistas ao longo de seu percurso.

Esse estudo procura analisar a dimensão pneumatológica da igreja, em uma abordagem sistemática sob a perspectiva da igreja batista no Brasil. Para tanto, estudam-se as origens da denominação batista no mundo, sua relação com o movimento da Reforma, sua expansão na Europa e nas Américas. Analisa-se ainda a vinda dos missionários para o Brasil, o início das denominações batistas no país, o crescimento do movimento batista no Brasil, a formação da Convenção Batista Brasileira (CBB), da Convenção Batista Nacional (CBN) e seu relacionamento no decorrer dos anos, no sentido de avaliar seu crescimento e posterior divisão dessas Convenções.

A divisão da CBB formou a CBN, cujo evento ocorreu justamente na década de 60 devido ao entendimento divergente sobre a santificação, as experiências emocionais e os excessos consequentes da ênfase na doutrina do batismo pelo Espírito Santo. A CBB afirmava que a crença do batismo no Espírito Santo, como uma segunda bênção, não encontra base nas Escrituras e que a plenitude do Espírito Santo e o batismo pelo Espírito Santo são eventos diferentes.

No entanto, ao analisar a literatura depara-se com um contexto recente no meio evangélico, que teve início em torno de 1900, em que o movimento pentecostal passa registrar um marco inicial de acontecimentos que ocorreram na rua Azusa, nos Estados Unidos, o que requer uma reflexão teológica para examinar sua identidade confessional e a articulação com a pneumatologia, o que se constitui o convite pentecostal<sup>1</sup>.

Neste convite, Moltmann lança o desafio do encontro para unir as igrejas com diferentes experiências e teologias do Espírito Santo, cujo desafio era superar as dolorosas divisões e ter a perspectiva de união das igrejas separadas. Esta separação muitas vezes atribuiu-se pelos pioneiros desses movimentos ao Espírito Santo. E desse contexto verifica-se que o movimento batista participa ativamente desde longa tradição, embora seja uma igreja evangélica, assume características identitárias próprias, com origem pré-reformada em seu momento nascente e na expressão recente é uma igreja pós-pentecostal, mais particularmente no Brasil.

E sob essa perspectiva surge o interesse e a oportunidade teológica do autor estudar de que forma a tradição batista brasileira (CBB) compreende o dado de fé e a evidência de que o Espírito Santo é um elemento constituinte da igreja.

A pesquisa questiona pontos importantes como: Existem de fato, evidentes nexos teológicos entre o Espírito Santo e a igreja na compreensão batista da eclesiologia? Existe ponderação e reflexão teológica entre os elementos pneumatológicos de comunhão e sua missão? Existe um volume de reflexão e debate sistematizado sobre os temas objeto de estudo? Existem experiências batistas “de fronteira” que busquem aproximar a CBB e a CBN?

Entre as hipóteses a serem testadas nesta pesquisa, tendo como base o problema inicialmente mencionado, procurou-se afirmar alguns questionamentos para nortear a investigação, sendo o Espírito Santo um elemento constituinte da igreja,

---

<sup>1</sup> MOLTSMANN, Jürgen. **O espírito da vida de Jurgen Moltmann**. São Paulo: Vozes, 2010, p. 15.



assim, a manifestação de dons e dos carismas (novo pentecostes) encontram repouso na eclesiologia batista brasileira; se não houver o discernimento e a discussão sobre o significado dos dons e sobre a plenitude do Espírito Santo na igreja, as bênçãos que o acompanham, as obras e as ações decorrentes deste, os conflitos e as tensões tendem ocorrer entre os fiéis; em uma estrutura democrática, como são as igrejas batistas, a comunicação e a interpretação dos elementos teológicos de comunhão e missão (unidade, diversidade, koinonia e ordenanças) deve permear internamente, de maneira efetiva, na relação entre seus membros; as expressões de debate, a interação e as ações “de fronteira” entre as igrejas CBB e CBN têm surgido, evidenciando certa aproximação, embora não haja formalização ou oficialização entre as partes.

No objetivo geral procura tematizar a abordagem, os nexos e as tensões entre a perspectiva pentecostal e a tradição da confissão batista, para responder as interpelações da eclesiologia e da pneumatologia e sua missão na atualidade. Analisar a expressão desses elementos na confissão de fé, em face à experiência pentecostal para favorecer o diálogo e a compreensão entre os batistas brasileiros (CBB) e os batistas nacionais (CBN) buscando maior unidade na denominação.

Como objetivos específicos busca compreender a dimensão pneumatológica da igreja batista em seu contexto histórico; expor os principais elementos pneumatológicos sobre a comunhão (unidade, diversidade, koinonia, diaconia, ordenanças, etc.), individuar os elementos pneumatológicos sobre sua missão (dons, ministérios, evangelismos, vocação missionária, etc.); articular a relação entre pneumatologia e eclesiologia, à luz de artigos presentes na Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira (CBB) e da Convenção Batista Nacional (CBN); aproximar as declarações de fé da CBB e da CBN, especialmente, no que toca ao Espírito Santo; caracterizar a perspectiva batista de aproximação da doutrina para compreender a experiência pentecostal.

Utilizou-se o modelo de pesquisa histórico-bibliográfica, de caráter qualitativo, para entender o contexto do fenômeno batista atual. Em sendo uma pesquisa histórica utilizou-se o método descritivo-analítico para mapear as experiências passadas dos batistas na Europa e no América, com ênfase no Brasil, localizando as pessoas no tempo, as tendências dos batistas, os eventos e os fenômenos que ocorreram, visando proporcionar respostas ao tema abordado nesta dissertação.

Entre as fontes utilizadas estão as seguintes: Biblioteca da Primeira Igreja Batista de Curitiba – PIB Curitiba; Biblioteca da PUCPR; Livros indicados pelo Orientador dessa dissertação, da PUCPR e pelo Pastor Presidente da Primeira Igreja Batista de Curitiba; utilizaram-se os sites da Convenção Batista Brasileira, da Convenção Batista Nacional e das igrejas batistas e, finalmente, capturaram-se alguns estudos em sites que trouxeram significativa contribuição à pesquisa, dispensando desenvolver estudos em campo, uma vez que evidenciaram-se uma série de relatos históricos sobre a experiência de fé e sobre a sobrevivência dos batistas em sua trajetória de percurso. O enfoque da revisão de leitura foi verificar a relação entre o Espírito Santo e a Igreja, entre o pneumatológico-eclesiológico.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro, sob o título “Batistas: Um olhar histórico – teológico” pretende expor o caminho percorrido pelos batistas na Europa, na América do Norte e no Brasil, desde suas raízes do anabatismo, abordando a relação destes com os principais líderes da Reforma Protestante, a chegada dos batistas nos Estados Unidos e posteriormente no Brasil. Ainda neste capítulo pretende-se relatar a formação da Convenção Batista Brasileira (CBB), a divergência doutrinária com relação aos dons do Espírito Santo ocorrida dentro da CBB e suas consequências para a denominação, dando origem à Convenção Batista Nacional (CBN).

O segundo capítulo, “O Espírito Santo e a Igreja na Doutrina Batista”, procura analisar as declarações doutrinárias da CBB e CBN com relação ao Espírito Santo, abordando as ênfases em cada declaração de fé. Expõe também considerações de teólogos cessacionistas e continuistas sobre os dons do Espírito Santo.

Finalmente como terceiro capítulo, “O papel do Espírito Santo na comunhão, missão e santificação da igreja batista”, busca-se apresentar de forma prática, como o Espírito Santo trabalha a comunhão, a missão e a santificação na vida dos cristãos batistas, tendo como referencia a Primeira Igreja Batista de Curitiba, vinculada à CBB, e a Igreja Batista da Lagoinha de Belo Horizonte, vinculada à CBN.

## 1. BATISTAS: UM OLHAR HISTÓRICO-TEOLÓGICO

Em relação à origem da denominação batista, ela não se deve ao nome de um líder religioso específico ou um movimento eclesial rotulado pelo nome de seu fundador, porém, suas raízes históricas alicerçam-se em crenças e práticas neotestamentárias.

Nesse sentido, nota-se que o Dr. Thomas Armitage, em sua obra sobre a história dos batistas desconsidera que houve uma linhagem sucessória das igrejas batistas, alegando que essa ideia conduz ao ensino de uma igreja infalível:

O mundo é muito mais devedor a uma linha individual de homens que lutaram pela verdade, cada um por si mesmo, do que a igrejas constituídas que possam traçar a sua linhagem sucessória visível desde os apóstolos sob qualquer denominação.<sup>2</sup>

O Pr. Jaime A. Lima, ao tratar dos batistas regulares, em uma obra de sua autoria, cita E.G. Griffith que afirma o seguinte:

Em essência, nós não somos sucessionistas no sentido papal. Não somos protestantes na acepção histórica. Não somos uma seita no sentido moderno. Nós somos sucessores dos que no passado procuraram manter a pureza bíblica da fé propagada sem levar em conta raça ou lugar.<sup>3</sup>

Não há consenso sobre a origem dos batistas entre historiadores eclesial, mas ao remexer em sua história podem-se obter dados que contribuam para estabelecer o caminho por onde esses homens andaram e o legado que deixaram, o que será desenvolvido na seção seguinte.

### 1.1 BATISTAS NO MUNDO

Historiadores eclesial não possuem consenso claro sobre a origem dos batistas no mundo cristão. No entanto, existem nomes relevantes no cenário histórico

---

<sup>2</sup> ARMITAGE, Th. **The history of the Baptists (1887)**. Vol 1. Maranatha Baptist Press, Watertown, WI, 1980, p. 6.

<sup>3</sup> LIMA, Jaime A. **Que povo é esse?** História dos batistas regulares no Brasil. 1. ed. São Paulo: Batista Regular, 1997, p. 13.

que contribuíram para propagar a denominação. Entretanto, não se pode afirmar que existe uma posição única e verdadeira, sem considerar o posicionamento de outros pesquisadores.

É importante compartilhar alguns fatos históricos da igreja que podem ter contribuído para formar a doutrina batista, o período compreendido entre 225-253 (a.D.)<sup>4</sup>, que trazem informações sobre dois importantes episódios que dividiram a igreja e um deles foi o batismo como meio para a salvação humana, contrariando os versículos do Novo Testamento (NT), em que afirmava que a salvação pela graça (At 15.11; Rm 11.6; Ef 2.8).

O batismo foi citado por diversas vezes na Bíblia e dava a entender que havia um possível relacionamento entre os princípios do batismo e da salvação, criando uma ideia de “Regeneração Batismal”. Em outras palavras, para alcançar o céu o indivíduo deveria ser batizado e assim sendo, o batismo era praticado como um meio de salvação, aumentando a rivalidade entre igrejas que não praticavam esse modelo de batismo. As igrejas não praticantes rebatizavam àqueles que chegavam, surgindo o apelido de “anabatistas ou rebatizadores”.

O rebatismo, àquele oriundo de igrejas consideradas “desobedientes”, foi objeto de divisão da comunidade cristã que, por serem pequenas, considerava-se que não possuíam o mesmo poder existente em igrejas maiores. Nesse sentido, instaurou-se alguns concílios para resolver essa situação, sendo dois deles realizados em Cartago, em 225 (a. D.), os quais decidiram excluir as igrejas que administravam o batismo como meio de salvação das almas, tais como as igrejas de Roma, Cartago e Antioquia, porém, a igreja de Éfeso permaneceu entre as que defendiam o rebatismo

Um episódio interessante nesse período foi a questão da hierarquia temporal, que feria a autoridade de Jesus Cristo. Nesse período, muitos dos líderes perceberam o cristianismo como um meio para obter posição de liderança na comunidade, o que levou a desviar-se dos ensinamentos bíblicos que consideravam todos iguais perante a igreja, mas esse não será objeto de pesquisa por envolver questões que se distanciam da temática em análise.

Em torno da hierarquia temporal, Earle E. Cairns, um historiador da década de 80, enfatiza o estabelecimento da figura de bispo monárquico, pela igreja romana, conforme descrito a seguir:

---

<sup>4</sup> Significa ano do Senhor.

A ênfase sobre o bispo monárquico que, como se cria, derivava a sua autoridade da sucessão apostólica, levou muitos a verem nele o centro da unidade, o depositário da verdade e o despenseiro dos meios da graça de Deus através dos sacramentos. Muitos convertidos vindos das religiões de mistério também contribuíram para o desenvolvimento do conceito da separação do clero dos leigos, ao destacarem a santidade da posição do bispo. A ceia do Senhor e o batismo tornaram-se ritos que somente poderiam ser dirigidos por um ministro credenciado.<sup>5</sup>

Os grupos minoritários passaram a agir contrário às decisões adotadas e por isso começaram a ser considerados hereges perante a igreja oficialmente criada. Um dos grupos minoritários, conhecido por montanista, seguidores de Montano, se identificavam com a doutrina do Novo Testamento, mas mesmo assim muitos erros foram praticados e mantidos pelos montanistas, embora eles fossem responsáveis por denunciar os desvios do romanismo à época. Segundo Soyres, não existem informações históricas confiáveis sobre os montanistas, levando o autor afirmar: “tudo o que sabemos é que Montano existiu”<sup>6</sup>.

No entanto, a partir de 253 (a.D.), dois grandes grupos se formam entre a igreja: os anabatistas, que rebatizavam os que vinham de outras igrejas, e os católicos, nomeado por Inácio de Antioquia, em 170 (a.D.), os quais defendiam o batismo infantil, remontando-se à era apostólica e que desconsideravam como sendo uma invenção da igreja romana.<sup>7</sup>

A partir do ano 313 (a.D.) as perseguições contra os anabatistas se intensificaram, sendo lideradas pelo bispo romano no Ocidente e pelo bispo de Constantinopla no Oriente, essas igrejas passaram a perseguir os grupos de rebatizadores, de forma tal que aqueles que fossem rebatizados pelos anabatistas sofreriam pena de morte. E assim, muitos líderes anabatistas foram condenados à fogueira, ao afogamento, à tortura e submetidos a outros meios cruéis de extermínio. E então, devido à perseguição fugiram para outras regiões onde havia maior tolerância religiosa, recebendo outros nomes nesses locais.

---

<sup>5</sup> CAIRNS, E.E. **O cristianismo através dos séculos**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 96.

<sup>6</sup> SOYRES, John de. **Montanism and the primitive church**. Cambridge: Deighton Bell & Co, 1877, p. 31.

<sup>7</sup> LANDES, Phillippe. **Estudos bíblicos sobre o batismo de crianças**. 3. ed. São Paulo: Casa Presbiteriana. 1979. Disponível em <<https://biblio.pibcuritiba.org.br/ARQS/prodola/Catalogo/1097evang%E9lico%20-%20philippe%20landes%20-%20estudos%20b%E9blicos%20sobre%20o%20batismo%20de%20crian%E7as.pdf>>. Acesso em 21 dez 2017.

Entre os séculos IV e X houve severa perseguição contra os anabatistas, muito especialmente, quando outros grupos se identificaram com a “doutrina anabatista” tais como os montanistas, os paulicianos, os donatistas e os novacianos na Ásia Menor e Europa.

Os novacianos, da origem de Novácio, viveram no período de 251 (a.D.), e concentraram na Ásia Menor e Europa, o primeiro grupo, chamado *catharis*, que significa puro, foram assim denominados pela vida reta que levavam, crescendo mais que os Montanistas no Ocidente, os últimos cresceram mais na Ásia Menor e no Oriente.

O grupo de donatistas cresceu mais na África do Norte, eram originados de Donato, um bispo que viveu por volta de 311 (a.D.), mas tanto os donatistas como os novacianos se identificavam com a doutrina e com a disciplina.

Os paulicianos ou paulianistas surgem na segunda metade do século VII, viveram na Armênia e não há informações mais precisas sobre sua origem. Um relato do Prof. Julius Wellhausen, na biografia que escreveu sobre Maomé<sup>8</sup>, os chama por *sabian*, termo que se remete a batizador. Neste relato, Wellhausen afirma que os paulicianos povoaram as regiões da Síria, Palestina e Babilônia, escolhendo lugares difíceis para fugir da perseguição da igreja romana e grega.

Nesse mesmo sentido, verifica-se que W. Walker, historiador, também traz dados importantes sobre os paulicianos:

A principal controvérsia religiosa no Oriente durante esse período foi causada pelos paulicianos. Pouco se sabe sobre sua origem e história do movimento. Chamavam-se simplesmente de cristãos e seu apelido deve-se [...] a reverência que nutriam pelo apóstolo Paulo e não [...] a alguma vinculação concreta a Paulo de Samósata. O movimento parece ter-se iniciado com [...] Constantino-Silvano, de Mananális, perto de Samósata, por volta de 650-660. Reapareciam nele certas afirmações heréticas semelhantes às dos marcionitas e gnósticos, ou talvez delas derivadas. Embora rejeitassem o maniqueísmo os paulicianos eram dualistas, afirmando que este mundo é obra de um poder maligno, ao passo que as almas provêm do reino do bom Deus. Aceitavam o Novo Testamento com possível exceção dos escritos atribuídos a Pedro, como mensagem do Deus justo. Consideravam Cristo como um anjo enviado pelo Deus bom, por conseguinte, Filho de Deus por adoção. A obra de Cristo era primariamente de instrução. Repudiavam o monaquismo, os sacramentos exteriores, a cruz, imagens e relíquias. Seu ministério era de pregadores itinerantes e "copistas". Repudiavam [...] a hierarquia católica e opunham-se ao caráter exterior da vida religiosa ortodoxa comum.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Enciclopédia Britânica. Volume XVI. Verbete. In: *Enciclopédia Britânica*.

<sup>9</sup> WALKER, Williston. **História da igreja cristã**. Vol I. São Paulo: ASTE, 1967, p. 304.

Os quatro grupos, com as características de anabatistas, identificaram-se ao defender as verdades bíblicas que criaram, recusando-se ao espírito de comunhão com as outras igrejas. E ao longo de alguns séculos ganharam outros nomes, perseverando até o século XVI, surgindo em grande número nas regiões da Alemanha, Boêmia, Países Baixos e Inglaterra, devido à perseguição mais moderada nesses países. Sobre eles é preciso dizer que não existe um consenso entre teólogos sobre esses grupos, restando somente considerações sobre o fato de que esses grupos eram adeptos às práticas neotestamentárias.

José dos Reis Pereira, pastor e teólogo nacional, em sua obra “Uma Breve História dos Batistas” discorda totalmente sobre a ligação destes grupos com os batistas atuais, alegando que esses movimentos eram cisões pontuais, quanto às questões doutrinárias da igreja dessa época:

A esta altura acho conveniente dar uma explicação antes que me peçam. Não mencionei, entre as resistências à corrupção nos primeiros séculos, os movimentos denominados montanismo, novacionismo e Donatismo, movimentos que muitas vezes são até apresentados como os batistas da idade primitiva. Há grave engano, entretanto, nisso. O exame dos referidos movimentos nos leva a classificá-los como cisões verificadas em igrejas cristãs de determinados lugares, não se prendendo, entretanto, essas cisões a questões doutrinárias sérias.<sup>10</sup>

Historicamente, Willian Rascoe Estep, em sua obra “Historia de Los Anabatistas” considera vaga a ligação do anabatismo com os evangélicos medievais, evidenciando-se a influência das Sagradas Escrituras naqueles chamados anabatistas:

*Es indudable que los anabautistas tenían mucho en común con los hermanos bohemios, los valdenses, los místicos medievales y otros grupos evangélicos, antipapales, de origen medieval. Históricamente, sin embargo, la conexión es vaga. Lo que si es mucho más evidente es la influencia de las Escrituras sobre aquellos que fueron llamados anabautistas. Parece ser que las Escrituras fueron más importantes para señalar el origen de los anabautistas que los valdenses, los humanistas evangélicos o los franciscanos espirituales, todos juntos o por separado. El testimonio que éstos dejaron, al menos, constituye un capítulo indeleble en el comentario de la historia sobre las Escrituras.<sup>11</sup>*

<sup>10</sup> PEREIRA, José dos Reis. **Uma breve história dos batistas**. Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1979, p. 32.

<sup>11</sup> ESTEP, Willian Rascoe. Historia de los anabautistas: revolucionarios del siglo XVI, XVI. **Paperback**, 1975, p. 24. Consulta na Biblioteca da Primeira Igreja Batista de Curitiba. Disponível em <[www.iglesiareformada.com\\_https://biblio.pibcuritiba.org.br/ARQS/prodola/Catalogo/5906http\\_\\_\\_www.iglesiareformada.com\\_estep\\_anabautistas.pdf](https://biblio.pibcuritiba.org.br/ARQS/prodola/Catalogo/5906http___www.iglesiareformada.com_https://biblio.pibcuritiba.org.br/ARQS/prodola/Catalogo/5906http___www.iglesiareformada.com_estep_anabautistas.pdf)>. Acesso em 18 out 2017.

Nota-se que no século XVI os anabatistas se destacaram mais na Europa, mas eram vistos como hereges e fanáticos por alguns e santos por outros. Mas afinal, o que se poderia afirmar sobre esse movimento com a Reforma e quais foram os seus principais objetivos?

O historiador A. G. Dickens elaborou um relato acerca da origem, organização e doutrina dos anabatistas, no século XVI, embora não defenda os anabatistas, não nega que se tratava de um grupo de cristãos diverso do catolicismo e do protestantismo, conforme relato de sua autoria:

Em que sentido pode o anabatismo ser chamado de um movimento? Não podemos certamente falar de uma reforma anabatista como falamos de uma reforma luterana, zwingliana ou calvinista. Os anabatistas não tinham nenhum chefe espiritual, nenhum código de doutrina largamente aceito, nenhum órgão central dirigente (eram independentes). Não influenciaram os governos, não modelaram as sociedades nacionais, não conservaram uma administração política por importante período de tempo. Nessa comunidade marginal (ao lado) de crentes, a disciplina não limitava apenas ao batismo, ainda que este rito fosse considerado essencial para participar da redenção. A Confissão de Schleitheim, um de seus documentos mais largamente divulgados, redigida em 1527, talvez pelo mártir Miguel Sattler, reduz-se a sete artigos: O batismo, diz-se, só será concedido aos que conheceram o arrependimento e mudaram de vida, e que entrem na ressurreição de Jesus Cristo. Os que estão no erro não podem ser excomungados antes de advertidos por três vezes, e isto deve-se fazer antes do partir o pão, de maneira que uma igreja pura e unida se reúna. A ceia do Senhor é só para os batizados, e é um serviço comemorativo. Os membros devem deixar o culto papista (católico) e antipapista (protestante), não tomarem parte dos negócios públicos (que eram na sua maioria imoral) renunciam a guerra e as diabólicas e anticristãs arma de fogo. Os pastores devem ser sustentados pelas congregações, a fim de poderem ler as escrituras, assegurar a disciplina da igreja e dirigir a oração. Se um pastor é expulso ou martirizado, deve imediatamente ser substituído, e ordenado outro, para que o rebanho de Deus não seja destruído. A espada destina-se aos magistrados temporais, a fim de poderem castigar os maus, mas os cristãos não devem usá-la, mesmo em legítima defesa, como também não devem recorrer à lei ou tomar o lugar dos magistrados. São proibidos os juramentos.<sup>12</sup>

Embora a intenção dos anabatistas tenha sido admirável, foram aplicados duros golpes aos reformadores e sua falta de sensibilidade, principalmente, pelos camponeses, apagando parte da luta de Lutero e Zwinglio, com o surgimento do liberalismo. Na visão de alguns homens da época, o anabatismo era um movimento que procurava enfraquecer as estruturas sociais da Europa, já frágeis na época, sendo perseguidos pelo caráter social do movimento, não somente religioso.

---

<sup>12</sup> DICKENS, A. G. **A reforma e a europa do século XVI**. Lisboa: Verbo, 1971, p. 141-142.



Os anabatistas e Lutero foram personagens que marcaram o cristianismo no século XVI, apoiando o movimento antipapista, de forma tal que os anabatistas mudaram para a Alemanha para apoiar Lutero em seu discurso, mas quando Lutero obteve poder temporal voltou-se contra os anabatistas que, segundo Stefan Zweig, em sua obra, “Os Caminhos da Verdade”, afirma que:

Lutero abraçava, sem restrições e definitivamente, a causa da autoridade contra o povo: O asno, dizia ele, precisa de pauladas; a plebe deve ser governada com a força [...]. Iniciava-se já a perseguição aos livres pensadores e aos dissidentes, instaurava-se a ditadura do partidarismo [...]. Arrancava-se a língua aos anabatistas, atenazavam-se com ferros candentes e condenavam-se à fogueira como hereges os pregadores, profanavam-se os templos, queimavam-se os livros e incendiavam-se as cidades.<sup>13</sup>

Muitos historiadores consideram que o nascimento do anabatismo na Europa ocorreu em 21 de janeiro de 1525, em uma reunião realizada na residência de Felix Manz<sup>10</sup>, próxima a cidade de Grossmünster, estando entre os personagens, W. R. Estep, que registrou em sua obra “Revolucionários del siglo XVI” esse posicionamento.

Nessa ocasião, o testemunho de George Blaurock foi escrito no documento conhecido como *The Large Chronicle of the Hutterian Brethren*, o qual relata que George e os demais presentes, após orarem a Deus para mostrar a vontade divina e dar misericórdia, pede a Conrad Grebel que lhe batizasse com base em sua fé e conhecimento, com o verdadeiro batismo cristão. E assim foi feito com os que estavam naquela casa, todos se comprometendo a se tornarem verdadeiros discípulos de Jesus Cristo, vivendo em separado do mundo, ensinando o evangelho e conservando sua fé.

Foi assim que se constituiu a primeira igreja anabatista na Suíça, resultante do movimento e da ação revolucionária no período da Reforma, o grupo considerou ter criado uma igreja modelo, inspirada no Novo Testamento<sup>14</sup>.

Entre os anos de 1525 e 1528, Baltasar Hubmaier, considerado, talvez, o mais culto entre líderes anabatistas, liderava um grupo na região da Morávia e seus escritos foram importantes ao movimento, um notável orador, contemporâneo de Zwinglio, com quem teve divergências sobre o batismo infantil. Porém, em 1528, após novos

<sup>13</sup> ZWEIG, Stefan. **Os caminhos da verdade**: Américo Vespúcio e Erasmo de Rotherdan. Rio de Janeiro: Guanabara, 1943, p. 223 e 208.

<sup>14</sup> ESTEP, 1975, op cit., p. 18.

embates entre a igreja romana e a igreja reformada foi queimado em fogueira pública.<sup>15</sup>

Sobre Zwinglio, pode-se dizer que foi um reformador expoente na época de Lutero e que escolheu Zurique para espalhar seu movimento, convencendo muitos dos anabatistas a migrarem para essa cidade pela oportunidade concedida de liberdade religiosa. Ele despertou enorme empatia entre anabatistas e simpatizantes.

Em setembro de 1532, muitos dos anabatistas, especialmente, os valdenses<sup>15</sup> se juntaram ao zwinglianismo, oportunidade essa que Zwinglio aceita a adesão dos que concordavam em toda a doutrina, porém, rejeitava os que se recusassem, iniciando uma perseguição feroz apoiada por ordem do senado local, alegando que ao que se atrevesse batizar alguém que já havia sido batizado durante sua infância seria afogado e morto. Essa ordem foi divulgada em todas as cidades da Suíça de ascendência alemã, resultando na morte por afogamento de muitos anabatistas.

Com base nos fatos analisados anteriormente nota-se que os anabatistas não se uniram aos reformadores, pois as igrejas que saíram da Reforma deixaram resquícios da doutrina católica, não sendo mais aceitas pelos anabatistas.

A primeira discordância foi sobre o batismo infantil, pois nessa época praticamente todas as igrejas da Reforma batizavam as crianças recém-nascidas, um modelo que, segundo os anabatistas não se respaldava nos preceitos bíblicos. A segunda foi sobre a formação de uma igreja oficializada, como a igreja luterana, na Alemanha, a igreja anglicana, na Inglaterra e a igreja presbiteriana, na Escócia. A terceira foi a separação entre as entidades igreja e Estado foi um dos principais pontos defendidos pelos anabatistas. A quarta foi sobre a necessidade de criar uma ordem hierárquica na igreja, colocando uma unidade acima das demais, ficando os pastores sob o comando de alguns hierarquicamente selecionados. A quinta foi sobre a prática do batismo por aspersão, não por imersão. Devido a essas discordâncias os anabatistas não poderiam ser comparados com as igrejas da Reforma. Nesse sentido, nota-se que Dickens comenta em seu livro “a Reforma e a Europa do século XVI” o seguinte:

Durante os últimos anos fizeram-se estudos que nos levam a ver com novo respeito o sopro do idealismo cristão que alimentava os anabatistas. As horríveis crueldades de que foram alvo por parte dos católicos e dos protestantes chocam mesmo aqueles que os estudos dos costumes do século

---

<sup>15</sup> PEREIRA, 1979, op cit., p. 65.

XVI endureceram [...] a maioria destes sectários era constituída por homens sinceros e pacíficos, que teriam podido ser dirigidos sem recorrer ao fogo e ao afogamento [...] Haveria muito a dizer, se nós quiséssemos referir aos seus descendentes espirituais, as seitas do século XVII, da Inglaterra e da Nova Inglaterra, e para podermos afirmar que os anabatistas deram grande contribuição a liberdade religiosa e cívica. Uma revisão realista obriga-nos a acrescentar que nenhuma outra seita religiosa mostrou maior heroísmo passivo, face à perseguição.<sup>16</sup>

Os anabatistas foram considerados radicais no período da Reforma pela convicção de que os crentes deveriam ser batizados, se separando dos reformadores que buscavam implantar igrejas consistentes com a doutrina do Novo Testamento. As mudanças radicais na sociedade tornaram os anabatistas extremamente impopulares, perseguidos em vários locais, encontraram refúgio na Holanda, junto a Menno Simons, um antigo sacerdote de Witmarsun, um nome importante na história do movimento anabatista e seu posicionamento assinala o início de novos tempos na história de anabatistas holandeses.

Menno foi batizado em 1536 e começou, juntamente com os anabatistas, vindos de outras terras, a organizar igrejas, pregando em vários locais da Alemanha e Países Baixos, adotando uma forma pacífica de atuar. Na atualidade, os anabatistas holandeses são conhecidos por menonitas. No entanto, com o passar dos anos o prefixo “ana” foi retirado e passaram a chamar-se somente por batistas.

Na Europa, no século XVII, os batistas tinham forte desejo de praticar o cristianismo do Novo Testamento, pois muitos desejavam purificar-se completamente, libertando-se de vestígios oriundos do catolicismo romano, passando a ser chamados “puritanos”, permaneceram na igreja da Inglaterra por certo período, separando-se em seguida, tornando-se cristãos separatistas.

Em 1609, em Amsterdam, como resultado de uma reunião de um grupo separatista inglês com anabatistas holandeses (menonitas) estabeleceu-se a Primeira Igreja Batista, sendo o líder desse grupo John Smyth. Quando John Smyth começa a união dos menonitas, em 1609, um grupo de dez pessoas não concordou seguir adiante. Thomas Helwys liderava o grupo dissidente e sua intenção foi reafirmar sua crença na validade do batismo como princípio. Porém, Smyth concluiu que era uma situação de desordem, mas Deus era um Deus de ordem, e não seu contrário.

Para defender sua posição, Helwys escreveu uma confissão de fé chamada “Declaração de Fé do Povo Inglês Remanescentes de Amsterdam”, sendo essa a

---

<sup>16</sup> DICKENS, 1971, op cit., p. 143.

primeira Confissão de Fé dos Batistas, porém, diversos pontos de discórdia surgiram na confissão de fé. Helwys acreditava que o homem seria justificado pela justiça de Cristo, enquanto Smyth acreditava que o homem seria justificado, em parte, pela justiça de Cristo, em parte, pela justiça inerente ao próprio homem. Helwys afirmava a realidade do pecado original e o homem é naturalmente filho da ira, porém, segundo Helwys, usar o pecado original foi em vão.

Helwys também revelou várias doutrinas que expressavam mudanças teológicas distanciadas do Calvinismo. Uma delas foi quanto à extensão da expiação de Jesus Cristo, que ganhou o nome de “Princípios Gerais de Helwys e seu Grupo”. Alegavam que Jesus Cristo morreu por todos os seres humanos, não somente pelos eleitos. Esse ponto de vista trata da expiação geral, também rejeitaram a doutrina da perseverança dos santos, com isso, o homem poderia cair da graça de Deus mesmo tendo sido considerado salvo.

A seguir tem-se alguns pontos da Confissão de Helwys: A Escritura instrui, o foco desta instrução é Cristo; deve-se manejar as Sagradas Escrituras com reverência, pois Nela contém a Palavra de Deus; essa Palavra é um direcionamento exclusivo para tudo e todas as coisas.

Após Helwys e seu grupo retornarem à Inglaterra, em 1612, estabeleceram a Primeira Igreja Batista em solo inglês, quando ali Helwys publicou o primeiro volume dos direitos universais de liberdade religiosa, com a obra “Uma Breve Declaração do Mistério da Iniquidade”, porém, morto em 1616, ao publicar esse trabalho. Talvez, sua ousadia frente ao Rei James causou seu martírio, mas escreveu o prefácio pessoal ao Rei, com cópia do Mistério da Iniquidade, dizendo assim:

Ouve, ó Rei, e não desprezes o conselho dos pobres e deixe que as queixas deles venham diante de ti. O Rei é um homem mortal e não Deus e, portanto, não tem poder sobre as almas imortais de seus súditos, para fazer leis e ordenanças para eles e definir senhores espirituais sobre eles. Se o Rei tem autoridade para fazer senhores e leis espirituais, então és um Deus imortal e não um homem mortal. Oh Rei, não deixe-se seduzir por enganadores que pecam contra Deus, a quem deves obedecer, nem seja contra seus súditos pobres que deveriam te obedecer com o corpo e com os bens, ou então suas vidas são tiradas da terra. Deus salve o Rei. Spittlefield, perto de Londres. Tho. Helwys.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> BUSH, Luss L.; NETTLES, Tom J. **Baptists and the bible**. Chicago: The Moody Bible Intitute of Chicago, 1980, p. 32.

O Rei James não estava ansioso para ser instruído por Helwys. No entanto Helwys se sentiu comprometido até a morte com a palavra da verdade e não tinha medo de encarar o Rei, pois cria que a Escritura assim o exigia.

Após a morte de Helwys, a liderança da igreja caiu nas mãos de John Murton, que continuou o protesto contra a perseguição religiosa. Murton, por sua vez, com visão semelhante à Helwys, de natureza simples, para ele a Bíblia era perfeita, absoluta e inspirada por Deus. As Santas Escrituras são interpretadas por si mesmas, devido sua consistência, podendo ser interpretada pelos crentes, pois o Espírito Santo abre a mente para o entendimento humano.

Na Europa, outros nomes relevantes surgem, sendo fundamentais no crescimento dos batistas no mundo, como Thomas Grantham, Adam Taylor, Roger Williams, John Bunyan, John Russel, Benjamim Keach, John Gill, Andrew Fuller, William Carey, Adoniram Hudson e Charles Spurgeon.

## 1.2 BATISTAS NA AMÉRICA

Os primeiros colonos britânicos a se instalarem na América do Norte foram os puritanos que haviam rompido com a igreja da Inglaterra e da Reforma, mas conforme o tempo passava as divisões cresceram entre os grupos. Um deles continuou a ser chamado de puritano, outro teve vários nomes, incluindo o nome batista.

Os batistas estavam entre os primeiros colonos da América, defendiam fortemente a separação. O mais notável entre os primeiros batistas foi Roger Williams, um ministro puritano que veio para Massachusetts Bay Colony, em 1631, sendo convidado para se tornar o ministro da Igreja de Boston, no que recusou o convite, uma vez que a igreja não havia se separado da igreja da Inglaterra.

Roger Williams criticou os líderes civis de Massachusetts pelos seus esforços em legislar sobre questões ligadas à liberdade de consciência. E assim, a colônia passou a ter outros olhos para Roger, pedindo que deixasse a colônia. Tal fato ocorreu em 1636, deste evento funda-se a primeira colônia onde a igreja separou-se do Estado, a colônia de Rhode Island.

A Igreja Rhode Island iniciou-se em um terreno adquirido de nativos americanos, cujo local tornou-se um refúgio às pessoas perseguidas por suas crenças, tornando-se, inclusive, o local preferido por muitos dos batistas. Um outro

grupo expulso da colônia de Massachusetts juntou-se a Williams, liderado por Anne Hutchinson, que enfatizava a liberdade radical de consciência para continuar as revelações de Deus.

Os puritanos exilados em Rhode Island, chamados extremistas, mas que exerceram grande influência e autoridade na liderança de movimentos futuros frente ao impacto que estes e outros grupos tinham, que gradativamente foram se juntando a eles nesta região.

Logo no início os puritanos dominaram grande parte da região de New England, situada nas colônias ao Sul. E aqueles puritanos de primeira geração, altamente motivados, deram lugar aos seus descendentes, crescidos na igreja, porém, menos comprometidos com a causa da igreja, o que conduziu as igrejas a se tornarem mais frias.

Esse processo, chamado secularização permitiu que as igrejas ficassem mais à vontade com o mundo em seu redor. Nesse período, algumas organizações se desenvolveram para atender àqueles que estavam à procura de uma experiência espiritual mais profunda. Um movimento que iniciou em 1730, conhecido pelo nome de Primeiro Grande Avivamento, em New England, foi assim chamado, pois seus seguidores se sentiam novamente despertados para uma conexão mais profunda com Deus.

Jonathan Edwards, pastor em uma das igrejas de Northampton, Massachusetts, nos Estados Unidos, onde começou a realizar reuniões de avivamento, foi considerado um dos maiores teólogos pela maneira como mesclava a Teologia Calvinista<sup>18</sup>, com a ideia de experimentar pessoalmente a religião, dando ênfase à conversão emocional da América. Edwards ensinou como todos os calvinistas, que não se podia ganhar a salvação, mas ao mesmo tempo argumentou que preparassem seus corações para a graça de Deus, tornando-se, por fim, famoso pelos sermões poderosos, sendo o mais conhecido deles a obra “Pecadores nas Mãos de um Deus Irado”.

---

<sup>18</sup> A teologia calvinista acredita que Deus é Soberano em todas as coisas e portanto, o homem não tem participação alguma na própria salvação, logo, Deus predestinou os seus escolhidos para a salvação, uma vez que, a humanidade após o pecado não teria condições de se voltar ao Criador por estarem mortos em seus pecados e delitos. O calvinista não tem dúvidas de sua salvação, e nem por isso se acham um grupo seletivo, pelo contrário, o calvinismo atuou de forma forte na Reforma Protestante levando o evangelho para todas as pessoas. Cabe apenas a Deus o saber de todas as coisas e de quem são seus eleitos, os calvinistas seguem as Escrituras e prega a todos e seguem o mandamento do Senhor Jesus de pregar o evangelho.

Mesmo assim, muitos consideravam que o pregador mais famoso na América foi George Whitefield, um calvinista convicto que havia trabalhado junto a John Wesley, que ao visitar a América pela primeira vez, em 1739, vindo da Inglaterra, viajou de cidade em cidade pregando como visitante, chamado de ministro itinerante.

George pregou nas colônias do Maine e Geórgia, mas nem todos apreciavam sua pregação por criar controvérsias por onde passava, dizendo que os ministros locais eram mundanos, não convertidos. E seu ministério marcou grande divisão na igreja americana, posteriormente se dividiu entre a religião teológica/intelectualizada e a religião emocional e experiencial<sup>19</sup>. Suas diferenças exerceram grandes implicações na tradição da igreja americana.

Nesse contexto, quarenta anos após o Primeiro Grande Avivamento surge o Segundo, sendo mais abrangente, chegando ao norte de New York, a partir do sul. Um movimento foi teologicamente diferente, com ênfase arminiana<sup>20</sup>, em vez de calvinista, envolvendo em sua maioria, denominações batistas e metodistas. De fato, entre a guerra revolucionária os batistas e metodistas se tornaram a maioria entre protestantes da América, sendo que em 1850, em torno de 7,5% da população era episcopal e congregacional e 55% eram batistas e metodistas.

O início do Segundo Grande Avivamento, entre 1797 e 1801, estava associado a uma série de pequenos avivamentos em New England. Se Whitefield foi mentor do Primeiro Avivamento, Charles Grandison Finney, se tornou a figura central do Segundo Avivamento.

De 1825 a 1830, Finney conduziu uma série de reuniões de avivamentos em New York. Sua formação em Direito, serviu-lhe bem como pregador e seus ouvintes observavam que seus sermões soavam como se um advogado tivesse argumentando um caso ao invés de um ministro religioso pregando um sermão. E assim, houve uma ação controvérsica desde o início, argumentando que qualquer pessoa poderia organizar reuniões de avivamento, desde que fizesse uso de técnicas corretas.

De acordo com Finney, a religião se torna rotina quando previsível e amarrada a prazos. Afirmou que as reuniões de avivamento não devem estar presas a dias e

---

<sup>19</sup> Uma religião intelectualizada é aquela em que as pessoas buscam justificativas teológicas ou filosóficas pessoais para todas as questões. A religião emocional e experiencial tem como base uma experiência subjetiva onde o indivíduo tem um encontro ou união com uma entidade divina. Neste caso, a conversão se dá através da ação do Espírito Santo.

<sup>20</sup> Da linha de Jacob Arminio, teólogo e reformador, um dos pais da Reforma Protestante, defendia a extensão da expiação de Jesus Cristo para todos os homens, não somente aos eleitos, como aceitavam os calvinistas.

horários pré-definidos, também permitiu que as mulheres fizessem seus pronunciamentos públicos, argumentando que o pecado não era um aspecto da natureza humana, mas um ato voluntário evitável.

Finney acreditava que o homem possuía condições para escolher sua salvação e santidade, considerava que a real salvação era evidente naquele que é considerado salvo. O verdadeiro convertido poderia evitar o pecado, os prazeres do mundo e assim demonstrar seu compromisso de fé por meio da ação social.

O Segundo avivamento diferiu do Primeiro em alguns de seus aspectos, pois se o avivamento anterior se limitou essencialmente aos presbitérios e aos congregacionais, o Segundo atingiu todas as denominações, especialmente, os batistas e metodistas, com um crescimento vertiginoso, a ponto de se tornarem o maior grupo protestante na América do Norte. Porém, outra diferença observada foram as de ordem social-geográfica: enquanto que o primeiro avivamento ocorreu em áreas urbanas próximas ao litoral, o segundo irrompeu na chamada "fronteira," na região rural do meio-oeste com uma população móvel e instável organização social.

Entre os dois avivamentos que ocorreram, existe uma outra diferença que se refere à teologia, enquanto o primeiro movimento do século XVIII teve uma base solidamente calvinista, com ênfase na incapacidade humana e na iniciativa soberana de Deus, o segundo revela orientação nitidamente arminiana, com destaque no potencial de escolha do homem e em suas decisões.

A partir do segundo avivamento reuniões dessa natureza se tornam um fenômeno generalizado no protestantismo norte-americano, especialmente, na ala evangélica. Esse interesse resultou em curiosa instituição, perdurando até as primeiras décadas do século XX, com o denominado acampamento avivalístico (*camp meeting*). Tratava-se de grandes concentrações em zonas rurais, por vezes, confusas, em que centenas de pessoas, inclusive, famílias inteiras, se hospedavam em tendas e ouviam por vários dias uma série de pregadores avivalistas. Essas reuniões foram precursoras de grandes concentrações evangelísticas realizadas desde o final do século XIX até a atualidade, sob a liderança de homens como Dwight L. Moody, Billy Sunday e Billy Graham.

Além do notável crescimento das igrejas, um dos frutos mais valiosos e duradouros do segundo avivamento foi o surgimento de movimentos de natureza religiosa e social, como as "sociedades voluntárias". Essas organizações voltavam-se



para causas como educação religiosa, abolicionismo, temperança, distribuição das Santas Escrituras e, principalmente, missões nacionais e estrangeiras.

Cronologicamente, alguns exemplos marcantes instituídos, de fundação, foram os seguintes: Junta Americana de Missões Estrangeiras (1810), Sociedade Bíblica Americana (1816), União Americana de Escolas Dominicais (1824), Sociedade Americana de Tratados (1825), Sociedade Americana de Educação (1826), Sociedade Americana para a Promoção da Temperança (1826) e Sociedade Americana de Missões Nacionais (1826). O segundo avivamento contribuiu decisivamente para o movimento missionário do século XIX, que levou a mensagem evangélica e instituições evangélicas (igrejas, escolas, hospitais) a todas as regiões da terra, inclusive, para o Brasil.

A história batista da igreja americana teve e tem muitos outros nomes de destaque, como, Francis Willard, Aimee Semple McPherson, Martin Luther King e Pat Robertson. Na sequência, é tratado sobre a história dos batistas no Brasil.

### 1.3 BATISTAS NO BRASIL

Thomas Jefferson Bowen, considerado o primeiro missionário enviado ao Brasil pela Junta de Richmond (EUA), desembarcou na cidade do Rio de Janeiro, capital do mesmo Estado, Brasil, em 1860, mas não tendo se adaptado ao local devido a problemas de saúde, retorna para os Estados Unidos da América em pouco tempo.

O relatório emitido à Junta de Richmond por Bowen foi desanimador, ao citar diversos obstáculos para evangelizar no Brasil. Tendo a Junta acatado seu conteúdo na íntegra, por muitos anos não pensou no Brasil como um campo missionário. E ainda em 1860, nos EUA, tem início a Guerra Civil, quando muitos americanos pensaram em deixar o país, oportunidade em que o governo brasileiro se interessou em receber imigrantes americanos.

A partir de 1865, a Província de São Paulo recebeu muitos americanos na região de Santa Bárbara, os quais se estabeleceram na agricultura, construindo novas moradas e igrejas para sua comunidade. Em 1871 foram organizadas, nessa mesma região, três diferentes denominações religiosas, uma igreja dos metodistas, uma presbiteriana e em seguida a igreja batista, cujos sermões eram profetizados em

inglês, pois não havia interesse do povo que residia na região aprender a língua portuguesa, afastando os habitantes locais.

Após a Guerra Civil, a Junta de Richmond envia o casal Willian Buck Bagby e Anne Luther Bagby para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 02 de março de 1881. Dali eles seguiram para Santa Bárbara para se encontrarem com os americanos residentes em Santa Barbara e aprenderem a língua portuguesa. Zachary Clay Taylor e sua esposa Kate Stevens Crawford Taylor viajaram em seguida, desembarcando no Rio de Janeiro, aos 11 janeiro de 1882. Na região de Campinas, os missionários se reuniram e pensaram em estabelecer no Brasil um trabalho realmente missionário. Para isso, escolheram amiúde a cidade de Salvador para estabelecerem a Primeira Igreja Batista, ministrando em língua portuguesa. No entanto, outras frentes missionárias foram surgindo, como no Rio de Janeiro, ao instalar a Segunda Igreja Batista. Em fevereiro de 1889 fundaram uma igreja batista em Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais; em Maceió organizaram a igreja batista em maio de 1885 e, em Recife foi fundada a igreja em abril de 1886.

Salomão Luiz Ginsburg foi outro missionário de destaque, chegou ao Brasil em 1890, reeditou o Cantor Cristão, um hinário dos batistas, sendo publicado assim que chegou em território nacional. Foi o idealizador da Primeira Convenção Batista, resultando na união das igrejas de Cristo no sul do Brasil.

Um outro missionário de destaque foi W. E. Entzminger, primeiro missionário a atuar no Brasil com doutorado em Teologia. Em 1890, ele sentiu o chamado de Deus, aportando primeiro no Estado da Bahia e após no Estado de Recife. Escreveu livros que tiveram grande influência no meio batista como “O Poder do Alto” e “A Prática da Oração”. E ainda estabeleceu no Rio de Janeiro a Casa Publicadora Batista e o Jornal Batista, tornando-se o segundo autor que mais contribuiu para o hinário do Cantor Cristão, com 68 hinos somente de sua autoria.

Vale ressaltar, também, a presença do missionário Erick Alfred Nelson, o qual sentiu-se chamado para o Brasil, após ler um artigo em um jornal batista no idioma sueco, sendo essa sua língua materna, encontrando uma carta do missionário Bagby, que demonstrava as necessidades espirituais do Brasil. Sentiu que Deus estava chamando para esse país e em novembro de 1891 desembarcou em Belém, Estado do Pará, fundando igrejas em Belém, Manaus, São Luiz e Fortaleza. Erick Nelson foi chamado “Apóstolo da Amazônia”.

James Jackson Taylor chega ao Brasil em agosto de 1891, com sua esposa e seu filho com 4 anos de idade, seguindo para São Paulo, juntou-se aos Bagby e ali organizaram a primeira igreja na capital paulista. Participou com Ginsburg, na organização de outra igreja de origem alemã, na cidade de Campinas. Sua vinda para o Brasil foi dedicada ao sonho de estabelecer escolas e seminários. No entanto, a pregação da Palavra de Deus era sua grande paixão. Os dois maiores seminários da denominação, Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil foram adiante em função de sua persistência.

No início do século XX estes missionários americanos foram grandes líderes na história batista brasileira. Todos amavam a evangelização e o discipulado por serem homens dados à oração. Amavam a Bíblia, possuíam grande cultura, davam grande valor à música cristã, preocupavam-se em preparar os obreiros para dar continuidade ao trabalho missionário.

Os batistas, em suas caminhadas de evangelização pelo Brasil, se diferenciavam pelo batismo por imersão e ministração da Ceia do Senhor, diferente de outras igrejas históricas, como presbiteriana, metodista, congregacional e episcopal. A Ceia do Senhor não era considerada um sacramento, mas um memorial instituído por Jesus Cristo e pelo Apóstolo Paulo (Mt 26:26-30; 1 Co 11:23-30).

Os sete missionários citados, Thomas J. Bowen, Willian B. Bagby, Zachary Taylor, Salomão Ginsburg, Willian Entzminger, Erick A. Nelson e James Jackson Taylor, cuja biografia foi apresentada, foram grandes líderes no primeiro quarto de século da história batista brasileira, lançaram as bases humanas sobre as quais se fundou o trabalho e o progresso das igrejas batista do Brasil. Eles viveram o bastante para terem satisfação em ver frutificar a semente que lançaram e que com dedicação cuidaram.

Segundo Pereira, alguns missionários batistas que lideravam o avanço da evangelização no Brasil, lançaram fundamentos que ainda nos dias de hoje são considerados inestimáveis e fundamentais ao crescimento dos batistas:

1. O amor pela evangelização;
2. A piedade pessoal de cada missionário;
3. O amor pela Bíblia;
4. O valor do material impresso para a propagação do Evangelho;
5. Assinalar a importância dada pelos pioneiros à música;
6. A preocupação dos missionários em preparar obreiros nacionais para dar continuidade ao trabalho iniciado;

7. O propósito de ganhar almas para Jesus Cristo, através de entidades educacionais, citando a missionária Ana Bagby, ao fundar o Colégio Batista de São Paulo;
8. A preocupação que tinham os missionários quanto à correção de vida dos que iam se convertendo;
9. A implantação da disciplina eclesiástica para preservar o rebanho daqueles que não viviam conforme as regras estabelecidas;
10. Ser firmes quanto à doutrina, não fazendo concessões que pudessem desviar dos princípios bíblicos em que criam.<sup>21</sup>

O processo de formação histórica dos batistas no Brasil é permeado por uma série de lutas, crises e derrotas, mas também por inúmeras vitórias, permitindo forjar a formação de líderes influentes que se espalharam por todas as camadas da sociedade, surgindo a consciência missionária de responsabilidade para alcançar o país e o mundo, em geral com mensagens do evangelho de Jesus Cristo.

Na atualidade, planejam-se e confirmam-se as diversas ações para pregar o evangelho, por meio das instituições batistas no Brasil, que fornecem ânimo para seguir em frente com um padrão neotestamentário, tendo como principal alvo tornar o nome de Cristo conhecido em todo o país.

#### 1.4 CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA (CBB), CISMA DOS BATISTAS BRASILEIROS, CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL (CBN) E ALIANÇA BATISTA MUNDIAL

Essa seção trata sobre a Convenção Batista Brasileira – CBB, do Cisma dos Batistas Brasileiros – CBB, da Convenção Batista Nacional – CBN e, finalmente, como se constituiu a Aliança Batista Mundial.

##### 1.4.1 A Formação da Convenção Batista Brasileira (CBB)

Salomão Ginsburg obteve mérito ao pensar em uma Convenção Batista Nacional. Segundo Pereira, ele é considerado o pai da Convenção Batista Brasileira, tendo apresentado sua ideia em 1894, mas o projeto não foi levado adiante por falta

---

<sup>21</sup> PEREIRA, J. Reis. **História dos batistas no Brasil** (1882-1982). 2. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1985, p. 49 e ss.

de maturidade, os líderes da época estabeleceram uma organização planejada e criaram uma pequena convenção com os Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Após a realização de algumas Convenções Estaduais, um missionário chamado A. B. Deter com ministério no Estado do Paraná, manteve diálogo com Entzminger sobre a formação de uma Convenção Nacional, e tendo acertado com Ginsburg e Zacharias Taylor, o sonho de Ginsburg finalmente foi realizado.

Em 22 de junho de 1907 foi realizada a Primeira Assembleia da Convenção Batista Brasileira (CBB) e nesta Assembleia se percebeu a importância do trabalho missionário, criando a Junta de Missões Nacionais (JMN), a Junta de Missões Estrangeiras, as Juntas para a Casa Publicadora Batista, para a União da Mocidade Batista e para a Educação e Seminário.

Na Convenção seguinte, em 1908, funda-se a União Missionária de Senhoras Batistas do Brasil, quando nesse mesmo ano inaugura-se o Colégio e o Seminário Batista na cidade do Rio de Janeiro, capital do mesmo Estado.

Em 1909, a Convenção foi realizada em Recife, e nesta ocasião foi colocada uma sugestão de W.B. Bagby para que as assembleias fossem realizadas bianualmente devido às despesas geradas em cada evento desse porte. A sugestão foi aceita naquele momento, porém, não foi levada adiante e as assembleias voltaram a ser anuais. Neste mesmo ano, o Jornal Batista foi adotado como um órgão oficial da Convenção.

A Convenção seguinte, em 1910, foi realizada na cidade de São Paulo, capital do mesmo Estado, quando o missionário Bagby levanta a questão da composição dos membros da Assembleia, ou seja, se ela seria composta por igrejas ou por mensageiros. Esta proposta entrou em vigência em 1916, juntamente com a proposta anterior de Bagby, de se reunirem bianualmente.

A Convenção de 1912 foi realizada na cidade de Belém do Pará, no Estado do Pará e contou apenas com vinte e um representantes no total. O fracasso foi tão grande que seis meses depois, em 1913, foi realizada outra Convenção na Bahia. Nesta ocasião houve bons resultados registrados sobre as Juntas Missionárias, tanto nacional quanto estrangeira.

Quanto à Junta de Missões Nacionais, a boa notícia foi o fato dos obreiros dos Estados do sul do Brasil serem mantidos através de auxílio financeiro, o que contribuiu para que no sul o Pr. Manuel Virgínio de Souza fundasse a Primeira Igreja Batista em Curitiba, em 1914. Para a Junta de Missões Estrangeiras, a notícia foi relativa ao

missionário João Jorge que estava em Portugal, dizendo que havia dado início a construção de um templo na cidade do Porto.

Em 1914, a Convenção foi realizada no Rio de Janeiro e, pela primeira vez, lançou-se a ideia de realizar uma Convenção Batista na América Latina. Em 1915, a cidade de Vitória sedia a Convenção, ocasião em que se discutiu se as mulheres teriam o direito ao voto e serem votadas para ocupar cargos na instituição batista.

Na Convenção de 1916, realizada em São Paulo, adota-se a Confissão de Fé, de New Hampshire, com tendências Calvinistas, como a “Declaração de Fé das Igrejas Batistas no Brasil”. Outros fatos marcantes nessa Convenção foram a nomeação do Pr. João Jorge de Oliveira, como primeiro missionário batista brasileiro a Portugal e a entrega do “Cantor Cristão” à Convenção.

Em 1918, dois anos após, a Convenção se reúne na cidade de Vitória, no Estado do Espírito Santo e toma uma decisão que marca a data de criação da Junta das Escolas Dominicais, com o apoio de material didático da Junta da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos.

Em 1920, a Convenção foi realizada na cidade do Recife e, nessa Assembleia havia parco noticiário de destaque sobre as Juntas de Missões Nacionais. Já quanto à Junta de Missões Estrangeiras as notícias pairavam sobre Portugal, sendo iniciada uma classe de ensino teológico, por isso, foi decidido enviar três pastores do Brasil para ajudá-los.

A cidade de Rio de Janeiro sedia a Convenção de 1922, ano do centenário da independência do Brasil, tendo em pauta a criação de um Seminário único, que unisse os seminários do Rio de Janeiro e Recife, mas a ideia foi reprovada.

Nestas Assembleias realizadas, desde a criação da Convenção Batista Brasileira, teve-se a presença marcante dos batistas no cenário evangélico brasileiro, sendo edificadas templos, seminários e escolas, enviados missionários para vários Estados do Brasil, América Latina e Europa, sendo editadas publicações à Escola Bíblica Dominical e à União de Mocidades.

O número de membros das igrejas duplicou entre os anos de 1911-1920, mas apesar dessas conquistas exponenciais houve uma grave crise no cenário batista nacional com consequências danosas à denominação, chamada “Questão Radical”, mencionado na citação de Pereira a seguir, e que dividiu os batistas no norte do Brasil, mais particularmente, no Estado de Pernambuco. Segundo o autor, essa questão foi lamentável na história batista brasileira, porém, não permanecendo omissa fez com

que os batistas aprendessem lições diversas e assim pudesse crescer em anos seguintes. Pereira aponta possíveis origens dessa questão:

[...] o desejo que os novos líderes brasileiros do trabalho tinham de afirmar-se, assumindo funções de maior responsabilidade, visto que para isso se sentiam já capacitados; o espírito nacionalista que sucedeu à Primeira Guerra Mundial, com a correspondente rejeição da liderança dos missionários norte-americanos; as restrições dos obreiros brasileiros quanto aos gastos de recursos na obra educacional, em detrimento, segundo eles, das necessidades maiores e mais compensadoras da obra evangelizadora; a dependência financeira em que viviam muitos obreiros face aos missionários; o controle absoluto, por parte dos missionários, dos recursos financeiros provenientes dos Estados Unidos.<sup>22</sup>

Essa divergência entre missionários americanos e líderes brasileiros freou o progresso de um movimento que vinha crescendo exponencialmente. Se no período de 1911-1920 o crescimento dobrou, entre 1921-1930 passou para 70,6%, porém, entre os anos de 1931-1940 baixou ainda mais, chegando a 58%.

Nesse sentido, verifica-se que foram três anos de lutas que, segundo Pereira, causaram dolorosas feridas internas e mancharam externamente o nome batista no meio religioso brasileiro. Houve excessos, como em todo conflito, por ambos os lados. E avaliando o conflito anos após, a tendência foi dar razão aos líderes brasileiros, visto que os missionários americanos eram experientes, maduros e poderiam ter sido mais humildes, amorosos e pacientes na administração do conflito, porém, não foram.

Após um período de turbulências, aborda-se a trajetória batista brasileira a partir da década de 1960, sendo estabelecido um novo marco nessa caminhada marcada com o Cisma dos Batistas no Brasil.

Um grande evento marca o ano de 1960, entre os dias 26 de junho e 3 de julho, quando se realiza a Convenção da Aliança Batista Mundial, no Rio de Janeiro, capital do mesmo Estado, sendo encerrada no Estádio do Maracanã, quando Billy Graham prega no Estádio lotado. Como resultado, ao final, em torno de 2200 pessoas aceitaram o convite de seguir as pegadas de Jesus Cristo.

---

<sup>22</sup> PEREIRA, 1985, op cit., p. 113 e 114.

#### 1.4.2 Cisma dos Batistas no Brasil

Em 1965, na Assembleia realizada no Rio de Janeiro foram excluídas 32 igrejas da Convenção Batista Brasileira – CBB, por questões doutrinárias ligadas aos dons do Espírito Santo. Esse Cisma foi liderado pelo Pr. José Rego do Nascimento e Pr. Enéas Tognini.

Esse movimento, segundo José dos Reis Pereira foi chamado “Santa Insatisfação”, tendo natureza avivalista, se distinguiu por reviver uma fé que se tornara maçante, sonolenta e repetitiva, buscava promover sentimentos de piedade, de existencialismo, tendo como base experiências pessoais e não a adesão a doutrinas específicas.<sup>23</sup> Dessa forma, o movimento, assim chamado pelo próprio autor, passa ser frequente dentro das igrejas da CBB. O tema foi tratado no livro que levou a uma situação conhecida como “zona de conforto”, um status pelo qual as igrejas conservadoras estavam vivendo naquele momento.

Sempre houve, por parte das igrejas batistas do Brasil, o que poderíamos chamar de "santa insatisfação". Queremos traduzir com essas palavras a preocupação constante de manter um nível elevado de vida espiritual e moral, impedindo que a rotina viesse embotar as manifestações próprias do evangelho. Além de serem rigorosas na condenação dos vícios se no repúdio às faltas morais, as igrejas mantinham a prática de promover anualmente as chamadas "séries de conferências", que eram uma espécie de sacudida nos crentes porventura entorpecidos e um esforço concentrado para a conquista de mais almas.<sup>24</sup>

Uma outra contribuição para a ocorrência do Cisma foi a influência de Rosalee Mills Appleby, grande escritora que veio para o Brasil, em 1924, enviada pela Junta de Richmond, escreveu obras e ministrou palestras cheias do espírito avivalista que contagiava o ambiente e as pessoas.

Rosalee tinha em seu coração a necessidade que o Brasil necessitava de grande avivamento espiritual. Embora seu foco fosse evangelização de pessoas, reforçava a necessidade da intervenção do Espírito Santo, com palavras e testemunhos para que o efeito fosse mais eficaz. Porém, uma grave doença fez retornar aos Estados Unidos da América, entregando seu projeto ao Pr. José Rego do Nascimento, da Igreja Batista da Lagoinha, de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais. Embora, não fosse uma ameaça à CBB quanto às suas doutrinas, trabalhou

<sup>23</sup> PEREIRA, 1985, op cit., p. 193.

<sup>24</sup> Idem.



com alguns fatos, incluindo um programa de rádio chamado Renovação Espiritual, segundo descreve Pereira:

Iniciou, também, em Belo Horizonte, um programa radiofônico, que denominou "Renovação Espiritual". O objetivo da missionária era a evangelização, mas insistia em dizer, e muito bem, que os crentes, para poderem evangelizar direito, precisavam submeter-se inteiramente à orientação do Espírito Santo. Era preciso plena submissão ao Espírito para se ter uma vida vitoriosa, e ser capaz de evangelizar pela palavra e pelo testemunho.<sup>25</sup>

Logo após o retorno de Rosalee aos EUA, para tratar de uma grave doença que lhe acometeu, o Pr. Rego assume seu projeto. Nesse período, Rego, ex-bancário que se tornou pastor, tendo exercido ministérios anteriores em Olinda, Estado de Pernambuco e em Vitória da Conquista, na Bahia, na Igreja da Lagoinha, declara suas experiências com o "batismo no Espírito Santo" e o Pr. Rego assume a função de Rosalee.

No desempenho dessa nova função é convidado por um grupo de seminaristas para liderar uma reunião de despertamento espiritual, onde 50 seminaristas se reuniram louvando e orando a Deus em alta voz, eles declaram ter recebido experiências sobrenaturais com o Espírito Santo.

Esse fato foi prontamente desautorizado pela liderança do Seminário, alertando-os para o desvirtuamento da doutrina e sobre o excesso de emocionalismo, mesmo assim a liderança do Seminário levou o tema ao púlpito, dizendo que no Brasil o avivamento espiritual estava causando grandes alvoroços à igreja.

Nessa caminhada, o Pr. Rego se une ao Pr. Enéas Tognini, na época também Pr. da Igreja Batista de Perdizes, na cidade de São Paulo, capital de mesmo Estado e diretor do Colégio Batista da capital. Tognini se desligou de suas funções para dedicar-se a nova missão de avivamento espiritual. E dessa forma, o Pr. José Rego do Nascimento assumiu o projeto de Rosalee, em Belo Horizonte e o Pr. Enéas Tognini, agora com dedicação de tempo exclusivo ao movimento, se tornaram grandes precursores de um movimento que dividiu os batistas no Brasil. Pereira faz questão de afirmar a notória presença destes pastores no desenrolar do Cisma.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> PEREIRA, 1985, op cit., p. 194.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 194-196.

O movimento avivalista toma vulto entre as igrejas tradicionais, mas a igreja de Lagoinha já praticava em seus cultos celebrações avivadas, quando em julho de 1961, em uma Assembleia da Convenção Batista Mineira fica decidido a exclusão da Igreja Batista de Lagoinha, sob a alegação de práticas pentecostais. A partir desse evento, cerca de trinta igrejas se uniram ao Pr. Rego, formando a Convenção Batista do Estado de Minas Gerais.

Em 1962, um ano após, a Assembleia da Convenção Batista Brasileira, realizada em Curitiba, é proposto a criação de uma Comissão específica para estudar “a doutrina do Espírito Santo, à luz do que se entende por doutrina batista”, formada pela “Comissão dos Treze”, ou seja, ela era formada por treze integrantes da liderança da denominação batista, que foi constituída pelos seguintes pastores: pelo presidente da mesa e pelo presidente da CBB, sendo o Pr. Rubens Lopes presidentes de ambas as entidades; por três integrantes que defendiam a renovação, sendo o Pr. Rego, o Pr. Tognini e o Pr. Achilles Barbosa; por três integrantes contrários à renovação, sendo o Dr. Reynaldo Purim, o Pr. Delcyr de Souza Lima e o Pr. Harald Schlaly; por cinco integrantes que se mantiveram neutros, o Pr. João Filson Sorem, Pr. David Mein, Pr. Werner Kashel, Pr. David Gomes e Pr. José dos Reis Pereira; o Dr. Thurmon Bryant, que substituiu um dos membros que renunciaram o chamado.

Os batistas brasileiros aprenderam a lição com a crise administrativa de 1923 e souberam também tratar o tema doutrinário em alto espírito de fraternidade e oração. Todavia, durante os anos de 1962, 1963 e 1964 a comissão se reúne diversas vezes. Na Assembleia de 1964, após longa discussão fica decidido pelo desligamento de todas as igrejas excluídas das Convenções Estaduais pela identificação doutrinária de prática ao pentecostalismo.

O parecer da comissão, apresentado na Assembleia de 1963, em Vitória, concordava de forma unânime que o “batismo no Espírito Santo” nunca havia sido definido na Declaração de Fé dos Batistas, não podendo ser tratado como uma “segunda benção”. O termo é usado por cristãos pentecostais e carismáticos para definir o fato de que mesmo o homem sendo salvo e habitado por Cristo, não é tudo. Deus ainda poderá derramar seu poder e produzir o transbordamento do Espírito Santo com o falar em línguas, o que significa que o cristão foi batizado pelo Espírito Santo, sendo essa uma “segunda benção”.

Nota-se que a existência de dons e curas não expressavam o ponto de vista adotado pelos batistas brasileiros, que criam na atuação do Espírito Santo na vida dos

crentes, na forma de uma “santificação progressiva”, um processo que começa com a justificação, um ato divino, a declaração de não ser culpado perante Deus e continua ao longo da vida. Pode-se dizer que a justificação é o ponto de partida e chegada, ou seja, um processo de santificação e sua meta é tornar-se semelhante a Cristo.

O relatório fornecido pela comissão viria condenar as práticas pentecostais, incluindo o batismo no Espírito Santo, dons de línguas, profecias e orações em voz alta, praticadas pelo movimento renovacionista. Nesse sentido, a CBB mantinha seu posicionamento quanto ao “batismo no Espírito Santo” como uma segunda bênção por não encontrar respaldo nas Sagradas Escrituras para apoiar essa afirmação. Da mesma forma, verifica-se que a plenitude e o batismo no Espírito Santo são coisas diferentes. E assim sendo, em Pereira verifica-se os resultados da Comissão dos Treze:

Nesse Parecer, dizia, a Comissão, que deixava de definir o que seja "batismo no Espírito Santo", que nunca fora definido em declarações de fé batistas, mas afirmava que a crença em uma "segunda bênção", bem como na existência atual de dons de línguas e curas, não eram pontos de vista adotados pelos batistas brasileiros através dos anos; que o consenso dos batistas brasileiros era que a atuação do Espírito Santo, na vida dos crentes, se faz através de um processo chamado "santificação progressiva"; que manifestações emotivas, por mais sinceras que sejam, não podem ser apresentadas como padrão a ser seguido por todos; que a ênfase dada à doutrina do "batismo no Espírito Santo" tem causado reuniões barulhentas, carregadas de emocionalismo, próprias do pentecostalismo e tem provocado manifestações de orgulho espiritual, bem como proselitismo de crentes que não adotam tais ideias.<sup>27</sup>

E como esse parecer não expressava consenso entre a comissão, o Pr. Rego e o Pr. Tognini se desligaram do grupo. Na Convenção de 1965, realizada em Niterói, o tema foi novamente colocado em pauta, porém, não obteve acordo, ficando decidido que a CBB desligasse de seu rol de membros as igrejas já desligadas das Convenções Estaduais. E assim, a seguir ilustram-se alguns parágrafos, na íntegra, da Declaração Final da Comissão dos Treze:

A crença no batismo no Espírito Santo como uma segunda bênção, ou seja, como uma segunda etapa na vida cristã, ou seja, ainda, como uma nova experiência posterior à conversão, não encontra base nas Escrituras. Plenitude do Espírito Santo não é o mesmo que Batismo no Espírito Santo. E, antes, um estado espiritual ao deve e pode chegar o crente, estado este que se caracteriza por inteira dependência e obediência à vontade do Espírito Santo de Deus e pela capacitação para a realização de Sua obra.

---

<sup>27</sup> PEREIRA, 1985, op cit., p. 198.

A ênfase dada à doutrina do batismo no Espírito Santo como sendo uma segunda bênção tem originado os seguintes abusos, que, sinceramente, deploramos: 1) a realizações de reuniões que se notam os mesmos erros próprios que de reuniões pentecostais, isto é, a confusão no ambiente, a gritaria, os descontroles físicos, o falar línguas e outros excessos de emocionalismo. 2) uma atitude de orgulho espiritual, que não quer admitir opiniões opostas e que classifica de carnis e mundanos os que não participam das mesmas emoções e experiências. 3) Tentativas ostensivas ou veladas de proselitismo entre outras igrejas. A referida comissão deu três recomendações, transcreveremos a terceira:

Que as igrejas e pastores que se tenham afastados das doutrinas batistas e se aproximado das doutrinas pentecostais sejam convidados com todo o amor a um reestudo de sua posição à luz do parecer ora apresentado. Caso persistam em manter pontos de vista contrários à posição doutrinária sustentada pela Convenção Batista Brasileira, sintam-se à vontade para uma retirada pacífica e honrosa, em benefício da paz da causa de Deus. Tais recomendações se limitam àqueles que fazem de suas convicções divergentes motivo de atividade ostensiva, provocando inquietação, confusão e divisão.

São Paulo, 10 de outubro de 1963.

Rubens Lopes, Presidente

Werner Kaschel, secretário

Achilles Barbosa, com restrições

David Gomes

David Mein,

Delcyr de Souza Lima

Harald Schaly

José dos Reis Pereira

Reinaldo Purim

João Filson Soren.<sup>28</sup>

E como ocorre em toda divisão, a reunião da Comissão do Treze, acarretou em consequências negativas, como a Grande Campanha de Evangelização que estava agendada para ocorrer durante a realização desta Convenção em 1965. O tema da evangelização não foi focado devidamente como deveria ter sido feito, cedendo lugar a novas discussões sobre a divisão doutrinária.

#### 1.4.3 A Convenção Batista Nacional (CBN)

As igrejas desligadas da Convenção Batista Brasileira, chamadas de “igrejas renovadas”, formaram inicialmente a Ação Missionária Batista – AME e dois anos após, aos 16 de setembro de 1967, a Convenção Batista Nacional – CBN, que contava

---

<sup>28</sup> TOGNINI, Enéas. **História dos batistas nacionais**. Convenção Batista Nacional. 2. ed. Brasília/DF, 1993, p. 139.

com sessenta igrejas batistas em sua relação. Segue-se uma breve explicação sobre o nome “nacional”, trazido pelo Manual Básico Batista Nacional:

A CBN é Nacional porque foi constituída sem a contribuição formal de missionários ou obreiros estrangeiros, ou ainda, sem quaisquer recursos financeiros ou outros subsídios de instituições internacionais; nasceu como movimento de igrejas brasileiras, sob a orientação de brasileiros, 100% nacional. Eis o motivo da escolha do termo que a distingue das demais instituições batistas do Brasil.<sup>29</sup>

A CBN, fundada pelo Pr. Enéas Tognini, atualmente (2017) representada por centenas de igrejas batistas no Brasil, oferece serviços como seminários teológicos, escolas, clínicas médicas e diversas obras missionárias.

Segundo o Pr. Enéas Tognini, o ponto crucial de discórdia entre a CBB e a CBN foi uma “questão de ordem teológica”: o batismo no Espírito Santo como uma benção distinta de um novo nascimento<sup>30</sup>. Em seu livro relembra a história de que, em 1965, havia três correntes sobre a obra do Espírito Santo:

Uma esquerdista, que rasgava os estatutos das igrejas, tirava placas dos templos, gritava nos cultos e atacava os opositores. No outro extremo, o direitista, tínhamos os nossos irmãos da CBB, que nos combatiam e nos evitavam de toda maneira, como ainda fazem hoje. Dizem que somos barulhentos, proselitistas, subimos pelas paredes e só fazemos palhaçadas. Todavia amamos nossos irmãos e por eles oramos como Jesus orou na cruz. E no centro, estávamos nós e ainda estamos.<sup>31</sup>

O Pr. Enéas Tognini e o Pr. Rego do Nascimento, na época, ambos membros da CBB, publicaram sete números de um Boletim entre janeiro de 1960 a dezembro de 1961, chamado Renovação Espiritual, endereçado aos pastores batistas do Brasil. Apresentaram algumas razões sobre a publicação, uma delas se referia aos sintomas que a denominação batista estava vivendo naquela época:

Estamos na fase intermediária em que o pioneirismo e expansão em que a denominação começa a usufruir do conforto e da riqueza, com todas as virtude e vícios já manifestados em outros campos missionários semelhantes. Não queremos nos referir à dificuldades intestinas, fruto de política eclesiástica inevitável, mas àqueles sintomas outros, manifestos nas igrejas, de debilidade espiritual, formalismo no culto, cerimonialismo rotineiro e asfixiante e a acomodação de hábitos e licenças do mundo que, aos poucos,

<sup>29</sup> CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL. **Manual básico batista nacional e manual da Ormiban**. [s.d.], p. 21. Disponível em <[http://www.cbn.org.br/downloads/manual\\_basico\\_batista\\_nacional.pdf](http://www.cbn.org.br/downloads/manual_basico_batista_nacional.pdf)>. Acesso em 24 nov 2017.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 15.

vão absorvendo e dissolvendo as igrejas num indiferentismo mortal. Os exemplos estão aí, de denominações viçosas, ontem viçosas em seu início, e hoje meros cadáveres ambulantes na fé. E não podemos negar que a nossa denominação já se mostra terrivelmente afetada da doença fatal [...] caímos no erro das denominações ricas e cultas, de resumir a qualificação para o ministério, na aquisição de um diploma de seminário [...] não podemos negar que nossas igrejas se converteram em uma montanha de gelo; não há vigor, não há vida e não há fervor; não há poder do Espírito Santo como houve abundantemente nas igrejas apontadas no Novo Testamento. O testemunho da maioria dos nossos crentes é negativo e prejudicial [...] A Bíblia está sendo um livro esquecido, a maioria dos crentes nem a levam à igreja, porque não vão usá-la; nossas reuniões de oração, via de regra, são insípidas, mecânicas, rotineiras, sem vida.<sup>32</sup>

E diante de tão forte crítica à declaração publicada em 1960, destinada aos pastores batistas do Brasil, tem início o movimento de Renovação Espiritual, assim chamado na época. Nesse mesmo ano, a Aliança Batista Mundial se reúne no Rio de Janeiro, nessa ocasião circulou o livro “Batismo no Espírito Santo”, do Pr. Enéas Tognini.

Nesse mesmo ano publica-se outro livro de enorme impacto “Calvário e Pentecoste”, da autoria do Pr. Rego do Nascimento, ambos ajudaram alavancar o movimento.

Uma série de eventos se sucederam a partir dessa data fazendo crescer o Movimento de Renovação Espiritual no meio batista brasileiro. Na Convenção Batista Mineira ocorrida em julho de 1961, a Igreja Batista da Lagoinha, da qual o Pr. Rego fazia parte, foi excluída da CBB. Em uma carta enviada à Convenção o historiador e Pr. José dos Reis Pereira expressou seus sentimentos percebidos na menção a seguir:

Foi a pior Convenção que já assisti. O relógio batista mineiro atrasou-se vinte anos. Tudo estava preparado contra o Rego. Parece que o objetivo da Convenção era excluir a Igreja Batista da Lagoinha. Posso admitir para argumentar, que se excluísse a Igreja, mas os métodos usados forma deploráveis. Algumas coisas eu vi e doutras tive confirmação depois. Nunca pensei que o ódio, o rancor, o despeito, pudesse dominar de tal modo um grupo de obreiros.<sup>33</sup>

A bandeira da Renovação Espiritual, assim chamada pelo Pr. Enéas Tognini, era proclamada através de mensagens ardentes e arrebatadoras que despertavam o meio batista no Brasil. Iniciou-se com a missionária Rosalee Appleby, que fez sua

---

<sup>32</sup> TOGNINI, 1993, op cit., p. 73-74.

<sup>33</sup> Ibidem, p. 81.

semeadura através de palavras, atos e da literatura. A bandeira continuou a tremular com o Pr. Rego em incansável e gloriosa missão. O Pr. Tognini foi alcançado, quebrantando corações ao empunhar sua bandeira com firmeza e bravura. Outros nomes foram se engajando no Movimento como o Pr. Rosivaldo de Araújo, que escreveu o hino “Obra Santa do Espírito”, entoado ainda nos dias atuais como marco histórico do Movimento, sendo listados a seguir alguns nomes que se envolveram o Movimento, segundo o Pr. Tognini:

Ilton Quadros Cordeiro, Achilles Barbosa, Wilson Régis, Renê Feitosa, Elias Brito Sobrinho, Israel Afonso de Souza, Dalson Pinto Teixeira, Samuel Spindola, Estevam Christian, Samuel Chagas, Joel Ferreira, Airton Santos Salles, Tito Éler de Matos, Antonio Barbosa Lima, Gerson Vilas Boas, os três irmãos Maia: Munelar, Benjamim e Álvaro; os irmãos Figueira: Sinval e Gidalvo; Dr. Elmir Guimarães Maia, Dra. Naim de Abreu e Silva Leite, Tenente Marino Freire, Major Silas Alves Rocha, Major Dante de Souza Lopes, Pr. Ary Lopes, Pr. Antonio Francisconi Porto, Dr. Eclésio Menezes de Lima, Pr. Enock Mendes das Neves, Pr. Darci Guilherme Reis, Dr. Ademar (bem lembrado pelo Pr. Darci e que tive a honra de hospedá-lo com sua família em minha casa por ocasião de um dos encontros de Renovação em Belo Horizonte – ele e o então jovem Pr. Rosivaldo de Araújo).<sup>34</sup>

O Pr. Tognini deixa sua posição de destaque no meio batista brasileiro ao envolver-se integralmente com o Movimento, que foi sua confissão sobre o batismo com o Espírito Santo, o que demonstra sua total conversão:

Sempre cri, a respeito do batismo no Espírito Santo, como a corrente tradicional: que quando a pessoa se converte já batizada com o Espírito Santo. Mas, a realidade bíblica e experimental é outra. É para o crente; portanto, para o que já tem Cristo no coração e possui o Espírito Santo. Mas, é experiência distinta do novo nascimento ou regeneração. Uma coisa é ter o Espírito Santo e outra, completamente diferente, é estar cheio do Espírito Santo.<sup>35</sup>

O Pr. Tognini foi batizado pelo Espírito Santo aos 16 de agosto de 1958 por Rosalee Mills Appleby e pelo Pr. José Rego do Nascimento, com um testemunho emocionante e edificante, conforme relata em seu livro.<sup>36</sup> O Movimento, após a entrada do Pr. Tognini ganha ânimo para seguir em frente.

---

<sup>34</sup> TOGNINI, 1993, op cit., p. 114.

<sup>35</sup> Ibidem, p.115.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 116-118.

#### 1.4.4 A Comissão dos Treze na Visão do Movimento de Renovação Espiritual

Na formação desta Comissão, organizada pela CBB, foi proposta a seguinte composição: três que integrassem a Renovação Espiritual: José Rego do Nascimento, Achilles Barbosa e Eneas Tognini; três que fossem contra a Renovação: Haraldy Schari, Delcyr de Souza Lima e Reinaldo Purim; sete para julgar, que foram João Filson Soren, David Mein, Werner Kashel, José dos Reis Pereira e Thurman Bryant, sendo a seção presidida por Rubens Lopes.

A crítica dirigida ao Movimento de Renovação Espiritual foi feita em relação aos sete integrantes que, em princípio, foram compostos somente para julgar, mas segundo o Movimento, na prática, seu papel tinha sido outro, visto que não agiram de maneira imparcial.

Na oitava seção da 45ª Assembleia da CBB, realizada em Vitória, no Estado do Espírito Santo, emitiu-se o Parecer da Comissão. Houve reações sobre o Parecer da Comissão dos Treze, uma delas liderada pela Igreja Batista de Fonseca, no Estado do Rio de Janeiro, que respondeu a uma carta aberta enviada por um Concílio de igrejas batistas, convocado pela Primeira Igreja Batista de São Gonçalo, cidade de mesmo Estado.

Na época, a Igreja Batista de São Gonçalo era pastoreada por Samuel Chagas, tido como um apoiador do Movimento de Renovação Espiritual, o qual responde a esta carta aberta examinando ponto a ponto a declaração final da Comissão dos Treze. Após o recebimento desta carta, a Convenção Batista Fluminense decidiu pelo desligamento da Igreja Batista de Fonseca de seu rol de igrejas. Esta decisão foi ratificada pela CBB em 28 de janeiro de 1964.

Em janeiro de 1965, na 47ª Assembleia da CBB, realizada em Niterói - RJ, foi decidida a exclusão de trinta e duas igrejas, sendo que a maioria delas estava situada em Minas Gerais. Foi decidido também nesta Assembleia, que cada Convenção Estadual tinha o direito de excluir igrejas envolvidas no Movimento de Renovação. Tognini relata de forma emotiva seus sentimentos em relação à exclusão:

E as igrejas “renovacionistas pentecostais” foram cortadas do rol denominacional. Manhã triste foi essa. Após a votação que separou as igrejas irmãs, a faixa colossal que proclamava a “Grande Campanha” de evangelização caiu. Podia se ouvir neste espetáculo Deus falando: “Uma campanha se faz para unir o meu povo, começa com divisão; uma campanha para alegrar e entristece; uma campanha para revelar amor, e eis o ódio



enchendo os corações dos irmãos, no mesmo sangue de Meu Filho, com a mesma esperança e que juntos irão habitar nos Meus Céus de Luz”.<sup>37</sup>

Segundo o Movimento da Renovação Espiritual houve uma injusta condenação, pois as igrejas buscavam o batismo no Espírito Santo, porém, foram consideradas hereges. Ao final de 1965, o número de igrejas excluídas pela CBB chegou em 52, sendo grande maioria delas do Estado de Minas Gerais. Segundo esse Movimento, a CBB foi demasiadamente dura com o Pr. Rego e com aqueles que ficaram ao seu lado.

Quiseram eliminar o Pr. Rego do Nascimento. Estava condenado a degola. E neste caminho impiedoso para com um homem de Deus, Como é Rego do Nascimento, um servo que ama a denominação, que é sincero e convicto, decapitaram com ele todos quanto ficaram a seu lado, para que não sofresse injustiça sozinho.<sup>38</sup>

E ainda comentando sobre a Comissão dos Treze nota-se que o Movimento questionou o tratamento dispensado pelos seus participantes, uma vez que boa parte foi amorosa e outros impiedosos:

Na Chamada “Comissão dos Treze”, houve alguns companheiros que nos trataram com amor e candura; mas, outros nos ofenderam e nos humilharam com palavras e com atitudes não muito piedosas e nem cristãs. A referida “Comissão” publicou a tese de todos os membros da “Comissão” e não publicou a do falecido Achilles Barbosa. Porque? Não era ele membro em pé de igualdade com os outros? Não foi escolhido pela Convenção Brasileira reunida em Curitiba? Até hoje, depois de vinte anos, trago esta interrogação em minha mente.<sup>39</sup>

As 52 igrejas desligadas da CBB continuaram seu trabalho, multiplicando-se entre seus membros, porém, algumas se dirigiram para caminhos não condizentes com os princípios batistas. Nesse tempo, o Pr. Tognini deixa a Igreja Batista de Perdizes, estabelecida em São Paulo, capital do mesmo Estado e passa liderar as igrejas batistas renovadas, que no futuro passaram a ser chamadas de Igrejas Batistas Nacionais. No último censo de 2015, a CBN contava com mais de 412.000 membros.<sup>40</sup>

<sup>37</sup> TOGNINI, 1993, op cit., p. 157.

<sup>38</sup> Ibidem, p. 161.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 157.

<sup>40</sup> CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL (CBN). (2017). Disponível em <<http://www.cbn.org.br/>>. Acesso em 22 out 2017.

#### 1.4.5 A aproximação entre a CBB e a CBN

Após um jejum separatista de 36 anos um evento marcante ocorre no Congresso Latino Americano Batista de Adoração, realizado na Primeira Igreja Batista de Niterói, quando em 1965 foram excluídas 32 igrejas ligadas a CBB. Nesse Congresso estiveram reunidos o Pr. Nilson Fanini, presidente da Aliança Batista Mundial, o Pr. Fausto Vasconcelos, presidente da Convenção Batista Brasileira e o Pr. Enéas Tognini, presidente da Convenção Batista Nacional. No entanto, outros líderes da CBB e da CBN também estavam presentes, além de outros representantes das igrejas nos Estados Unidos, no Canadá e na América Latina, ocasião essa em que se firmou o pacto conhecido como “Declaração Niterói de Adoração”<sup>41</sup>, que declara o seguinte:

Para cumprir a missão de testemunho, proclamação, serviço, comunhão e adoração, a igreja é continuamente renovada e capacitada pelo Espírito, dessa maneira, de uma cultura para outra e ao viver em tempos históricos diferentes, a missão da igreja e sua adoração vão tomando formas diferentes. Ainda que o tesouro do Evangelho não mude, os vasos de barro vão mudando.<sup>42</sup>

Esse encontro proporcionou a aproximação e o diálogo crescente entre a CBB e CBN. Atualmente, as duas maiores Convenções Batistas no Brasil são livres para adorar a Deus conforme o mover do Espírito. Mesmo divergentes as doutrinas, principalmente, no que se refere ao batismo no Espírito Santo, ao dom de línguas, aos milagres e profecias, na prática, tem-se visto um relacionamento de amor fraternal entre as denominações batistas chamadas por igrejas tradicionais e pentecostais. E o que passou nos anos 60 já não é mais lembrado com rancor entre as partes. O que vemos é o despertar de sentimentos de cooperação mútua entre as igrejas, embora umas mais e outras menos. As lições aprendidas com o Cisma trouxeram à tona necessidades comuns vindas ao encontro da variedade de denominações, como o evangelismo nacional e as ações desenvolvidas de cunho social. O Espírito Santo tem dirigido os líderes batistas no Brasil para que sigam o grande mandamento e produzam bons frutos (Gl 5.22).

---

<sup>41</sup> TOGNINI, 1993, op cit., p. 244.

<sup>42</sup> Ibidem.

#### 1.4.6 A Aliança Batista Mundial

A Aliança Batista Mundial – ABM, é uma entidade internacional, representando as igrejas batistas em nível mundial, criada em 1905, após a Conferência em Londres, seu primeiro presidente foi o Pr. John Clifford, da Inglaterra. É atualmente composta por 235 Convenções distribuídas e estabelecidas em 122 países e territórios, possui 40 milhões de membros em 177.000 igrejas distribuídas.

Dentre as prioridades da igreja, inclui nutrir a paixão pela missão e pelo evangelismo comissionado, promover a adoração, a comunhão e a unidade entre seus membros, responder às pessoas necessitadas, sobretudo, defender os direitos humanos, a igualdade e a justiça, bem como promover reflexões teológicas relevantes para o aperfeiçoamento contínuo da igreja e dos filhos de Deus.<sup>43</sup> Dessa forma, tanto a CBB quanto a CBN integram a ABM.

#### 1.5 PRINCÍPIOS BATISTAS

Como se vê, a CBB e a CBN estabelecem os elementos fundamentais da fé batista, oriundos da Junta de Educação Religiosa e Publicações (JUERP), os quais se encontram descritos no documento “Princípios Batistas” e descrevem o pensamento dos batistas em geral.

Os princípios batistas foram preparados por um grupo de dezenove líderes da Convenção Batista do Sul, dos EUA, em 1964, no terceiro jubileu que ocorreu na organização da Primeira Convenção Batista, em âmbito nacional, em 1814. Entre os cinco pontos da fé batista, contidos no referido Documento, estão os seguintes:

1. A Autoridade: Cristo como Senhor, as Escrituras e o Espírito Santo.
2. O Indivíduo: seu valor, sua competência e sua liberdade.
3. A Vida Cristã: salvação pela graça, as exigências do discipulado, o sacerdócio do crente, o cristão e seu lar e o cristão como cidadão.
4. A Igreja: sua natureza, seus membros, suas ordenanças, seu governo, sua relação para com o estado e sua relação para com o mundo.

---

<sup>43</sup> ALIANÇA BATISTA MUNDIAL (ABM). Disponível em <[www.bwanet.org/about-us2/constitution](http://www.bwanet.org/about-us2/constitution)>. Acesso em 24 out 2016.

5. A nossa tarefa contínua: a centralidade do indivíduo, culto, o ministério cristão, evangelismo, missões, mordomia, o ensino e o treinamento, a educação cristã e a autocrítica.<sup>44</sup>

Ao considerar o primeiro princípio sobre a autoridade divina, nota-se que os batistas têm a Bíblia como um compêndio de livros suficiente para dirigi-los em termos de religiosidade, dispensando outras regras além dela. Apesar da Declaração Doutrinária da CBB ser um documento oficial, ela é um indicativo, mas não uma regra a ser seguida. O documento indica o que se crê, rege a doutrina e as práticas dos batistas.

Sobre o segundo princípio, que versa sobre o indivíduo, a liberdade de opinião foi uma marca registrada na história dos batistas, sempre como uma fonte de testemunho e ensino, sendo livres para promover e expressar os ensinamentos do Novo Testamento, sem a imposição de credos, hierarquia religiosa ou estado.

Como exemplo dessa liberdade de expressão, hoje encontra-se dentro da denominação batista várias correntes escatológicas. E por tratar-se de um ponto secundário na doutrina batista o assunto é tratado democraticamente. Ao tratar da liberdade de opinião nota-se, através das divergências históricas ocorridas na denominação, que os batistas se consideram falíveis nesse assunto. Todos possuem o mesmo espírito, não havendo hierarquia teológica, embora tenha havido divergências ao longo da história, os batistas aprenderam a lidar muito bem elas.

O terceiro princípio, que trata da vida cristã, os batistas enfatizam que a salvação é obra exclusiva de Jesus Cristo, não sendo o ser humano responsável por produzir a sua salvação, pois não depende de esforços e das obras de cada homem. É somente aceita como um presente de Deus, pela graça de Jesus Cristo que alcança o ser humano. Nesse mesmo sentido, nota-se que Bonhoeffer chama de “graça barata”, o que algumas das igrejas praticam e declara o seguinte:

A graça barata é a pregação do perdão sem arrependimento, é o batismo sem a disciplina de uma congregação, é a ceia do Senhor sem confissão dos pecados [...] A graça barata é a graça sem discipulados, a graça sem a cruz, a graça sem Jesus Cristo vivo, encarnado.<sup>45</sup>

<sup>44</sup> CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Princípios batistas**. (2018). Disponível em <[http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN\\_ID=21](http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21)>. Acesso em 12 jan 2018.

<sup>45</sup> BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Leopoldo/RS: Sinodal, 1980, p. 10.

Ao entregar-se ao discipulado de Jesus Cristo dá-se início ao aprendizado e à própria vontade, às ambições e os propósitos devem estar em plena sintonia com a vontade de Deus. Os primeiros passos do cristão devem ser encorajados pelos que já possuem maturidade espiritual.

Sobre o sacerdócio do cristão, os batistas consideram que o homem, uma vez salvo pela graça de Jesus Cristo terá acesso direto a Deus. Todos os homens são iguais perante o Ser Supremo. E sobre esse ponto do sacerdócio, deve-se considerar a Assembleia convocada por Carlos V, em 1521, quando Lutero apresentou sua defesa na Dieta de Worms, cuja Assembleia teve como finalidade julgar Lutero por heresia, após afirmar que a autoridade da Bíblia estava acima da autoridade dos papas e dos Concílios. Nesse evento, ao ser convidado para retratar-se respondeu o que segue:

Minha consciência é cativa da Palavra de Deus. Se não me demonstrarem pelas Escrituras e por razões claras, não aceito a autoridade de papas e concílios, pois se contradizem, não posso e nem quero me retratar de nada, porque ir contra a consciência é tão perigoso quanto errado. Que Deus me ajude. Amém.<sup>46</sup>

Martinho Lutero rejeitou a divisão entre os clérigos e leigos reafirmando o sacerdócio dos crentes com as seguintes palavras:

Todos os cristãos são em verdade de estado eclesiástico e entre eles não há distinção, se não somente por causa do ministério, como Paulo diz que todos somos um corpo, mas cada membro tem sua função própria com a qual serve aos demais. Isso resulta do fato de que temos um só batismo, um Evangelho, uma fé, e somos cristãos iguais, visto que o batismo, o Evangelho e a fé por si só se tornam eclesiástico ao povo cristão.<sup>47</sup>

Tendo como base o conteúdo sólido da expressão de Lutero e sua afirmação com base em Hebreus 10.14, considera-se o sacerdócio de Jesus Cristo como o único válido até o final dessa era. Os que Nele confiam terão acesso direto à presença de Deus (Hb 10.19-22). Jesus Cristo se configura como único mediador entre Deus e os homens (I Tm 2.5).

Em continuidade ao princípio de uma vida cristã, os pontos sobre os cristãos e seu lar, considera-se que lares cristãos devem se constituir pela união de dois seres

---

<sup>46</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. **Sola scriptura**. Igreja presbiteriana do Brasil (IPB). Disponível em <<http://www.ipb.org.br/informativo/sola-scriptura-1496>>. Acesso em 27 jul 2017.

<sup>47</sup> Idem.

cristãos, que colocam em prática os princípios da Palavra de Deus, que criem seus filhos na instrução e disciplina divinas que interessam àqueles que estão à sua volta.

O último ponto sobre a vida cristã trata o cristão como um cidadão, o qual pertence a dois mundos com diferentes propósitos: ao reino de Deus e à sua pátria e devem ser obedientes às leis da nação. Caso seja necessária uma escolha difícil, o cristão deverá obedecer primeiro a Deus.

O quarto princípio versa sobre a Igreja. O ponto a ser considerado no texto é sobre as ordenanças. Os batistas entendem que Jesus Cristo deixou duas ordenanças para celebração que as igrejas devem observar: o batismo e a santa ceia.

As referências mais antigas encontradas sobre o batismo está no Catecismo Didaqué, que em capítulo próprio, trata da celebração litúrgica:

Quanto ao batismo, faça assim: depois de ditas todas essas coisas, batize em água corrente, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Se você não tiver água corrente, batize em outra água. Se não puder batizar com água fria, faça com água quente. Na falta de uma ou outra, derrame água três vezes sobre a cabeça, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Antes de batizar, tanto aquele que batiza como o batizando, bem como aqueles que puderem, devem observar o jejum. Você deve ordenar ao batizando um jejum de um ou dois dias.<sup>48</sup>

O batismo caracteriza uma representação simbólica da obra de Jesus Cristo, considerando sua morte, sepultamento, ressurreição e a aplicação desses princípios em sua vida diária. Os batistas creem que o batismo integra o Grande Comissionamento de Jesus Cristo (Mt 28. 18-20). Ao ato do batismo é um ato de obediência do cristão, no que diz respeito a igreja local na execução desse comissionamento, o qual também foi chamado a servir a Cristo. O batismo não é um ato para a salvação, mas de obediência, um testemunho público de fé pelo novo convertido para sua salvação eterna.

O batismo nas águas é universalmente reconhecido como uma parte simbólica que integra o sistema cristão. Praticamente todas as denominações cristãs requerem o batismo para sua filiação à igreja. E desse mesmo modo, os batistas reconhecem o batismo como uma parte do programa de Deus para com o cristão. Trata-se de uma ordenança, mas existe diferença entre os batistas e algumas denominações que, na maioria, reconhecem três formas diferentes de batismo, por imersão, derramamento

---

<sup>48</sup> ARAÚJO NETO, Felipe Sabino de. **Didaqué**: a instrução dos doze apóstolos (ano 145-150 d.C.). Disponível em <<http://www.monergismo.com/textos/credos/didaque.htm>>. Acesso em 22 dez 2017.

e aspersão. No entanto, os batistas consideram o batismo por imersão como o único meio válido à igreja.

Wayne Gruden, teólogo protestante, admite compreensões mais flexíveis entre católicos e protestantes quando tratamos sobre o batismo e a santa ceia como sacramentos. Ele cita em sua obra que os batistas se recusam a admitir que estes são meios que concedem graça ao povo cristão, sendo apenas ordenanças instituídas por Cristo. Todavia este não é o consenso entre os protestantes. Luteranos e anglicanos usam o termo sacramento quando se referem ao batismo e ceia do Senhor, porém não endossam a posição católica, que não exige fé daqueles que participam. Gruden defende em sua obra que poderia haver mais diálogo entre católicos e protestantes sobre o batismo se não o encarassem como uma doutrina básica para a igreja, embora seja relevante. Isso evitaria divisões entre os cristãos.<sup>49</sup>

A santa ceia celebra a morte vicária de Jesus Cristo e anuncia a Sua volta. No meio cristão existem quatro formas de entendimento sobre a Ceia do Senhor: transubstanciação, consubstanciação, presença espiritual e memorial.

A doutrina da transubstanciação se originou na igreja católica. O pão e o vinho se transformam no corpo e sangue de Jesus Cristo. Já a doutrina da consubstanciação, proposta por Lutero, neste caso, o corpo e sangue de Jesus Cristo estão nos elementos e com os elementos, sem se transformarem nesses elementos.

A doutrina da presença espiritual foi desenvolvida por João Calvino e defendeu que a santa ceia não se trata de um ritual onde o corpo e o sangue de Jesus Cristo estão presentes de uma maneira física. Para Calvino, a carne e o sangue de Jesus Cristo estão espiritualmente presentes, são exibidos nos elementos, de modo que os que participam da santa ceia serão alimentados em espírito. Para Calvino, o sacrifício de Cristo não se repete durante a Eucaristia, porém, os benefícios de sua morte substitutiva (redenção, justiça, santificação e vida eterna) são renovados em favor dos que participam da celebração.

Quanto ao conceito de santa ceia como um memorial é tratada como sendo uma ordenança de Jesus Cristo, para trazer à memória dos cristãos o sacrifício que Jesus Cristo fez por cada ser humano. Esse conceito foi apresentado por Zwinglio, que defendia quaisquer indícios da presença de Jesus Cristo nos elementos da santa ceia.

---

<sup>49</sup> GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**. Tradução. São Paulo: Vida Nova: 1999, p. 814.

Entre as quatro doutrinas ensinadas sobre a santa ceia, os batistas entendem que o conceito memorial melhor se assemelha ao Novo Testamento. É um ato de ação de graças (eucaristia) pelas bênçãos e pela salvação vindas de Jesus Cristo. É também um ato de comunhão, tanto com Jesus Cristo, como quanto aos demais participantes desse memorial, representa a esperança do reino futuro, quando todos os cristãos estarão na presença do Senhor.

Assim sendo, nesse mesmo sentido, nota-se que os batistas creem que tanto a santa ceia quanto o batismo são ordenanças criadas por Jesus Cristo, não transmitindo graça, mas são atos que celebram a fé. E ainda falando sobre a Igreja, será tratado nessa pesquisa sobre seu governo e sua relação com o Estado político, o que conduz apresentar as palavras do Pr. Isaltino Gomes, ao falar sobre a autonomia da igreja:

Não se pode negar a autonomia da igreja local, até mesmo porque o Novo Testamento só mostra uma instituição, que é ela, e desconhece as que criamos. O que criamos não é antibíblico, mas é abíblico. Não é errado, mas existe para funcionalizar e vitalizar a igreja local. O que devemos fazer é mostrar que as igrejas do Novo Testamento viviam em cooperação, que se ajudavam, como Paulo mostra em suas cartas. Autonomia e cooperação não são antônimos. As igrejas se engajavam em projetos comuns, mas tudo partia delas. Até mesmo o envio de missionários. Os missionários eram enviados pelas igrejas e eram missionários das igrejas e nunca enviados por uma instituição. Sei que os tempos são outros, as circunstâncias culturais são outras, mas me parece que muitas vezes olhamos pelo lado errado do binóculo. A pedra de toque do processo batista é a igreja local. Somos congregacionais desde nossa origem: o governo pertence à congregação local e ela não está sujeita a nenhuma outra instância. E cooperação, sim. Mas sacrifício ou abandono da autonomia da igreja local, nunca!<sup>50</sup>

Segundo Justo Anderson: “uma congregação batista local teoricamente é uma democracia pura”. E citando Thomas Jefferson, principal autor da Constituição Americana, ele dizia que as igrejas batistas eram exemplos perfeitos de democracia.<sup>51</sup>

Mas esse princípio não é tão simples de ser aplicado, conceder autonomia à igreja local significa também conceder autoridade, pois deve-se ter uma base forte para que haja uma estrutura forte. É necessário ter relacionamentos e diálogos robustos e frequentes entre as igrejas e em seu interior. Um pastor ou uma diretoria não pode decidir pela igreja, antes, deverá consultar uma assembleia, se assim não

---

<sup>50</sup> COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Os grandes princípios dos batistas**. (2009). Disponível em <<http://www.isaltino.com.br/2009/11/os-grandes-principios-batistas/>>. Acesso em 12 fev 2018.

<sup>51</sup> ANDERSON, Justo C. **Historia de los bautistas**: suas bases e princípios. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1978, p. 65. Tomo I.



for, o princípio da democracia eclesiástica será ferido. O abandono aos princípios eclesiásticos esvazia a identidade dos batistas. O papel da CBB e da CBN é fundamental na aplicação e na condução desse princípio nas igrejas locais. E sobre a relação da igreja com o Estado, os princípios batistas declaram que:

Tanto a Igreja como o estado são ordenados por Deus e responsáveis perante ele. Cada um é distinto; cada um tem um propósito divino; nenhum deve transgredir os direitos do outro. Devem permanecer separados, mas igualmente manter a devida relação entre si e para com Deus. Cabe ao estado o exercício da autoridade civil, a manutenção da ordem e a promoção do bem-estar público. A Igreja é uma comunhão voluntária de cristãos, unidos sob o domínio de Cristo para o culto e serviço em seu nome. O estado não pode ignorar a soberania de Deus nem rejeitar suas leis como a base da ordem moral e da justiça social. Os cristãos devem aceitar suas responsabilidades de sustentar o estado e obedecer ao poder civil, de acordo com os princípios cristãos.

O Estado deve à Igreja a proteção da lei e a liberdade plena, no exercício de seu ministério espiritual. A Igreja deve ao estado o reforço moral e espiritual para a lei e a ordem, bem como a proclamação clara das verdades que fundamentam a justiça e a paz. A Igreja tem a responsabilidade tanto de orar pelo estado quanto de declarar o juízo divino em relação ao governo, às responsabilidades de uma soberania autêntica e consciente, e aos direitos de todas as pessoas. A Igreja deve praticar coerentemente os princípios que sustenta e que devem governar a relação entre ela e o estado.

A Igreja e o estado são constituídos por Deus e perante Ele responsáveis. Devem permanecer distintos, mas têm a obrigação do reconhecimento e reforço mútuos, no propósito de cumprir-se a função divina.<sup>52</sup>

Essa posição batista confere liberdade à igreja segundo os padrões divinos e às leis de justiça, sendo esses os valores espirituais, mas não deverá transgredir as leis do Estado e nem os padrões da igreja por causa do Estado.

Acerca dos princípios batistas, sobre a tarefa terrena contínua do cristão, o primeiro ponto está na centralidade do indivíduo, o que remete ao fato de que o ser humano pode conhecer a vontade de Deus por meio das Santas Escrituras e assim tornar-se responsável perante Deus por seus atos. John Landers faz três ressalvas sobre a competência do indivíduo:

Em primeiro lugar, a competência do indivíduo não indica que o crente dispensa a igreja. Ninguém deve, sob a bandeira do individualismo, dizer: Sou batista. Posso ler a Bíblia e tirar as minhas próprias conclusões e tenho acesso direto a Deus por Cristo. Se fosse assim, Cristo não teria fundado a igreja. A vida cristã é para ser vivida em comunidade, como atesta a leitura do livro de Atos. Em segundo lugar, ninguém existe fora do seu contexto social. Todos nós somos resultado de uma família e de uma comunidade. Aristóteles já dizia: “O homem é um animal social”. Finalmente, o cristão não é isento da responsabilidade social. Devemos ser o sal da terra e a luz do

<sup>52</sup> CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Princípios bat....**, 2018, op cit.

mundo, pois há “uma boa base bíblica para uma visão do lugar do crente na sociedade.”<sup>53</sup>

O segundo ponto diz respeito ao culto. Nesse sentido, nota-se que o Manual de Culto e Adoração contido nos documentos batistas da CBB diz o seguinte sobre culto:

Culto é um serviço de adoração a Deus, que lhe é prestado como resultado do reconhecimento do que ele é, da sua majestade, santidade, poder, glória, honra e bondade, por parte da criatura humana, do crente, do adorador [...] é prestado somente a Deus, havendo nele a participação do homem e de Deus. É a resposta afirmativa à auto-revelação de Deus aos homens e a resposta do homem a Deus. O propósito do culto não é propriamente o recebimento das ricas bênçãos de Deus, mas fazer oferta da vida e tudo que ela representa. É também dinâmico e criativo, e é uma experiência transformadora.<sup>54</sup>

Tanto aos batistas e talvez, como para todas as demais denominações, o culto a Deus deve expressar o que a igreja acredita. A teologia que se expressa no culto à comunidade é a maneira pela qual a igreja professa publicamente seu credo em Deus. Nessa definição da CBB está escrito o que a igreja batista pensa sobre Deus, sua atitude e sua relação para com Deus. É no culto que a igreja manifesta o que e como interpreta a Bíblia e qual o lugar das Sagradas Escrituras na vida da comunidade. Dessa forma, pode-se dizer que há uma relação entre a teologia, a doutrina e o culto.

O evangelismo e as missões citadas no quinto ponto dos princípios cristãos da igreja expressam como os batistas encaram o tema, também chamado “princípio da grande comissão” citado por Mateus 28.18-20. E assim sendo, segundo Landers, os batistas ensinam o que segue:

O evangelismo é a proclamação do juízo divino sobre o pecado e das boas-novas da graça divina em Jesus Cristo, assim como missões é a extensão do propósito redentor de Deus através do evangelismo e do serviço cristão além das fronteiras da igreja local.<sup>55</sup>

Segundo o entendimento batista, cada cristão deve ser um missionário, obedecer ao chamado do “Grande Comissionamento”, testemunhar sobre Jesus Cristo onde quer que esteja, colocar e exercitar o sacerdócio universal na terra. A

---

<sup>53</sup> KAMMER, Tânia Mara. **Série documentos batistas da CBB**. Rio da Janeiro: Convição, 2011, [s.p.].

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> Idem.

igreja deve ser o meio pelo qual o cristão se insira na missão salvadora e no evangelismo puro e purificador.

Quanto à mordomia citada no quinto princípio da Declaração Doutrinária da CBB, o capítulo XII traz o seguinte: “mordomia é a doutrina bíblica que reconhece Deus como Criador, Senhor e dono de todas as coisas”.<sup>56</sup>

Todo cristão que tiver a certeza de que Deus o criou e salvou através do sacrifício do Salvador Jesus Cristo reconhece-se como um mordomo, administrador do que Deus lhe concede, e, portanto, reconhece que nada é seu, que tudo procede de Deus.

A mordomia deve estar presente nos bens pessoais, seja na casa, no carro, nos bens coletivos, sejam bens públicos ou privados, no meio ambiente e nos bens espirituais, envolvendo dons, talentos e capacitação pessoal. No que refere ao item sobre a educação cristã a declaração doutrinária da CBB afirma o seguinte:

Às igrejas cabe cuidar do doutrinamento adequado dos crentes, visando à sua formação e desenvolvimento espiritual, moral e eclesial, bem como motivação e capacitação para o serviço cristão e o desempenho de suas tarefas no desempenho da missão da igreja no mundo.<sup>57</sup>

O evangelismo não é completo sem o complemento da instrução secular, mas a ordem de Jesus Cristo no “Grande Comissionamento” é complementada segundo o livro de Mateus 28.20, ao enfatizar o seguinte: “ensinando a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado”, tanto a igreja, quanto seus membros precisam desenvolver conhecimento, habilidades e atitudes.

O último ponto do quinto item dos princípios batistas é a autocrítica. No tocante às igrejas, os batistas devem ser autocríticos. É dado aos indivíduos/membros em geral o direito de discordar. As assembleias regulares nas igrejas batistas atestam a democracia eclesial. Os métodos e as técnicas não são perfeitos a ponto de não serem merecedores de críticas. Se faz necessária avaliações constantes para evitar que o tradicional seja esterilizado. A denominação cristã e o indivíduo amadurecem mediante a autocrítica construtiva.

---

<sup>56</sup> CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Declaração doutrinária da convenção batista Brasil.** (2018). Disponível em <[http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN\\_ID=22](http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22)>. Acesso em 12 jan 2018.

<sup>57</sup> Idem.

Assim finaliza-se a ideia sobre os princípios batistas, os quais são considerados pilares da doutrina batista, construída através de séculos afora, elaborados tendo como base o Novo Testamento, por líderes que surgiram ao longo de sua história, onde muitos deram sua vida até que se estabelecessem à estatura do que são na atualidade. Como cristão batista, considero que ainda existem muitas falhas ao aplicá-los na vida prática, sendo intrínseco ao homem natural, seguir sua própria vontade, devendo pedir graça e misericórdia a Deus para que sejam fiéis às Santas Escrituras.

Como cristãos batistas, devemos estar preparados para explicar a razão de nossa fé (1 Pe 3.15) e, no capítulo seguinte, são apresentadas as declarações doutrinárias da CBB e CBN, particularmente os tópicos referentes ao Espírito Santo, que nos fornecem subsídios para melhor entendimento das doutrinas nas quais estão baseadas nossa fé.

## 2. O ESPÍRITO SANTO E A IGREJA NA DOCTRINA BATISTA

Os princípios batistas são comuns à CBB, à CBN e aos cristãos batistas de modo geral, funcionam como pilares de sustentação, que através dos tempos forneceram e ainda fornecem o suporte necessário à denominação religiosa. No entanto, além dos princípios batistas, a CBB estabeleceu a Declaração Doutrinária dos Batistas, que será abordada com maior profundidade ao tratar da atuação do Espírito Santo.

### 2.1 DECLARAÇÃO DOCTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA A RESPEITO DO ESPÍRITO SANTO

Segundo o historiador Dr. Mc Beth, historicamente, os cristãos batistas são um povo ligado às confissões, o que justifica a necessidade de explicar as razões de sua fé.<sup>58</sup> No entanto, apesar da necessidade de divulgar uma declaração doutrinária, os batistas deixam claro, através do primeiro item da declaração que trata das Sagradas Escrituras, que esta declaração não as substitui.

Uma declaração doutrinária traz respostas ao que é teologicamente questionável, pode-se citar a questão do batismo, que os batistas consideram uma ordenança de Jesus Cristo aos que creem. Neste caso, a Declaração de Fé Batista de Londres, de 1689 considera que: “para a devida administração desta ordenança se faz necessária a imersão, ou seja, a submersão da pessoa na água”.<sup>59</sup> E essa declaração doutrinária, ao orientar sobre o batismo, afirma que os batistas padronizam o ato e a forma com que deve ser ministrado na igreja.

O termo doutrina é citado diversas vezes no Novo Testamento e os que ouviram as pregações de Jesus Cristo ficavam admirados com sua “doutrina” (Mc 7.28). Em Atos 2:42 identificam-se algumas características da igreja do Novo Testamento, o escritor diz que esse povo perseverava na “doutrina” dos apóstolos. O apóstolo Paulo,

<sup>58</sup> McBETH, H. Leon. **The baptist heritage**. Nashville: Broadman Press, 1897, p. 66.

<sup>59</sup> DECLARAÇÃO DE FÉ DOS BATISTAS DE LONDRES (1689). **Primeira Igreja Batista de Curitiba**. Disponível em <[https://biblio.pibcuritiba.org.br/ARQS/prodola/Catalogo/9873confissao\\_de\\_fe\\_batista\\_de\\_1689.pdf](https://biblio.pibcuritiba.org.br/ARQS/prodola/Catalogo/9873confissao_de_fe_batista_de_1689.pdf)>. Acesso em 12 jan 2018.

em sua carta a Timóteo, advertiu para que não ensinassem a “doutrina” errada (1 Tm 1:3).

A doutrina pode conter ensinamentos equivocados, em comparação aos ensinamentos trazidos pelas Santas Escrituras, por ex.: quando Jesus Cristo referiu-se ao fermento dos fariseus (Mt 16:12). Na carta dirigida aos Efésios, o apóstolo Paulo, mesmo aprisionado em Roma, escreve à igreja para atentar-se quanto às mentiras ardilosas ensinadas pelos adoradores da deusa Ártemis.

Sempre houve uma preocupação dos batistas em orientar suas igrejas quanto às doutrinas centrais da bíblia. Portanto, além dos Principios Batistas, a CBB, através do missionário Z. C. Taylor procura afirmar a identidade doutrinária dos cristãos batistas brasileiros. Em 1916 adota a Confissão de Fé de New Hampshire, que passa a ser chamada “Declaração de Fé das Igrejas Batistas do Brasil”. Segundo Pereira, a aceitação dessa declaração, segundo os Estatutos da Convenção, era um sinal identificador da igreja batista regular.<sup>60</sup>

Esta Declaração era válida até 1986, quando então a CBB publica a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, que se deu em dezenove artigos, durante a assembleia realizada na cidade de Campo Grande, Estado do Mato Grosso do Sul, Brasil.<sup>61</sup> Assim, a Declaração Doutrinária surge para orientar as igrejas batistas sobre as doutrinas essenciais encontradas nas Sagradas Escrituras, conforme exposto os dezenove artigos que compõe a declaração da CBB, a seguir:

- I - Escrituras Sagradas
- II - Deus
  - a - Deus Pai
  - b - Deus Filho
  - c - Deus Espírito Santo
- III - O Homem
- IV - O Pecado
- V - Salvação
- VI - Eleição
- VII - Reino de Deus
- VIII - Igreja
- IX - O Batismo e a Ceia do Senhor
- X - O Dia do Senhor
- XI - Ministério da Palavra
- XII - Mordomia
- XIII - Evangelização e Missões
- XIV - Educação Religiosa
- XV - Liberdade Religiosa

<sup>60</sup> PEREIRA, 1985, op cit., p. 87.

<sup>61</sup> FERREIRA, Ebenezer Soares. **Comentários à declaração doutrinária da CBB**. Rio de Janeiro: Tempo de Colheita, 2009, p. 14.

XVI - Ordem Social  
 XVII - Família  
 XVIII - Morte  
 XIX - Justos e Ímpios.<sup>62</sup>

Entre os itens relacionados na Declaração Doutrinária aborda-se especificamente o conteúdo do artigo II, que fala sobre Deus, sobre o Espírito Santo e sobre quinze pontos específicos da referida Declaração, conforme seguem:

1. O Espírito Santo, um em essência com o Pai e com o Filho, é pessoa divina;
2. É o Espírito da verdade;
3. Atuou na criação do mundo e inspirou os homens a escreverem as Sagradas Escrituras;
4. Ele ilumina os homens e os capacita a compreenderem a verdade divina;
5. No dia de Pentecostes, em cumprimento final da profecia e das promessas quanto à descida do Espírito Santo, Ele se manifestou de maneira singular, quando os primeiros discípulos foram batizados no Espírito, passando a fazer parte do Corpo de Cristo, que é a Igreja. Suas outras manifestações, constantes no livro Atos dos Apóstolos, confirmam a evidência de universalidade do dom do Espírito Santo a todos os que creem em Cristo;
6. O recebimento do Espírito Santo sempre ocorre quando os pecadores se convertem a Jesus Cristo, que os integra, regenerados pelo Espírito, à Igreja;
7. Ele dá testemunho de Jesus Cristo e o glorifica;
8. Convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo;
9. Opera a regeneração do pecador perdido;
10. Sela o crente para o dia da redenção final;
11. Habita no crente;
12. Guia-o em toda a verdade;
13. Capacita-o a obedecer a vontade de Deus;
14. Distribui dons aos filhos de Deus para a edificação do Corpo de Cristo e para o ministério da Igreja no mundo;
15. Sua plenitude e seu fruto na vida do crente constituem condições para uma vida cristã vitoriosa e testemunhante.<sup>63</sup>

Na citação desse artigo da Declaração Doutrinária da CBB, a respeito de Deus – e Espírito Santo – e lançando mão das abordagens bíblicas citadas na referida Declaração, considera-se a participação da Trindade na criação do universo, a partir do nada (Gn 1.2).

<sup>62</sup> CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Declaração Doutrin...**, op cit., 2018.

<sup>63</sup> (1). Gn 1.2; Jo 3.13; Sl 51.11; 139.7-12; Is 61.1-3; Lc 4.18,19; Jo 4.24; 14.16,17; 15.26; Hb 9.14; 1Jo 5.6,7; Mt 28.19. (2). Jo 16.13; 14.17; 15.26. (3). Gn 1.2; 2Tm 3.16; 2Pe 1.21. (4). Lc 12.12; Jo 14.16, 17, 26; 1 Co 2.10-14; Hb 9.8. (5). Jl 2.28-32; At 1.5; 2.1-4; 24.29; At 2.41; 8.14-17; 10.44-47; 19.5-7; 1Co 12.12-15. (6). At 2.38, 39; 1 Co 12.12-15. (7). Jo 14.16, 17; 16.13, 14. (8). Jo 16.8-11. (9). Jo 3.5; Rm 8.9-11. (10). Ef 4.30. (11). Rm 8.9-11. (12). Jo 16.13. (13). Ef 5.16-25. (14). 1Co 12.7, 11; Ef 4.11-13. (15). Ef 5.18-21; Gl 5.22; 23; At 1.8. Idem.

Nota-se que no Antigo Testamento, o Espírito Santo atuava de uma forma específica. Neste caso, na vida de Davi, quando pedia a Deus que dele não retirasse o Espírito Santo (Sl 51.11). O Espírito Santo está sempre presente na vida dos filhos de Deus e acompanhava todos os passos da vida de Davi. É um Deus onipresente (Sl 139.7-12).

Isaías sentiu-se ungido pelo Espírito de Deus para pregar as boas novas de salvação, palavras estas que foram lidas por Jesus Cristo na sinagoga de Nazaré. As três pessoas da Trindade atuam nesta citação (Is 61.1-3). E quando Jesus Cristo citou o texto de Isaías no Templo, indicou as funções do ministério messiânico: anunciar, proclamar, libertar e restaurar, realizadas sob a unção do Espírito Santo (Lc 4.18-19).

Jesus Cristo confirma a essência de Deus como Espírito, mas ainda é necessário que se revele ao homem para que esse possa compreendê-lo (Jo 4.24). Após a ascensão do Salvador Jesus Cristo foi necessário que alguém o substituísse para continuar Sua obra, este então seria um mediador, ajudador e consolador. O termo grego utilizado para designar o papel de consolador é *parakletos*, que se personaliza na figura do Espírito Santo (Jo 14.16-17).

Em continuidade à abordagem bíblica do artigo da Declaração, o autor da Carta aos Hebreus diz que Jesus Cristo se ofereceu em sacrifício mediante o Espírito Eterno, sendo esse um sacrifício de ordem distinta, espiritual e absoluta (Hb 9.14).

O Espírito Santo concede testemunho da verdade e a autoridade de Jesus Cristo, sendo que o Pai, a Palavra e o Espírito dão testemunho do Ser e da essência de Jesus Cristo nas regiões celestiais (1 Jo 5.6-7).

Ser guiado pelo Espírito de Deus é um grande privilégio aos cristãos, que passarão usufruir da sabedoria de Deus para tomar decisões mais corretas em sua vida, o qual deveria ser o grande anseio de todo ser humano. Não se pode dizer que erros nunca mais serão cometidos na vida, erra-se, porém, o Espírito de Deus não erra, devendo o homem fazer uso da sabedoria e tomar decisões com base no direcionamento de Deus. É um processo de aprendizado contínuo, onde a cada dia os Seus filhos, àqueles que O buscam e O seguem aprenderão a ouvir a Sua mansa voz, então Ele direcionará a sua vida e endireitará suas veredas (Jo 16.13).

No seu Grande Comissionamento, Jesus Cristo prometeu estar com os filhos de Deus nos bons e maus momentos de sua vida, isto é possível somente através de seu Espírito. O Trinitarismo é enfatizado nesta forte declaração (Mt 28.19). Os profetas falavam com os filhos de Deus por intermédio do Espírito Santo de Deus (2 Pe 1.21).



O Espírito Santo, em toda e qualquer situação cuidaria dos discípulos de Jesus dando-lhes a palavra adequada para que fossem honrados (Lc 12.12). Deus, por meio do Espírito Santo revela a verdade que salva, afirmando também que somente o Espírito Santo conhece as coisas de Deus. Por intermédio da Palavra iluminada o Espírito Santo dá aos cristãos o discernimento da verdade (1 Co 2.10-14).

O autor do livro de Hebreus ensina ao homem que o acesso direto a Deus só foi possível através da morte de Jesus Cristo. E o Espírito Santo ensina que por meio do tabernáculo, que desde então se tem acesso direto com Deus (Hb 9.8). Todas as pessoas receberão o Espírito Santo ao crerem em Jesus Cristo, em cumprimento final à profecia (Jl 2.28 e 32). No entanto, todos os cristãos devem ser batizados pelo Espírito Santo, pois mesmo os Apóstolos tiveram que esperar até o dia de Pentecostes para seu batismo (At 1.5).

O batismo com o Espírito Santo é o meio pelo qual Deus usa para colocar os cristãos no Corpo de Cristo. Ser cheio significa ter o comportamento controlado por Deus (At 2.1-4). O batismo, por ser um ato de obediência, havia se tornado sinônimo de salvação. Ressalta-se que neste texto percebe-se a primeira vez que os Apóstolos chamaram as pessoas para serem batizadas (At 2.41). Os samaritanos receberam o Espírito Santo na presença dos líderes da igreja, cujo propósito era manter a igreja unida. No entanto, não é uma evidência de recebimento do Espírito Santo, subsequente à salvação (At 8.14-17), mas à medida em que os samaritanos, os gentios e aqueles que eram da antiga aliança iam sendo acrescentados à igreja a unidade gradativamente era estabelecida (At 10.44-47).

Em Éfeso, o Apóstolo Paulo apresentou o evangelho àqueles que haviam sido batizados por João, mas não conheciam a Jesus Cristo, após serem batizados falaram em línguas e profetizaram. Isto serviu como prova que faziam parte da igreja, não sabiam que o Espírito Santo havia vindo (At 19.5-7).

Na salvação, o Espírito Santo passa habitar em cada cristão, sem a necessidade de uma segunda benção, sendo essa uma experiência posterior de espiritualidade. O que Jesus Cristo dá por meio da salvação é suficiente e ele chama aos filhos de Deus à obediência (1 Co 12.12-15). É a mudança da mente e dos propósitos de cada indivíduo que conduz se voltar do pecado para Deus. O perdão vem por meio da fé, não pelo rito do batismo com água, sendo esse um sinal exterior e testemunho público de arrependimento dos pecados (At 2.28-32).

A purificação da alma é realizada pelo Espírito Santo por intermédio da Palavra de Deus (Jo 3.5), quando a pessoa crê em Jesus Cristo como Senhor e Salvador, o Espírito Santo faz dele sua morada e os frutos do Espírito se manifestam (Rm 8.9-11 e Gl 5.22). A presença do Espírito Santo é o selo divino com sentido de posse, segurança e garantia de salvação (Ef 4.30). A partir do momento que o Espírito passa habitar no homem, seu corpo pertence ao Senhor, passa ser um membro do corpo de Cristo, passa ser considerado templo do Espírito Santo (1 Co 6.19).

A submissão a Deus não deve ser considerada um peso ou prejuízo, mas é o amor de Deus que conquistou seus filhos por meio de Jesus Cristo (Ef 5.16-25). O termo obedecer remete, geralmente, às regras, mandamentos e ordens, fornece a ideia de algo penoso para ser colocado em prática. A obediência é uma das consequências positivas do amor a Deus (Jo 14.15).

O Espírito Santo será concedido àqueles que lhe obedecerem (At 5.32). Jesus, sendo um grande exemplo de obediência para com seu Pai, fornece ao ser humano um exemplo perfeito de como deve-se obedecer ao Senhor (Hb 5.8-9).

Todos os dons espirituais são fornecidos pelo Espírito Santo e evidenciam a presença do Espírito Santo no cristão (1 Co 12.7-11). Jesus Cristo, por meio do Espírito Santo possuía autoridade para distribuir dons espirituais àqueles que haviam recebido seu chamado (Ef 4.11-13). Cada pessoa regenerada recebe, pelo menos, um dom do Espírito Santo (1 Co 12.4;7). O Apóstolo Paulo compara a igreja de Cristo com os corpos físicos dos filhos de Deus, em que cada membro do corpo tem uma função especial. Deus também dá dons semelhantes a pessoas diferentes (1 Co 12.14-21).

Os frutos do Espírito são atitudes piedosas que evidenciam a presença do Espírito Santo no cristão, se constituindo nove características, ligadas umas às outras, que são colocadas em prática na vida de cada cristão (Gl 5.22-23). Deus espera que produzamos frutos para testemunharmos a transformação em nossas vidas. A palavra testemunha, no sentido grego, significa “pessoa que dá a vida pela sua fé”. Na história da igreja tem-se inúmeros exemplos de pessoas que marcaram esse testemunho (At 1.8).

### 2.1.1 O Espírito Santo como Consolador

Em João 15:26, Jesus Cristo afirma que o Espírito Santo viria como Consolador, enviado da parte do Pai, que viria e daria testemunho dele. Matthew Henry, em seus comentários sobre o Novo Testamento, com referência ao texto bíblico diz:

Neste versículo, tem-se mais informações a respeito do Espírito Santo, do que em qualquer outro versículo na Bíblia. E, sendo batizados no Seu nome, deve interessar-se em conhecê-lo, tanto quanto Ele é revelado. Aqui está uma explicação do Espírito Santo, na Sua essência ou mais exatamente, na Sua subsistência. Ele é o Espírito da verdade que procede do Pai. Ele é mencionado como uma pessoa distinta, não uma qualidade ou propriedade, mas uma pessoa, sob o nome próprio de “Espírito”, sob o título adequado de “Espírito da Verdade”, um título apropriado para Ele, uma vez que testifica.<sup>64</sup>

Segundo Henry, os diversos textos bíblicos citados no primeiro item da Declaração Doutrinária são uma convergência para entender que, quando se fala sobre o Espírito Santo refere-se ao próprio Deus. No entanto, explicar tal prerrogativa não é tarefa fácil ao homem. Em movimentos carismáticos, denominado a Segunda Onda do Pentecostalismo têm-se escrito e falado muito sobre o Espírito Santo e sua doutrina reveladora. Nesse sentido, verifica-se que o Espírito Santo exerce o seguinte papel:

Ele intercede – Rm 8:26; Ele testifica – Jo 15:26; Ele guia – At 8:29 e Rm 8:14  
 Ele ordena – At 16:6-7; Ele conduz – Jo 16:13; Ele nomeia – At 20:28  
 Pode-se mentir para Ele: At 5:3-4; Pode-se insultá-lo: Hb 10:29;  
 Pode-se blasfemar contra Ele: Mt 12: 31-32; Pode-se entristece-lo: Ef 4:30<sup>65</sup>.

Em sua obra, intitulada “O Poder do Espírito Santo”, Billy Graham descreve que Deus, além de um ser divino é também uma pessoa. Ele cita suas características físicas e espirituais, cujos textos bíblicos referenciados levam a considerá-Lo como sendo possuidor de intelecto, emoções e vontade próprias.

<sup>64</sup> HENRY, Matthew. **Comentário bíblico do novo testamento**: Mateus à João. Trad. Dogmar Ribas Júnior. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 997.

<sup>65</sup> GRAHAM, Billy. **O poder do espírito santo**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 19.

### 2.1.2 A inspiração e a autoridade das Sagradas Escrituras

Na Declaração Doutrinária, em seu primeiro artigo, sobre as Santas Escrituras, diz que ela foi: “escrita por homens inspirados e dirigidos pela Espírito Santo”.<sup>66</sup> John MacArthur, em seus comentários bíblicos, afirma que não existem escritores inspirados, que a inspiração se aplica somente aos manuscritos bíblicos originais, não aos escritores bíblicos. Nesse sentido, o autor entende que a Escritura é inspirada, mas os escritores não são.<sup>67</sup> Não obstante, o homem possui o Espírito Santo de Deus e pode ser percebido no trabalho de elaboração das Santas Escrituras, que torna, segundo os batistas, autoridade única e o padrão pelo qual o homem deve ser medido na Terra.

Stott, teólogo anglo-britânico, considerado um dos homens mais influentes no mundo pela Revista Time (2005), muito respeitado pelos batistas pelo estilo claro e lógico de perceber a autoridade das Santas Escrituras, afirma que se o homem vier rejeitar a autoridade nela presente, rejeitará a Supremacia Sagrada de Jesus Cristo<sup>68</sup>:

Rejeitar a autoridade do Antigo ou do Novo Testamento é o mesmo que rejeitar a autoridade de Cristo. Principalmente porque estamos decididos a nos submeter à autoridade de Jesus Cristo como Senhor é que nos submetemos à autoridade da Escritura [...] submeter-se à Escritura é fundamental para a vida diária do cristão, porque sem isto o discipulado, a integridade, a liberdade e o testemunho do cristão estarão seriamente prejudicados, se não totalmente destruídos.<sup>69</sup>

A respeito da atuação do Espírito Santo na vida dos cristãos, Billy Graham, inspirado em João Calvino, cita as *Institutas* como um de seus textos preferidos:

Por isso, o mesmo Espírito que falou pela boca dos profetas tem de entrar em nossos corações para nos convencer de que eles disseram fielmente o que lhes fora divinamente ordenado [...]. Se ele não iluminasse as suas mentes, eles estariam vogando entre muitas dúvidas! [...] Daí a certeza: Os que o Espírito ensinou interiormente se apoiam firmemente sobre a Escritura, que dá autoridade a si mesma, não sendo, portanto, direito sujeitá-la a provas e raciocínios. E a autoridade a que ela tem direito lhe é dada pela atuação do Espírito. Porque mesmo se ela granjeia reverência a si por sua própria majestade, só nos afeta seriamente quando selada sobre nosso coração pelo Espírito. Por isso, iluminados por seu poder, cremos que a Escritura vem de

<sup>66</sup> CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Declaração doutr...**, 2018, op cit., [s.p.].

<sup>67</sup> MacARTHUR, John. **Bíblia de estudo**. Trad adapt Macarthur Sudy Bible. Trad. do texto bíblico João Ferreira de Almeida. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 673.

<sup>68</sup> STOTT, John R. W. **The authority of the bible**. Downers Grove-IL: Inter-Varsity Press, 1974, p. 30-40.

<sup>69</sup> GRAHAM, 2009, op cit., p. 42.

Deus, e não por decisão de quem quer que seja; sem que a mente humana o possa compreender, afirmamos com absoluta certeza (como se estivéssemos olhando para a majestade do próprio Deus) que ela fluiu a nós da boca de Deus, através do ministério de homens. Não buscamos provas, nem indicações de autenticidade sobre as quais apoiar nossa decisão; submetemos a ela nossa opinião e nosso raciocínio, como a algo muito além de qualquer suposição! Fazemos isto não como pessoas acostumadas a opinar sobre alguma coisa desconhecida que, sob análise mais acurada, lhes desagrade, mas plenamente conscientes de que possuímos a verdade incontestável.<sup>70</sup>

Em relação ao poder das Escrituras nota-se que segundo o entendimento de Calvino, esse poder está em um patamar que não é possível de ser comparado a toda e qualquer escrita dos grandes filósofos gregos, conforme se verifica no enunciado a seguir:

Quão peculiar, porém, é esse poder à Escritura, transparece claramente disto: que dos escritos humanos, por maior que seja a arte com que são burilados, nenhum sequer nos consegue impressionar de igual modo. Basta ler a Demóstenes ou a Cícero; a Platão ou a Aristóteles, ou a quaisquer outros desse plantel: em grau admirável, reconheço-o, são atraentes, deleitosos, comoventes, arrebatadores. Contudo, se te transportares dali para esta sagrada leitura, queiras ou não, tão vividamente te afetará, a tal ponto te penetrará o coração, de tal modo se te fixará na medula, que, ante a força de tal emoção, aquela impressividade dos retóricos e filósofos quase que se desvanece totalmente, de sorte que é fácil perceber que as Sagradas Escrituras, que em tão ampla escala superam a todos os dotes e graças da indústria humana, respiram algo de divino.<sup>71</sup>

Na seção seguinte é tratado da convergência do Espírito Santo e Pentecostes.

### 2.1.3 O Espírito Santo e Pentecostes

Em análise ao Espírito Santo e a Pentecostes verificou-se que justo nesse ponto, ocorre a maior divergência doutrinária entre batistas conservadores e pentecostais, uma vez que aos pentecostais, a salvação é apresentada em dois estágios importantes, sendo o primeiro para obter a vida eterna, o segundo, para que o homem tenha uma vida vitoriosa e seja dotado de poder, o que diverge da doutrina conservadora, que enfatiza a presença do Espírito desde o momento da conversão.

<sup>70</sup> GRAHAM, 2009, op cit., p. 51.

<sup>71</sup> CALVINO, João. **As institutas ou tratado da religião cristã (clássica latim)**. Vol. 1. 2. ed. 2003, p. 89. Disponível em < [http://www.protestantismo.com.br/institutas/joao\\_calvino\\_institutas1.pdf](http://www.protestantismo.com.br/institutas/joao_calvino_institutas1.pdf)>. Acesso em 22 abr 2017.

Essa teoria carismática, por muitos é chamada “a segunda benção”, a evidência de seu recebimento é a manifestação do dom de “falar em línguas”, o que leva a concluir se um cristão foi ou não batizado com e pelo Espírito Santo.

Os autores mais conservadores dizem que as Escrituras não deixam claro que os textos bíblicos se referem ao batismo no Espírito Santo como um revestimento de pós conversão, o qual deve ser buscado por todos os cristãos. Não é evidente, portanto, segundo os mais conservadores, que o dom de línguas venha ser um critério para o batismo no Espírito Santo. Não se identificou apoio exegético para chegar a tal conclusão. Para os conservadores, a maioria dos carismáticos e pentecostais não se apoia nas Escrituras para justificar sua doutrina.

David A. Carson, um cristão de natureza mais conservadora, um PhD em Estudos do Novo Testamento, pela Universidade de Cambridge, pondera em sua obra que embora considere perigoso buscar uma segunda benção, que se evidencia no falar em línguas, teme pela apatia espiritual, que poderá ser tão perigosa quanto a busca por uma segunda benção. Nesse contexto, nota-se que o ser humano não pode se conformar com um cristianismo teórico, procurando segurança nesse modelo de fé e religião, sob pena de se tornarem ortodoxos adormecidos.<sup>72</sup>

Billy Graham explica que existem três possíveis exceções no texto bíblico em que os cristãos recebem o Espírito Santo após sua conversão.<sup>73</sup> A primeira passagem bíblica é no Livro de Atos, ao descrever a viagem de Felipe a Samaria. Neste evento, após Felipe pregar o Evangelho, os samaritanos confessaram a Jesus Cristo e foram batizados. E, depois dos Apóstolos terem enviado Pedro e João para saberem o que estava ocorrendo, encontraram-se com uma grande multidão que estava pronta para receber o Espírito Santo (At 8.17).

A segunda passagem, que para alguns ainda traz dúvidas, é a conversão de Saulo na entrada de Damasco, mencionada no livro de Atos 9.17, onde Ananias entra na casa de Saulo, impondo-lhe as mãos para que torne a ver e receba o Espírito Santo. Nesse caso, permanece uma dúvida: quando, afinal, ocorreu a conversão de Saulo? Na estrada de Damasco ou durante seu processo de cegueira?

O novo nascimento, muitas vezes pode ser comparado com o nascimento físico: primeiro ocorre a concepção, depois a gestação, logo em seguida se dá o

---

<sup>72</sup> CARSON, David A. **A manifestação do espírito**: a contemporaneidade dos dons à luz de 1 Coríntios de 12-14. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 162. 231p.

<sup>73</sup> GRAHAM, 2009, op cit., p. 75.

nascimento. Nestas fases pode-se perceber de que forma o Espírito Santo atua na vida dos filhos de Deus, de uma maneira distinta em cada etapa de seu crescimento espiritual.

Um outro texto considerado ainda controverso é a passagem de Atos 19.1-7, em que Paulo está em Éfeso e encontra doze cristãos que nada sabiam sobre o Espírito Santo, entre os quais Paulo provavelmente não viu neles evidências suficientes que mostrassem a presença do Espírito Santo e novamente os batizou em nome de Jesus Cristo.

O texto de Atos 19.6 diz que Paulo, após impor-lhes as mãos veio sobre os doze homens o Espírito Santo e começaram a falar em línguas e a profetizar, porém, não se pode dizer se as línguas que falaram eram as mesmas citadas em Atos 2. Sobre a palavra profetizar, possivelmente era no sentido de testemunho e de proclamação.<sup>74</sup> Estas experiências se integram aos samaritanos, aos gentios e aos chamados “crentes retardatários” de Atos 19 no contexto da igreja. Sobre este episódio, Billy Graham não entende que seja uma evidência para a segunda benção aos cristãos citados nos textos.

#### 2.1.4 O papel do Espírito Santo na conversão do cristão

O Espírito Santo regenera o homem, dando vida àquele que está morto. Nesse sentido, Graham define o termo regeneração da seguinte maneira: “junto com o princípio do arrependimento e da fé o Espírito Santo opera a regeneração do coração das pessoas”.

O termo "regeneração", é sinônimo de renovação ou um novo nascimento. "Não por obras de justiça praticadas pelo homem, mas segundo sua misericórdia, Jesus Cristo salvou o homem com um lavar regenerador e renovador do Espírito Santo" (Tt 3.5). A palavra grega traduzida nesta passagem é composta por duas palavras, que literalmente significa "nascimento de novo" ou um novo nascimento.<sup>75</sup>

A CBB faz algumas considerações sobre o termo regeneração. Trata-se do ato inicial da salvação em que Deus faz nascer novamente o pecador perdido, fazendo dele uma nova criatura em Jesus Cristo. É a obra do Espírito Santo, em que o pecador

<sup>74</sup> GRAHAM, 2009, op cit., p. 78.

<sup>75</sup> Ibidem, p. 51.

recebe o perdão, a justificação, sendo adotado como um filho de Deus, que recebe a promessa de vida eterna e o dom do Espírito Santo. Nesse ato, o novo crente é batizado por meio do Espírito Santo, por ele selado para o dia da redenção final, sendo liberto do castigo eterno de seus pecados.

Existem duas condições para o pecador regenerar-se, que se dá por meio do princípio do arrependimento e pelo princípio da fé. O arrependimento, por sua vez, implica em uma mudança radical da natureza humana interior, por força do que, ao se afastar do pecado e voltar-se para Deus, uma porção de seu Espírito estará sempre presente nesse indivíduo. A fé é a confiança e a aceitação de Jesus Cristo como o único Salvador e a total entrega de sua personalidade a Ele, pelo pecador ou que esteja sujeito ao pecado. Nessa experiência de conversão, nota-se que o homem perdido se reconcilia com Deus, que lhe concede o perdão, promove a justiça e lhe concede a paz.<sup>76</sup>

#### 2.1.5 O Espírito Santo e o selo do cristão

O Apóstolo Paulo parece ter em mente duas coisas ao mencionar o selo no texto bíblico: segurança e propriedade. No que se refere à segurança, os reis, na época do Antigo e do Novo Testamento, selavam correspondências em seu nome, usando seus anéis para garantir confidencialidade. Segundo se verifica, Paulo escreve o seguinte:

Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 8.38-39). João em sua primeira epístola diz: Todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado, antes, aquele que nasceu de Deus o guarda e o maligno não lhe toca (1 Jo 5.19).

Um outro sentido do selo de Paulo é o de propriedade, ao escrever a Carta aos Efésios, que era uma cidade portuária e ali o selo era usado nas transações do porto para garantir o termo de propriedade. Nesse sentido, os Apóstolos Paulo e João, em

---

<sup>76</sup> CRISTIANINI, Jeferson Rodolfo. Religião, evangelho e amor. (2017). **Portal Batista**. Disponível em <[http://www.batistas.com/portal-antigo/index.php?option=com\\_content&view=category&layout=blog&id=28&Itemid=33](http://www.batistas.com/portal-antigo/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=28&Itemid=33)>. Acesso em 23 nov 2017.



suas Epístolas, escrevem para que os filhos de Deus sejam seguros em sua vida espiritual.

#### 2.1.6 O Espírito Santo guiando o cristão

Ser guiado pelo Espírito de Deus é um grande privilégio aos cristãos. Usufruir da sabedoria de Deus para tomar decisões corretas na vida, deveria ser o grande anseio de todo homem. Não se pode dizer que nunca mais se cometerá erros na vida. Erra-se, porém, o Espírito de Deus não erra, devendo fazer uso de uma porção de sua sabedoria para tomar decisões com base no direcionamento de Deus.

No entanto, trata-se de um processo de aprendizado contínuo, em que a cada dia os filhos de Deus, àqueles que o buscam e o seguem, aprenderão a ouvir a mansa voz de Deus e então essa voz delicada direcionará sua vida, endireitando as suas veredas.

#### 2.1.7 O Espírito Santo, dons espirituais e talentos

Ao tratar das diferenças entre os dons espirituais e os talentos, muitos ainda possuem dúvidas por tratar-se de palavras semelhantes, porém, destaca-se o entendimento de Graham, o qual enfatiza que Deus pode tomar um talento e transformá-lo pelo poder do Espírito Santo, usando-o como um dom espiritual.

De fato, frequentemente, muitas pessoas especulam sobre as diferenças que existem entre um dom espiritual e um talento natural, porém, não se sabe com certeza se é sempre possível traçar uma linha precisa na distinção do significado de ambos – não devendo esquecer, sobretudo, que tanto os dons com os talentos provêm de Deus. Contudo, às vezes, dispensa uma distinção clara porque estão evidentes seus significados. Mas no contexto estudado, na maioria das vezes, os dons que se têm em mente são manifestos pela graça de Deus, em que o Espírito Santo oferece a alguém para proveito da Igreja.<sup>77</sup>

---

<sup>77</sup> GRAHAM, 2009, op cit., p. 156.

### 2.1.8 O Espírito Santo, batismo e plenitude

Stott diferencia o batismo e a plenitude do Espírito Santo e afirma que a ordenança do batismo é uma concessão definitiva oferecida por Deus, enquanto a plenitude é uma condição dada por Deus para que seja contínua, devendo a pessoa apropriar-se continuamente desse dom.<sup>78</sup>

A plenitude do Espírito, para Stott, é consequência do batismo pelo Espírito Santo. Jesus Cristo derramou Seu Espírito dos céus por meio do batismo e a plenitude é uma consequência dessa porção de derramamento.

## 2.2 DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL SOBRE O ESPÍRITO SANTO

Na Declaração de Fé das Igrejas Batistas da CBN, no que se refere ao item III – ao Espírito Santo, fica clara a importância do Espírito Santo em relação aos princípios da inspiração, capacitação, iluminação, regeneração e revestimento de poder, sendo esse um dos pontos não tratados na Declaração dos Batistas da CBB.

Creemos que o Espírito Santo é o Espírito de Deus. Ele inspirou homens santos da antiguidade para escrever as Escrituras. Capacita homens através de iluminação a compreender a verdade. Exalta a Cristo. Converte do pecado, da justiça e do juízo. Atrai homens ao Salvador e efetua regeneração. Cultiva o caráter cristão, conforta os crentes e concede os dons espirituais pelos quais eles servem a Deus através de Sua Igreja. Sela o salvo para o dia da redenção final. A presença Ele no cristão é a segurança de Deus para trazer o salvo à plenitude da estatura de Cristo. Ele ilumina e reveste de poder (Batismo no Espírito Santo) o crente e a Igreja para a adoração, evangelismo e serviço<sup>79</sup>.

Vê-se na Declaração de Fé, a ênfase no Batismo por meio do Espírito Santo, o qual ilumina e reveste o cristão de poder. É a marca enfática do Movimento da

<sup>78</sup> STOTT, John. **Batismo e plenitude do espírito santo**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 41.

<sup>79</sup> Gn 1.2; Jz 14.6; Jo 26.13; Sl 51.11; 139.7; Is 61.1-3; Jl 2.28-32; Mt 1.18; 3.16; 4.1; 12.28-32; 28.19; Mc 1.10, 12; Lc 1.35. 4.1,18, 19; 11.13; 12.2; 24.49; Jo 4.24; 14.16, 17,26; 16.7-14; At 1.8; 2.1-4, 38; 4.31; 5.3; 6.3; 7.55; 8.17, 39; 10.44; 13.2; 15.28; 16.6; 19.1-6; Rm 8.9-11; 14.16, 26, 27; I Co 2.10-14; 3.16; 12.3- 11; Gl 4.6; Ef 1.13,14; 4.30; 5.18; 1Ts 5.19; 1Tm 3.16; 4.1; 2Tm 1.14; 3.16; Hb 9.8, 14; 2Pe 1.21; 1Jo 4.13; 5.6, 7; Ap 1.10; 22.17. CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL. **Manual básica...**, 2018, op cit., p. 21.

Renovação Espiritual formalizada através desse documento. O número de versículos bíblicos que enfatizam o assunto se evidencia, sendo relevante à CBN.

Nestes versículos encontra-se o Espírito Santo na nova aliança, revestindo o cristão de poder para viver e testemunhar sobre Jesus Cristo. A antiga aliança traz como exemplo a força de Sansão, que vinha do Espírito de Deus (Jz 14.6). Jesus Cristo praticou Seus atos mediante o poder do Espírito Santo a Ele concedido, pelo Pai (Mt 1.18; 3.16), sendo a tentação de Jesus Cristo vencida pelo poder do Espírito Santo (Mt 4.1).

Não se deve blasfemar contra o Espírito Santo, sob pena de incorrer no risco de entristecimento, resistência e no apagar do Espírito Santo (Mt 12.28-32). Jesus Cristo foi concebido mediante a intervenção maravilhosa do Espírito Santo (Lc 1.35), cuja plenitude é dada a todos os que creem (Lc 11.13).

A verdade de Deus se manifesta através do Espírito Santo (Lc 12.2). O revestimento de poder ao cristão é profetizado em Lucas, entendido como o “batismo no Espírito Santo” (Lc 24.49). As últimas palavras de Jesus Cristo antes de Sua ascensão dizem respeito ao derramamento pentecostal do Espírito Santo (Jo 16.7-14).

Nesse sentido, nota-se que o poder dado pelo Espírito Santo ao cristão permite libertá-lo do medo para proclamar sobre Jesus Cristo aos povos (At 4:31). No entanto, o mau exemplo de Ananias e Safira, ao mentirem para o Espírito Santo trouxeram consequências fatais (At 5.3).

Na instituição dos diáconos os Apóstolos escolheram aqueles que andavam fielmente com o Espírito Santo, que estavam cheios do Espírito (At. 6.3).

Estevão, o primeiro cristão a tornar-se mártir, viu a glória de Deus quando estava “cheio do Espírito” (At 7.55).

O Espírito Santo concedeu dons espirituais para Paulo e Barnabé com o fito de que testemunhassem de Deus e de Jesus Cristo (At 13.2).

No Concílio de Jerusalém, o apóstolo Lucas evidencia que o Espírito Santo estava no comando das decisões (At 15.28). Em suas viagens missionárias, Paulo era dirigido pelo Espírito Santo (At 16.6) e na sua terceira viagem missionária depara-se com alguns discípulos que não se sabe se eram cristãos ou somente discípulos de João Batista. Segundo os pentecostais, Paulo dirige-se a eles como se já tivessem crido, mas não haviam recebido a plenitude do Espírito Santo.

Verifica-se que há enorme divergência de entendimento entre os batistas brasileiros e os batistas nacionais sobre o assunto, uma vez que os batistas brasileiros entendem a passagem como que esses discípulos fossem seguidores de João Batista e não tinham entendido plenamente a fé cristã. Haviam sido batizados somente por meio do “batismo de João” (At 19.1-6).

A presença do Espírito resulta da filiação do indivíduo para com Deus, uma vez que são adotados e então envia uma porção de seu Espírito (Gl 4.6). O Espírito Santo é uma marca da propriedade de Deus para com o cristão, um entendimento comum entre os batistas brasileiros e batistas nacionais (Ef 1.13-14).

O entristecimento do Espírito o conduz a resistir e extinguir-se da vida do cristão (Ef 4.30) e dessa forma, a manifestação do Espírito Santo pode ser extinta da vida do cristão quando se faz uso incorreto da profecia e dos dons espirituais (1 Ts 5.19-20).

Nos últimos tempos a apostasia, que significa o afastamento total da presença de Deus, é uma advertência do Espírito aos cristãos e ao evangelho liberal, juntamente com os novos modelos de educação anti-bíblicos, que estão contribuindo para o surgimento de um cenário de apostasia de muitos homens que antes eram fieis, quando não, da própria juventude (1 Tm 4.1).

Todo homem deve guardar e defender o evangelho a ele dado gratuitamente para ajudar a igreja a não se afastar da verdade (2 Tm 1.14). O amor do homem por Deus é consequência da presença constante de uma porção do Espírito Santo nele (1 Jo 4.13).

A água e o sangue representam o batismo e a morte de Jesus Cristo na cruz, o Espírito Santo, por sua vez, dá testemunho dessa verdade (1 Jo 5.6-7). Todo cristão pode apresentar graus diferentes de percepção espiritual e comunicação com o Espírito Santo e receber visões celestiais (Ap 1.10). Nessa última citação do Espírito Santo na Bíblia nota-se que Ele conduz a igreja, que já está capacitada a levar o evangelho ao mundo (Ap 22.17).

Em se tratando do tema eclesiologia, a CBN, no Manual Básico Batista Nacional, no campo teológico doutrinário, declara que a crença que o batismo no Espírito Santo e os dons espirituais são realidades bíblicas vigentes e experimentais para a igreja cristã atual. E sobre os dons espirituais, a CBN ensina que eles caracterizam meios concedidos pelo Espírito Santo, pelos quais a igreja atinge o objetivo de glorificar a Deus, expandir o Reino e edificar Sua igreja.

Os dons não servem como critério para avaliar a qualidade espiritual do cristão ou da igreja, mas os frutos do Espírito são evidências concretas e objetivas para reconhecer a verdadeira espiritualidade do ser humano.

Os dons são concedidos aos cristãos segundo a soberania de Deus, sem discriminação ou acepção de pessoas. Nesse sentido, o uso dos dons deve ser balizado cuidadosamente pelas práticas neo-testamentárias.

A busca por dons espirituais deve ter como principal objetivo propagar o amor de Deus e do Salvador Jesus Cristo ao próximo, promover a solidariedade e a dedicação ao próximo, devendo o cristão buscá-lo sempre e cada vez mais para tornar-se mais perfeito. A busca por dons espirituais para edificar a igreja deve ser priorizada e comparada aos dons individuais. Nesse sentido, segundo o Estatuto da CBN, em seu capítulo quatro, parágrafo 3º:

Em hipótese alguma serão apreciadas propostas de reforma estatutária que visem revogar, alterar ou desvirtuar de qualquer forma a profissão de fé expressa no Art. 1º deste Estatuto, no tocante ao batismo no Espírito Santo e na atualidade de dons espirituais.<sup>80</sup>

Essa nova maneira de perceber e proclamar o evangelho, pela prática experimental dos dons e do batismo pelo Espírito Santo, gerou enorme desgaste aos pastores, aos líderes e às igrejas da CBN. Afinal, foi o mesmo que andar na contramão espiritual em comparação aos batistas tradicionais.

Nesse mesmo sentido, nota-se que o Pr. Tognini descreve em sua obra que após 33 anos (ano-base 1987) de serviços prestados à CBN, exigia-se uma renovação para que o desânimo e a desconfiança não imperassem dentro da organização e tornasse o ambiente impuro. Então um novo pacto firma-se entre as igrejas da CBN, um pacto de perdão, de uma conduta ilibada e de administração, representando o futuro da própria CBN. E assim sendo, desde que foi firmado esse novo pacto, as igrejas da CBN passaram a viver tempos muito abençoados e harmoniosos.<sup>81</sup>

---

<sup>80</sup> CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL. **Manual básico**..., op cit., [s.d.], p. 21.

<sup>81</sup> TOGNINI, 1993, op cit., p. 299-305.

## 2.3 CONSIDERAÇÕES DE TEÓLOGOS SOBRE OS DONS DO ESPÍRITO SANTO

Existem duas visões sobre os dons espirituais, presentes no cristianismo protestante, que divide a opinião dos teólogos da igreja, resultando em duas importantes correntes: o cessacionismo e o continuísmo.

O cessacionismo, por sua vez, é a visão teológica, pela qual afirma que os chamados “dons espetaculares”, mencionados no Novo Testamento deixaram de existir desde o fim da era apostólica. Esses dons abrangiam especialmente as línguas, profecias, curas e milagres. Essa corrente não nega que Deus, mesmo nos dias atuais realiza grandiosas obras e interfere na ordem natural das coisas, mas ensina que esses milagres não decorrem do exercício de dons especiais dados a esse ou àquele indivíduo em particular, mas resulta das orações do povo de Deus em geral.

Os cessacionistas ensinam que os milagres atuais são mais raros, diferente dos tempos em que os mencionados dons existiam de fato. Acreditam que na época em que os dons vigoravam, os milagres eram mais numerosos (At 5.12-16; 8.4-8; 28.7-10) e serviam para estabelecer a fundação da igreja primitiva. Essa corrente é muito difundida entre os teólogos reformados, fundamentalistas e bíblicos como John MacArthur e Richard Gaffin. No Brasil, seus grandes defensores são o Pr. Marcos Granconato, da Igreja Batista da Redenção em São Paulo e o Rev. Augustus Nicodemus, Pr. da Primeira Igreja Presbiteriana de Goiânia.

Na visão continuísta, todos os dons aplicados no Novo Testamento continuam sendo aplicados por Deus no decorrer da história da igreja. A continuidade desses dons atesta a comprovação do poder de Deus e da autoridade concedida à igreja, defendida pelos teólogos pentecostais e neopentecostais.

Atualmente não há na CBB um levantamento estatístico sobre o posicionamento das igrejas em relação ao cessacionismo e continuísmo. Sabe-se, por experiência do próprio autor, que as igrejas localizadas no Sudeste do Brasil, por influência do Seminário Bíblico Palavra de Vida - SBPV, de origem americana e localizado em Atibaia – SP, são em sua maioria cessacionistas. Neste Seminário, conforme sua Declaração de Fé, o cessacionismo é a única posição bíblica válida.<sup>82</sup>

Sobre o termo *pneuma*, também representado pelo símbolo  $\pi\nu\epsilon\upsilon\mu\alpha$ , no pensamento judaico indica o poder que a humanidade experimenta no seu

<sup>82</sup> Declaração de fé. **Seminário Bíblico Palavra de Vida**. (2018). Disponível em <<http://opv.org.br/portal/sbpv/sobre/declaracao/>>. Acesso em 22 abr 2018.

relacionamento com o reino espiritual, reino este muito além do controle humano. Partindo dessa definição, o vocábulo *pneuma* tem um significado bastante amplo. O uso frequente do termo no Novo Testamento (mais de 250 vezes) é uma referência ao Espírito de Deus, ao próprio Espírito Santo, que é o poder relacionado, seja à fonte, seja à natureza de Deus.

No Movimento de Renovação Espiritual, que deu origem a CBN, a doutrina de maior ênfase foi o dom de falar em línguas. No entanto, houve posicionamentos de alguns teólogos sobre esse dom que tanto dividiu as igrejas conservadoras.

Em seu livro, o Pr. Reis Pereira, que compôs a Comissão dos Treze, sendo neutro, permite entender que esse dom carismático pode ocorrer, pois não existe limitante de tempo na Bíblia para que cesse, conforme segue:

Pelo que julgo, não é possível determinar com alguma certeza se os fenômenos carismáticos contemporâneos são de fato dons do Espírito Santo. Simplesmente, não existem dados bíblicos que indiquem o tempo de cumprimento da predição de que as línguas cessarão. Os dados históricos também não são claros, nem conclusivos [...] mesmo que a história prove que o dom de línguas já cessou, nada impede que Deus reestabeleça. Por outro lado, a prova histórica de que o dom esteve presente ao longo de várias eras da igreja, não validariam o fenômeno presente.<sup>83</sup>

Estudiosos da doutrina cristã, como Pereira, consideram que a atuação do Espírito Santo na vida do cristão se faz pelo processo de santificação progressiva, porém, as manifestações emotivas por mais sinceras que sejam não podem ser apresentadas com padrão a ser seguido por todos.

Segundo Pereira, o batismo no Espírito Santo, como uma segunda benção, não encontrava sólida base nas Escrituras. Para o autor, caso as igrejas continuassem com esses ensinamentos poderiam se tornar livres para uma saída pacífica da Convenção Batista Brasileira.<sup>84</sup> Richard Gaffin, uma das autoridades cessacionistas, bem conhecida entre os reformados, membro do Seminário de Westminster, confere seu posicionamento de maneira bastante interessante:

O ponto de vista cessacionista que confesso não é, de modo algum, impulsionado pelo desejo racionalista de deixar tudo quanto se poder dizer a respeito da obra do Espírito Santo embrulhado em um pacotinho bem arrumado e conveniente. Ao mesmo tempo, não devemos abraçar um tipo de "capricho do Espírito". O vento do Espírito em João 3.8 não sopra no vácuo. As Escrituras, vistas em sua totalidade, ensinam que o Espírito, segundo sua

<sup>83</sup> PEREIRA, 1985, op cit., p. 197.

<sup>84</sup> Idem.

soberania, acha por bem circunscrever sua atividade e estruturá-la segundo os padrões revelados. Esses padrões, e não o que o Espírito possa determinar fazer além deles, devem ser o enfoque e modelo das expectativas da igreja hoje.<sup>85</sup>

Gaffin explica em seu livro que o evento de Pentecostes deve ser entendido sob dois aspectos importantes: a história da salvação e a ordem da salvação. Quanto a história da salvação, ele caracteriza como um evento que faz parte da realização da obra de Cristo, derradeiramente consumada, ex.: a morte e ressurreição de Cristo; sobre a ordem da salvação, ele trata-se da aplicação contínua da obra de Cristo aos que decidem segui-lo, ex.: fé, justificação e santificação que ocorre quando o cristão se apropria dessa obra de Cristo.

O mesmo autor ressalta que o evento de Pentecostes foi definitivo, culminante, não havendo nada de “segunda benção” no acontecimento, embora cronologicamente separados, fazem parte da história da salvação e redenção da humanidade.<sup>86</sup>

O autor continua a defesa do cessacionismo afirmando que a pessoa recebe parte do Espírito ao converter-se e essa experiência ocorre no momento em que o indivíduo entra em comunhão com o corpo de Cristo, que é o momento da conversão, não em um momento subsequente (Pentecostes).

O significado de Pentecoste é primeiramente salvífico-histórico e cristológico, mas não experimental. Citando uma construção sua, Gaffin considera que esse fundamento é realizado uma única vez e dispensa novo fundamento durante a sua obra. Os apóstolos e profetas pertenceram ao período do fundamento, sendo, portanto, um fundamento temporal. E assim, questiona sobre a atuação do Espírito Santo aos “continuístas”:

Se o Espírito de Deus, o Espírito da verdade e da ordem, está realmente restaurando, em ampla escala, esses dons proféticos à igreja, poderia haver, conforme de fato há, tamanha ambiguidade e confusão, sem falar em divisão, no tocante a eles? O Espírito, que concede os dons a fim de unificar e de edificar, opera dessa maneira ambivalente e incerta?.<sup>87</sup>

Considerando o posicionamento conservador de Gaffin, de que as práticas atuais do continuísmo conflitam com o Novo Testamento e conduzem à confusão que,

---

<sup>85</sup> GAFFIN JÚNIOR, Richard; SAUCY, Robert; STORMS, Samuel, C.; OSS, Douglas. **Cessaram os dons espirituais?** Quatro pontos de vista. 1. ed. São Paulo: Vida, 2003, p. 25.

<sup>86</sup> GAFFIN JÚNIOR et al., 2003, op cit., p. 31.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 63



quando se fala em dons do Espírito leva-se a concluir que sua preocupação é pertinente, pois muitas igrejas praticam o exercício secularizado da razão, cedendo espaço para o domínio maligno.<sup>88</sup>

Entretanto, ao se questionar a posição cessacionista de Gaffin, estudiosos como Robert Saucy, considerado cauteloso quanto às suas posições cessacionistas e continuístas, sem ser categórico em sua opinião, questiona sobre o posicionamento de Gaffin, como se verifica a seguir:

Embora as Escrituras sejam o cânon da verdade, será que o Espírito não revela, tanto individual quanto corporativamente, em uma igreja, seu desejo em situações específicas que vão além do que uma pessoa possa legitimamente interpretar em qualquer passagem bíblica?<sup>89</sup> Finalmente, Gaffin subentende que a profecia não pode ocorrer porque não pode ser testada pelas Escrituras. Algumas delas, tais como as de Ágabo (At 11.28 e At 21.11) são tão específicas que as Escrituras não lidam diretamente com elas. Mas se reconhecermos que as profecias de Ágabo não podiam ser testadas à luz das Escrituras (e isso parece válido), como puderam verificar que essas profecias provinham de Deus?<sup>90</sup>

Os autores da corrente continuísta certamente reprovam a visão cessacionista, no tocante à atuação do Espírito Santo, de um modo sobrenatural e milagroso, desconsiderando Pentecostes como um evento “culminante” e sucessivo de uma série de outros eventos, mas somente inaugural às bênçãos espirituais.

Dessa forma, salientam que embora o derramamento universal do Espírito tenha sido em grande parte salvífico e cristológico, foi também carismático, revestindo o povo de Deus com poder para a vida e para o ministério de Cristo a ser exercido. Veja-se que C. Samuel Storms, defensor do Movimento Terceira Onda<sup>91</sup> contrapõe-se à Gaffin e coloca como seu posicionamento:

Parece que Gaffin está pedindo que acreditemos que porque os dons milagrosos ajudaram a lançar a igreja ao atestar a proclamação original do evangelho, aqueles fenômenos não possuem nenhuma função adicional ou

<sup>88</sup> GAFFIN JÚNIOR et al., 2003, op cit., p. 63.

<sup>89</sup> Ibidem, p. 73

<sup>90</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>91</sup> Nome dado pelo catedrático C. Peter Wagner, no Seminário Fuller, que denominou a Renovação Pentecostal como a Primeira Onda e o Movimento Carismático como a Segunda Onda. O movimento chamado Terceira Onda enconrajam os cristãos a buscar e usar os dons espirituais neotestamentários e que a proclamação do evangelho deve vir acompanhada de milagres, sinais e maravilhas. Embora acreditem que o dom de línguas exista hoje, não o enfatizam tanto quanto os pentecostais e carismáticos. Seu representante maior é o Pr. John Wimber da Comunidade Cristã Vineyard localizada em Anaheim, Califórnia.

continua para sustentar e nutrir a própria igreja. Mas essa é uma falsa conclusão, destituída de evidências bíblicas.<sup>92</sup> Como alguém pode argumentar que semelhantes dons milagrosos perderam sua validade e seu valor prático para levar a efeito o que Deus determinou para eles, simplesmente porque, em certa altura do século I, os Apóstolos morreram?<sup>93</sup>

Como base para manifestar-se Storms cita os textos de 1 Ts 5.19-22; Rm 12.3-6 e Gl 3.5 sobre fatos que ocorreram em Tessalônica, em Roma e na Galácia. Nesses textos o Apóstolo Paulo indica que o Espírito Santo é poderoso e ativo nas igrejas, que o homem é um corpo que possui diversas funções e a fé em Cristo supera a Lei de Moisés. Nota-se que esses livros trazem passagens que mostram o viver comum do cristão que tenta ministrar na vida de outras pessoas àquilo que haviam recebido do Espírito.

Douglas Oss, sendo pentecostal, contrapõe-se aos argumentos de Gaffin e afirma que Gaffin confunde história da salvação e ordem da salvação, não aplicando de uma forma consistente os princípios da história da salvação, como se verifica a seguir:

O ponto de vista de Gaffin omite uma linha importante dessas evidências no registro da história da salvação e focaliza, em decorrência disso, só parte do quadro. Talvez o erro essencial cometido pelo prof. Gaffin seja a confusão entre a ordem da salvação e a história da salvação.<sup>94</sup>

Oss contesta Gaffin ao afirmar que o evento de Pentecostes não é um fenômeno passível de repetição, houve o derramamento de uma porção do Espírito Santo sobre a igreja, o qual é revestido de todo poder e conhecimento infinito, para ele próprio e para seus filhos, expresso na atualidade nas pregações cheias do Espírito Santo, no revestimento de poder, nas curas, sinais e milagres que se manifestem e sejam presenciados pelo olho humano:

Argumentar que o Pentecoste não é um evento repetível, por ter sido o derramamento do Espírito sobre a igreja, de uma vez por todas, não alcança a essência da posição pentecostal, e desvia o debate da verdadeira questão em pauta. Nenhum pentecostal argumentaria que o dia do Pentecoste, como o dia histórico único, no qual Cristo outorgou seu Espírito à igreja, pode ser repetido naquele sentido. Pelo contrário, os pentecostais argumentam que, posto que Cristo realmente derramou seu Espírito, e posto que o Espírito realmente habita na igreja, o Espírito está à disposição de todos os crentes da mesma maneira experimental que estava à disposição dos crentes no

---

<sup>92</sup> GAFFIN JÚNIOR et al., 2003, op cit., p. 79.

<sup>93</sup> Ibidem, p. 81.

<sup>94</sup> Ibidem, p. 92.

primeiro dia: com poder. Nesse sentido, o Pentecoste é repetível.<sup>95</sup> Os pentecostais acreditam que a obra do Espírito que reveste de poder é para o corpo coletivo de Cristo, mas em um sentido real e concreto. Isto é, a obra do Espírito entre grupos de pessoas, para revesti-las de poder, será expressa por indivíduos dentro desses grupos, da mesma maneira que o poder no Espírito sempre tem sido expresso — por pregações ousadas, por dons milagrosos, por manifestações em expressões verbais, por curas, e assim por diante. Essa vida característica dos "últimos dias" é para todos no corpo de Cristo.<sup>96</sup>

A posição cessacionista é radicalmente combatida pela Terceira Onda e pelos pentecostais, seu posicionamento radical é que o Espírito Santo somente poderá comunicar-se com o homem mediante o que está escrito na Bíblia e toda e qualquer situação divergente nessas Escrituras seria uma afronta e uma ameaça ao cânon. Entretanto, o movimento Terceira Onda cita textos bíblicos que contrariam tal argumentação cessacionista de Gaffin (1 Co 12:7-10 e At 13:1-3).<sup>97</sup> Mas por outro lado, os batistas pentecostais não aplicam a visão cessacionista em sua doutrina, encorajando o uso dos dons espirituais nos dias atuais, sem contudo desprezar as experiências carismáticas. Em sentido similar, o Pr. Enéas Tognini expõe suas considerações sobre esse avivamento e considera o seguinte ponto de vista:

Avivar é tornar novo, restaurar. E quando se trata de seres vivos, é dar-lhes nova vida, reanima-los, recuperar-lhes as energias. É soprar-lhes, ascender-lhes as brasas da fé. É trocar-lhes o fumejar mórbido das brasas encobertas pelas cinzas por vividas outras brilhantes labaredas.<sup>98</sup>

Tognini combatia de maneira dura àqueles que acreditavam em um avivamento à igreja considerada adormecida, cita em sua obra que não “perdia tempo” para estudar a Bíblia, se o assunto fosse dons espirituais, principalmente, ao tratar-se de batismo por meio do Espírito Santo.

No entanto, após ter sua experiência pessoal de avivamento descreve que Deus, assim como falou com Pedro, João, Wesley e Moody, falou também com Tognini e, desde então, a Bíblia se torna um novo livro, e ele agora passa a orar com mais liberdade, tendo plena consciência do pecado em sua vida. Ele sentia mais amor pelos seus irmãos e pelas almas perdidas e dessa forma pregava com muito mais intensidade.

---

<sup>95</sup> GAFFIN JÚNIOR et al., 2003, op cit., p. 94.

<sup>96</sup> Ibidem, p. 95.

<sup>97</sup> Ibidem, p. 84.

<sup>98</sup> TOGNINI, 1993, op cit., p. 31.

A renovação espiritual, muitas vezes chamada como avivamento, se dá quando os cristãos experimentam, em conjunto, uma renovação pessoal por meio do evangelho. O poder transformador que deve ser inculcado na mente e no coração das pessoas, vem através da propagação do evangelho. No entanto, essa renovação espiritual não se trata da reunião de um conjunto de doutrinas, mas refere-se ao poder do Espírito Santo transformador, que atua eficazmente na vida das pessoas, sendo essa uma tarefa contínua na igreja, como corpo.

Os cristãos não devem buscar apoio na sua santificação para serem justificados, mas por meio da expiação do Salvador Jesus Cristo e da obediência receberão o galardão perante Deus, o Pai. Se dito ao contrário, pode-se afirmar que os cristãos devem buscar apoio na justificação para serem santificados.

Se o cristão entende que sua justificação se baseia em obras terá necessidade desse avivamento. Nesse mesmo sentido, verifica-se que Keller descreve em sua obra dois conceitos importantes sobre o avivamento do qual está sendo tratado:

O primeiro conceito enxerga o avivamento basicamente como o acréscimo de atos extraordinários do Espírito Santo (como milagres, curas e revelações). O segundo conceito enxerga o avivamento como um período especialmente vigoroso de pregação, de reuniões e de atividades evangelísticas. Em contraste com estes dois conceitos, defendo que a renovação ou avivamento pelo evangelho é uma intensificação da atuação normal do Espírito Santo (convicção em relação ao pecado, regeneração e santificação, segurança da graça) por intermédio dos meios comuns de graça (pregação da Bíblia, oração e os sacramentos).<sup>99</sup>

O posicionamento de Keller remete à lembrança do Primeiro Grande Avivamento que ocorreu nos Estados Unidos, em que o pastor congregacional Jonathan Edwards se destaca com seus sermões, causando enorme impacto no público, que os conduzia ao grande despertar espiritual.

Estar convicto do pecado, acompanhado dos princípios da regeneração e santificação, citados por Keller, eram evidências claras nas obras de Edwards, o qual defendia a religião do coração, não a religião da cabeça. Ao ler as experiências de batismos por meio do Espírito Santo, obtidas pelo Pr. Tognini, pergunta-se: não seria a mesma experiência que sentiram aqueles que tiveram o despertar espiritual na época de Edwards? Não se tem resposta para essa pergunta, mas sabe-se que o

---

<sup>99</sup> KELLER, Timothy. **Igreja centrada**: desenvolvendo na sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. Tradução de Eulália P. Kregness, São Paulo: Vida Nova, 2014, [s.p.].

Espírito Santo trabalha para derrotar um oponente claro e óbvio: a natureza do coração humano.<sup>100</sup>

Conforme se percebe, há divergência teológica sobre a doutrina do Espírito Santo entre os batistas e entre as denominações diversas. Em se tratando dos princípios batistas, nota-se que são pontos de concordância entre a denominação, principalmente, em relação à Comunhão, Missão e Santificação, sendo esses elementos tratados na sequência.

---

<sup>100</sup> TOGNINI, 1993, op cit., p. 117.

### **3. O PAPEL DO ESPÍRITO SANTO NA COMUNHÃO, MISSÃO E SANTIFICAÇÃO DA IGREJA BATISTA**

Para o apóstolo Paulo, os cristãos têm a sagrada responsabilidade de em suas vidas terrenas desfrutar da influência constante e poder do Espírito Santo (cf. Rm 8; 1 Cor 12-14). Em termos gerais, para os cristãos antigos, significa que deveriam deixar-se influenciar e moldar-se pelos ensinamentos de Jesus Cristo, criados por Deus, segundo o padrão divino. Embora não sendo algo que os cristãos alcançassem ou alcançassem facilmente, por si mesmos, de uma maneira especial, esses ensinamentos permitiam, após a conversão do cristão, que o Espírito de Deus produzisse em si os frutos por meio do Espírito (2 Co 3.18; Gl 5.18-23), quando ocorria havia um relacionamento cristão vivenciado dentro da igreja, o que se chama comunhão.

#### **3.1 O ESPÍRITO E A COMUNHÃO**

O Espírito Santo é o agente por meio do qual temos uma aproximação verdadeira com Deus. No texto de 2 Co 13.14, Paulo nos abençoa com as palavras “que a presença e a comunhão do Espírito Santo estejam com vocês”. Se temos essa comunhão com o Pai e o Filho é porque o Espírito Santo está atuando em nossas vidas para que tenhamos um relacionamento de parceria, intimidade e amizade com as pessoas que convivemos. Estes atributos nos é outorgado pelo Espírito Santo conforme Rm 5.5 e nos capacita a ter uma vida plena no relacionamento cristão.

##### **3.1.1 Definição de comunhão**

A termo comunhão é a tradução mais usual da palavra grega *koinonia*, que traz como ideia básica uma associação íntima entre os cristãos e Deus e entre os próprios cristãos (Gl 2.9; 1 Co 1.9; 2 Co 3.13; Fp 2.1; 1 Jo 1.3, 6-7). Uma outra ideia é de compartilhar os bens materiais uns com os outros (2 Co 8.4; 2 Co 9.13; Rm 15.26; Hb 13.16). Também pode-se associar a ideia de participação mútua na obra do

Evangelho, de sua participação em várias atividades do evangelho, como a Ceia do Senhor (At 2.42; 1 Co 10.16; 2 Co 6.14; Fp 1.5; Fp 3.10; Fm 1.6).

Existem outros termos originados do grego, com tradução etimológica literal, relacionados à palavra comunhão. O termo *koinoneo* significa ter participação comum em alguma coisa, seja oferecendo bens materiais como donativos ou participando de qualquer atividade ou benefício com outras pessoas; *koinonos*, significa participar de alguma coisa, ser sócio de algo com alguém mais, ser parte, ser companheiro na obra do evangelho, co-participante com os irmãos nos sofrimentos de Jesus Cristo e do próprio ser humano; *koinonikos*, alguém que tende compartilhar, ser generoso e liberal; o termo *koinos* significa ser comum, possuidor por um grupo de pessoas, relativo a bens materiais, a fé e a salvação; o termo *koinoo* significa tornar comum, declarar ou fazer com que alguém se torne cerimonialmente impuro ou contaminado.

Um dos textos bíblicos mais conhecidos, relacionado à comunhão está no livro de Atos 2.41-47.

De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas,  
E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações.  
E em toda a alma havia temor, e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos.  
E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum.  
E vendiam suas propriedades e bens, e repartiam com todos, segundo cada um havia de mister.  
E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração,  
Louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar.

No texto acima relatado pode-se observar uma relação íntima entre os cristãos e Deus, um compartilhamento de bens materiais entre ambos, havendo espírito de cooperação na obra do evangelismo, unidade e amor nas reuniões e entre aqueles que participam.

### 3.1.2 Características da comunhão

A comunhão apresenta características peculiares, que também já foram estudadas no trecho bíblico em Atos 2. Em outros livros do Novo Testamento, citados

nessa dissertação, aparecem outras características muito específicas. E diante dessas informações pode-se saber se atualmente a igreja experimenta essa comunhão, em sentido bíblico. A seguir vejam-se algumas características principais da comunhão.

De maneira habitual os cristãos se esforçam e dedicam algum tempo para pensar e estudar as Escrituras, compartilham experiências, oram e participam da Ceia do Senhor (At 2.42); os cristãos compartilham de seus bens para com seus irmãos necessitados (At 2.45; 2 Co 8.3-4); há entre cristãos a comunhão do Espírito, pois pelo Espírito Santo são unidos (2 Co 3.14); cooperam na obra do evangelho (Fp 1.5; Hb 13.16); compartilham alegrias e tristezas no conviver diário, havendo consenso em seus propósitos e metas estabelecidas (At 2.46); louvam a Deus e se alegram quando se reúnem (At 2.46-47); participam ativamente nas atividades de pequenos grupos e nos ministérios da igreja local (At 2.44); confessam os pecados aos líderes, aos seus irmãos, quando necessário e a Deus (1 Jo 1.3; 6-7, 9)

Em todos os textos bíblicos citados nessa pesquisa, notou-se que a comunhão ocorre basicamente na relação entre pessoas, porém, manifesta-se sob maneiras diversas. Porém, um ato espiritual e experimental não é tão visível quanto se imagina aos olhos nus, sendo mais perceptivo nos relacionamentos entre seres humanos.

### 3.1.3 Presença do Espírito Santo no processo de comunhão da Igreja

O apóstolo Paulo ensina em 1 Co 12 que, como membro da igreja de Jesus Cristo, cada cristão é importante na vida da igreja e de outros cristãos também. E para que o processo de comunhão seja eficaz e tenha as características descritas no texto anterior, Deus, por meio do Espírito Santo, concede a cada cristão dons espirituais, capacitando-os a cumprir as necessidades relativas à comunhão.

Esses dons concedidos pelo Espírito Santo a cada cristão, manifestos na Bíblia, conforme 1 Co 12.7, ensinam que cada pessoa regenerada recebe pelo menos um dom de Deus e essa porção faz com que cada pessoa amadureça espiritualmente, fortalecendo seu relacionamento vertical com Deus e horizontal, com os demais cristãos, devendo orar uns pelos outros, ajudarem-se, louvarem, estudarem e compartilharem os ensinamentos presentes nas Escrituras, o que fará com que os



discípulos sejam formados e permitam que os outros percebam a comunhão que há no grupo e também desejem integrar o processo.

Os pequenos grupos se multiplicam e formam uma igreja sólida com base bíblica. Os líderes se destacam nesse processo e outros são preparados para a liderança, auxiliam a pastorear os novos convertidos ao Evangelho, havendo crescimento orgânico e exponencial na vida da igreja e dos filhos de Deus.

As igrejas que trabalham como se células fossem, em unidade, dependente, ou em pequenos grupos, seja no Brasil ou no exterior, possuem estrutura adequada à igreja local para levar a cabo esse processo. Os supervisores, líderes, auxiliares e discipuladores, todos fazem parte dessa estrutura para que a comunhão seja uma realidade visível e perceptível na igreja e fora dela.

Tanto as igrejas da CBB, quanto as igrejas da CBN utilizam o método de criação de pequenos grupos para alavancar a comunhão entre os membros. E assim sendo, diversos modelos são aplicados em cada realidade eclesial específica, com a preocupação de preparar pessoas para assumir a liderança e o discipulado dos membros.

E colocando em prática a comunhão, a igreja estará pronta para cumprir uma ordem ou chamado de Jesus Cristo, chamada a Grande Comissão (Mt 28.18-20), colocada como uma tarefa missionária da igreja. Nesse sentido, três pontos são enfatizados nesse texto bíblico: ir (v. 19) batizando (v. 19) e ensinando (v. 20), realizado sempre em nome dos três membros da Trindade, sendo esse um desafio enorme à igreja de Jesus Cristo: que é sair das quatro paredes para proclamar o Evangelho aos confins da Terra, a isto chama-se Missão.

### 3.2 O ESPÍRITO E A MISSÃO

Ve-se no livro de Atos dos Apóstolos que a atuação do Espírito Santo na comunidade cristã primitiva era um poder que capacitava e dava autoridade aos líderes chamados cristãos. Com o movimento sendo direcionado para fora de Jerusalém e com a morte de Estevão, o Espírito Santo se tornou um direcionador da missão, enviando os evangelistas para um novo mundo que se abria diante deles.

### 3.2.1 Definição de missão

O termo missão não é citado na Bíblia, mas em se tratando desse assunto nas igrejas é muito falado em missões, em vez de missão. Nesse sentido, liga-se o tema com o envio de missionários a lugares que o Evangelho ainda precisa ser proclamado, vindo a mente as organizações nacionais e internacionais que apoiam as igrejas para enviar missionários para plantar igrejas e para estabelecer os vínculos de comunhão com outros povos que ainda não conhecem a Jesus Cristo.

A raiz da palavra missão, quando usada em línguas latinas, deriva do termo *missio* ou *missionis*, que se refere a expressão “enviar de Deus” e assim, as definições de alguns teólogos fornecem uma abrangência ampla e necessária do sentido bíblico do termo missão:

Missão tem a ver com atravessar fronteiras. Descreve toda a tarefa que Deus designou a igreja para a salvação do mundo. É a tarefa da igreja em movimento, a igreja que vive para os outros, a igreja que está preocupada não somente consigo mesma, que se vira às avessas para o mundo [...]. As fronteiras podem ser étnicas, culturais, geográficas, religiosas, ideológicas ou sociais. Missão ocorre - onde a igreja, no seu desenvolvimento total com o mundo e a compreensibilidade da sua mensagem, dá testemunho por palavra e ação na forma de um servo, com referência a descrença, exploração, discriminação e violência, mas também com referência a salvação, cura, libertação, reconciliação e retidão. [...]. Evangelização é mais que um mero segmento de missão [...] antes, uma dimensão essencial de missão. É o amago da missão cristã para o mundo.<sup>101</sup>

Bosch conceitua de forma clara a definição quanto ao “ide” de Jesus, saindo das quatro paredes do templo e levando a mensagem do Evangelho para fora, existindo fronteiras, mas estas não impediam de sair a proclamar o reino de Deus.

A missiologia, designação para a ciência que estuda as missões, à luz da doutrina bíblica, contribui para melhor entender o conceito e o propósito do termo missões no mundo. A definição de Verkuyl é apreciável, missionário estadista holandês, tendo vivido 24 anos na Indonésia, afirma que a missiologia vem ser: "o estudo das atividades salvíficas do Pai, Filho e do Espírito Santo, através do mundo,

---

<sup>101</sup> BOSCH, David. **Witness to the world**. The Christian mission in theological perspective. Atlanta: John Knox Press, 1980, p. 17-18.

orientadas para trazer o reino de Deus à existência"<sup>102</sup>, coloca a Trindade como fonte direcionadora da missão, visando implantar o reino de Deus.

Orlando Costas, cuja teologia missiológica considerou “lugares teológicos” temas como missão, crescimento de igreja, evangelização e pastoral, dizendo que esses temas têm sido desprezados pela reflexão teológica sistemática tradicional, tanto protestante, quanto católico-romana.

Em sua definição de missiologia, segundo Costas: "uma reflexão crítica sobre a *praxis* da missão [...] que interpreta e questiona o passado e o “agora” da fé, buscando e se projetando para o futuro para corrigir, fortalecer, sustentar ou mudar totalmente o desempenho missionário da igreja"<sup>103</sup>, levando a repensar sobre a forma praticada na atualidade, para o crescimento das igrejas, considerando a quantidade de membros, em detrimento de sua qualidade.

A CBB, por meio da Junta de Missões Nacionais (JMN), anteriormente chamada Junta de Evangelização Nacional, atualmente possui mais de 700 agentes no Brasil, desenvolvendo atividades evangelísticas e humanitárias, em cumprimento ao que está escrito nos Princípios Batistas:

Missões, como usamos o termo, é a extensão do propósito redentor de Deus através do evangelismo, da educação e do serviço cristão além das fronteiras da igreja local. As massas perdidas do mundo constituem um desafio comovedor para as igrejas cristãs. Uma vez que os batistas acreditam na liberdade e competência de cada um para as próprias decisões, nas questões religiosas, temos a responsabilidade perante Deus de assegurar a cada indivíduo o conhecimento e a oportunidade de fazer a decisão certa. Estamos sob a determinação divina, no sentido de proclamar o evangelho a toda a criatura. A urgência da situação atual do mundo, o apelo agressivo de crenças e ideologias exóticas, e nosso interesse pelos transviados exigem de nós dedicação máxima em pessoal e dinheiro, a fim de proclamar-se a redenção em Cristo, para o mundo todo. A cooperação nas missões mundiais é imperativa. Devemos utilizar os meios à nossa disposição, inclusive os de comunicação em massa, para dar o Evangelho de Cristo ao mundo. Não devemos depender exclusivamente de um grupo pequeno de missionários especialmente treinados e dedicados. Cada batista é um missionário, não importa o local onde mora ou posição que ocupa. Os atos pessoais ou de grupos, as atitudes em relação a outras nações, raças e religiões fazem parte do nosso testemunho favorável ou contrário a Cristo, o qual, em cada esfera e relação da vida, deve fortalecer nossa proclamação de que Jesus é o Senhor de todos. As missões procuram a extensão do propósito redentor de Deus em toda parte, através do evangelismo, da educação, e do serviço cristão e exige de nós dedicação máxima.<sup>104</sup>

<sup>102</sup> VERKUYL, Johannes. **Contemporary missiology**: an introduction. Tradutor e editor Dale Cooper, do original *Welding in de nieuwere Zendingwetenschap*. Kampem, 1975. Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1978, p. 5.

<sup>103</sup> COSTAS, Orlando. **Theology of the crossroads in contemporary Latin America**: missiology in mainline Protestantism (1969-1974). Amsterdã: Rodopi, 1976, p. 10-11.

<sup>104</sup> CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Princípios batis...**, 2018, op cit.

Entre os valores que se firmaram com o trabalho desenvolvido pela JMN encontram-se os seguintes: priorização do ser humano, responsabilidade social e ecológica, ética, transparência e integridade.

A atuação social manifesta-se através do atendimento à crianças e aos adolescentes em vulnerabilidade social, na assistência a marginalizados, aos presidiários e aos seus familiares, na reabilitação de dependentes químicos e na assistência aos seus familiares, em comunidades terapêuticas, na assistência às comunidades e às populações vítimas de catástrofes e situações de risco e emergenciais, entre outros projetos envolvidos<sup>105</sup>.

A CBB, visando cumprir os Princípios Batistas, em 1907 cria a JMM, cujo nome que a antecedia era Junta de Missões Estrangeiras (JME), atuando em 75 países, tem por objetivo expandir o trabalho missionário além das fronteiras do Brasil para despertar e preparar vocacionados para missões<sup>106</sup>.

Nesse sentido, nota-se que a CBN, através da Junta Administrativa de Missões (JAMI) criada em 1995, torna-se responsável por fornecer apoio às igrejas ligadas à denominação, para o cumprimento dos Princípios Batistas, comuns em ambas as Convenções, para cumprir a missão evangelizadora de caráter transcultural, no desenvolvimento de projetos ligados à educação, saúde, suplantação de igrejas, formação ministerial e missionária, serviço comunitário, assessoria e educação missionária da igreja local, com atuação abrangente nos cinco continentes<sup>107</sup>.

No tópico seguinte é tratado da relação entre o Espírito Santo e as missões, sem deixar de mencionar o livro de Atos, capítulo 1, versículo 8, cuja passagem Jesus Cristo fala que seus discípulos seriam testemunhas para disseminar o Evangelho “aos confins da terra”, mas para isso, seriam revestidos pelo poder do Espírito Santo, o que conduz perceber uma profunda relação entre o Espírito e a missão.

<sup>105</sup> JUNTA DE MISSÕES NACIONAIS. **Missões nacionais**. (2018). Disponível em <<https://www.missoesnacionais.org.br/quem-somos/>>. Acesso em 20 jan 2018.

<sup>106</sup> JUNTA DE MISSÕES MUNDIAIS. **Quem somos**. (2018). Disponível em <<http://missoesmundiais.com.br/quem-somos/>>. Acesso em 20 jan 2018.

<sup>107</sup> Junta Administrativa de Missões. **Quem somos**. (2018). Disponível em <<https://www.jami.com.br/quem-somos/>>. Acesso em 20 jan 2018.

### 3.2.2 A relação entre Espírito Santo e missão

Sob a perspectiva pentecostal/avivalista nota-se que os dons (charísmata) se destinam à missão, corroborando para o serviço e para o testemunho do crente. Segundo essa perspectiva, a missão passa a ser incrementada e dinamizada pela efusão ou manifestação dos dons, conforme consta em Romanos 12 e 1 Coríntios 12-14.

Segundo o pensamento tradicional, o Espírito Santo confirma a fé, remetendo aos sentimentos de caridade, que irão agir no interior do trabalho missionário, sem que necessariamente hajam efusões carismáticas. O Espírito Santo, sendo o direcionador de missões, chama e capacita o cristão para viver seu chamado missionário, instrui semelhante ao que ocorreu com a igreja neotestamentária, à luz do livro de Atos 2.

Nesse sentido, percebe-se que a teologia contemporânea usa um qualificativo: o Espírito Santo é protagonista da missão, desde a unção messiânica de Jesus Cristo, passando por João e após por Pentecostes, sobretudo, na tradição lucana (Lucas e Atos).

É o Espírito Santo quem suscita, orienta e guia a missão dos cristãos. Nos textos lucanos não aparece o mandato missionário como em Mateus: é o próprio Espírito Santo quem envia os discípulos, com sua Unção, tal como enviou Jesus em Lucas<sup>108</sup>.

A presença consoladora e direcionadora do Espírito Santo fortalece o missionário em sua jornada, incluindo em muitos casos, até mesmo o próprio martírio. Os apóstolos de Jesus Cristo jamais teriam anunciado o Evangelho se não fosse por meio da presença do Espírito que os revestiu de poderes para esse chamado profético. Tem-se também o exemplo da igreja iniciada pelo apóstolo Paulo na

---

<sup>108</sup> Há evidente protagonismo do Pneuma ao eleger ou reservar para a missão alguns discípulos, com expressões de unção ou qualificação própria para o anúncio e testemunho das boas-novas (cf. At 6.13, 8.29, 10.19, 13.2). Assim, esta missão era marcada de *parhesía* (coragem, destemor e intrepidez) e acompanhada por sinais. Entre muitos textos, a respeito do assunto, veja-se a importância do dom do Espírito para Maria, em sua missão de mãe de Jesus Cristo (cf. Lc 1.35). O carisma profético de Simeão e Ana (cf. Lc 2.25-38). A unção messiânica de Jesus Cristo (referida anteriormente (cf. Lc 4.16-21). A dádiva do Espírito Santo como um dom e o batismo por Ele conferido (cf. Lc 3.16 e 11.13). A assistência do Espírito da Verdade em situações de perseguição e testemunho (cf. Lc 12.12). O livro dos Atos dos Apóstolos segue nesta direção, com destaque ao “pentecostes” ou aos derramamentos a partir de Atos 2 (cf. o livro de Atos 4.31, 10.44, 11.15). A coragem e intrepidez, acompanhada de alegria ao anunciar o nome de Jesus Cristo aparecem especialmente em Atos 4.13, 4.31, com acenos em Atos 4.8, 9.31, 13.52, entre outros.

Tessalônica. Paulo afirma no texto bíblico que o Evangelho chegou até essa igreja não somente por palavras, mas, sobretudo, pelo poder do Espírito Santo, com convicção e intrepidez, Paulo sabia que a verdade estava sendo dita.

Ronaldo Lidório, um missionário presbiteriano, que fez uma excelente analogia entre os grandes avivamentos ocorridos na história da igreja protestante e dos movimentos missionários, reporta-se da seguinte maneira:

Fruto de um avivamento, a partir de 1730 John Wesley durante 50 anos pregou cerca de 3 sermões por dia, a maior parte ao ar livre, tendo percorrido 175.000 km a cavalo pregando 40.000 sermões ao longo de sua vida.

Fruto de um avivamento, em 1727 a Igreja moraviana passa a enviar missionários para todo o mundo conhecido da época, chegando ao longo de 100 anos enviar mais de 3.600 missionários para diversos países.

Fruto de um avivamento, em 1784, após ler a biografia do missionário David Brainard, o estudante William Carey foi chamado por Deus para alcançar os Indianos. Após uma vida de trabalho conseguiu traduzir a Palavra de Deus para mais de 20 línguas locais e sua influência permanece ainda hoje.

Fruto de um avivamento, em 1806 Adoniram Judson tem uma forte experiência com Deus e se propõe a servir a Cristo, indo depois para a Birmânia, onde é encarcerado e perseguido durante décadas, mas deixa aquele país com 300 igrejas plantadas e mais de 70 pastores. Hoje, Myamar, a antiga Birmânia, possui mais de 2 milhões de cristãos.

Fruto de um avivamento, em 1882 Moody pregou na Universidade de Cambridge e 7 homens se dispuseram ao Senhor para a obra missionária e impactaram o mundo da época. Foram chamados “os 7 de Cambridge”, que incluía Charles Studd (sua biografia publicada no Brasil chama-se “O homem que obedecia”). Foi para a África, percorreu 17 países e pregou a mais de meio milhão de pessoas. Fundou A Missão de Evangelização Mundial (WEC International) que conta hoje com mais de 2.000 missionários no mundo.

Fruto de um avivamento, em 1855 Deus falou ao coração de um jovem franzino e não muito saudável para se dispor ao trabalho transcultural em um país idólatra e selvagem. Vários irmãos de sua igreja tentavam dissuadi-lo dizendo: “para que ir tão longe se aqui na América do Norte há tanto o que fazer?” Ele preferiu ouvir a Deus e foi. Seu nome é Simonton (1833-1867) que veio ao nosso país e fundou a Igreja Presbiteriana do Brasil.

Fruto de um avivamento, em 1950 no Wheaton College cerca de 500 jovens foram chamados para a obra missionária ao redor do mundo. E obedeceram. Dentre eles estava Jim Elliot que foi morto tentando alcançar a tribo Auca na Amazônia, em 1956. A partir de seu martírio houve um grande avanço missionário em todo o mundo indígena, sobretudo no Equador. Outro que ali também se dispôs para a obra missionária foi o Dr Russel Shedd que é tremendamente usado por Deus em nosso país até o dia de hoje.<sup>109</sup>

Nos exemplos citados por Lidório, observa-se que o avivamento e as missões caminham juntas. Um dos nomes citados no texto de Lidório é de Jonathan Edwards, citado nessa pesquisa. É um dos maiores teólogos de avivamentos, possui admiradores de renome como Lloyd Jones, que também foi missionário entre os

<sup>109</sup> LIDÓRIO, Ronaldo; LIDÓRIO, Rossana. **O espírito santo e as missões**. (2018). Disponível em <<http://ronaldo.lidorio.com.br/wp/o-Espirito-santo-e-as-missoes/>>. Acesso em 20 jan 2018.

indígenas, em Stockbridge, Massachusetts, entre 1751-1758, sendo o campo missionário seu segundo ministério. O primeiro foi como Pr. Em Northampton, mas além de missionário, Edwards também foi missiólogo e sua teologia sobre missões, pelo profundo conhecimento bíblico que possuía impactou a vida de outros missionários.

A teologia de Edwards impulsionava seu trabalho missionário. Enfatizava que as missões são uma consequência do avivamento. E fazer missões requer um outro ponto fundamental na vida do cristão, que é a santificação, assunto que é tratado no item 3.3.

### 3.2.3 A relação entre os dons do Espírito Santo e a missão

Em relação aos dons do Espírito Santo na missão da igreja, os batistas ligados à CBB e CBN, por possuírem em suas instituições agências missionárias como a JMM, JMN e a JAMI, levam em consideração os dons descritos na Tabela 1, no serviço missionário, uma vez que cada convenção avaliará o missionário segundo o testemunho de vida, considerando sua comunhão com a igreja e uma vida de santificação.

Considerando que missões, em termos bíblicos, é uma ordem de Jesus Cristo (Mt 28:19), pois todo ser humano deverá receber a mensagem do Evangelho (Rm 10.14) saber que todas as nações devem ouvir o Evangelho (Mt 24.14) e que o amor de Deus é para com todos os povos (Jo 3:16), é necessário que aquele que for enviado às missões tenha o direcionamento do Espírito Santo para saber como realizar a tarefa. Os dons ordinários e extraordinários serão concedidos aos missionários pelo Espírito Santo, capacitando-os à realização da missão.

Sob a perspectiva pentecostal nota-se que os dons (charísmata) espirituais se destinam à missão, corroboram com o serviço missionário e para que as testemunhas de Jesus Cristo testemunhem aos gentios. Nesse caso, nota-se que a missão é incrementada e dinamizada pela efusão ou manifestação dos dons, segundo Rm 12 e 1 Co 12.

Segundo o posicionamento das igrejas não pentecostais, nota-se uma ação infusa do Espírito Santo, confirmando a fé, que reanima a caridade, que se destina ao missionário e ao ambiente onde atua, mas sem efusões carismáticas.

E por fim, convém relatar que o uso dos dons espirituais, pelos missionários em campo, extraordinários ou não, cabe a cada instituição missionária considerar o momento de seu envio, ressaltando que os dons recebidos para o serviço e ensino do evangelho são primordiais. O dom de administração é necessário, quando não, fundamental. Porém, o dom de cura e profecia deve ser avaliado.

Enfim, como os dons são fornecidos de maneira graciosa por Deus, aos seus filhos, capacitará com poder aos seus enviados para o ministério, fazendo com que os dons presentes, ordinários ou extraordinários, sejam utilizados em benefício da obra missionária, para converter aos gentios dispersos no mundo, fortalecendo assim, a fé daqueles que ainda estão tristes e sem esperança.

### 3.3 O ESPÍRITO E A SANTIFICAÇÃO

Aos batistas chamados tradicionais, ligados à CBB, consideram, em sua maioria, que a santificação é um processo vitalício. Os frutos do Espírito citados em Gálatas 5.22 fazem parte dessa lista e devem ser buscados incessantemente pelos cristãos, no intuito de se tornarem cada vez mais semelhantes a Jesus Cristo, tendo uma vida em perfeita santidade.

Para os pentecostais, incluindo os batistas, a santificação não é descrita como um processo lento, onde o cristão abandona o pecado de maneira gradativa, mas antes, uma ação definitiva do Espírito Santo, que libertará o cristão do pecado, recaindo sobre os braços de Deus.

Os pentecostais não descartam que a santificação seja um processo vitalício e que o cristão deve crescer de graça em graça, tendo amor para com Deus e para com seu próximo.<sup>110</sup> Nesse sentido, nota-se que a manifestação dos dons extraordinários na santificação do cristão pentecostal é uma evidência divina e extremamente positiva.

---

<sup>110</sup> BÍBLIA. **Bíblia de estudo pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p. 1937-1938.



### 3.3.1 Definição de santificação

Ao falar de santificação, logo remete-se à santidade do ser humano. Ser santo significa ser separado por Deus, estar isolado do resto do mundo. Israel foi chamado “povo santo”, por serem separados por Deus, de todas as demais nações (Dt 7.6).<sup>111</sup>

A santidade de vida é a forma pela qual o cristão coloca em prática os mandamentos de Deus que, segundo o Salvador Jesus Cristo, deles dependerão toda a lei e os profetas, conforme percebe-se na seguinte frase: “amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento e amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Dt 22.37-40), conforme destacado por Jesus Cristo na nova e eterna aliança, como um mandamento novo, no qual se cumpre toda a lei e os profetas (Mt 22.37-40).

Grande maioria dos teólogos reformados colocam a santificação do cristão como um processo a ser percorrido continuamente para se obter uma vida consagrada e santa aos olhos de Deus. Trazendo esse conceito à vida pessoal do cristão implica em seu envolvimento com o passado, com o presente e com o futuro.

Envolve o passado, porque em determinado momento houve um ponto de corte em relação à forma de vida praticada e a partir de então o Espírito Santo passa fazer parte do dia a dia do cristão, nela habitando. Envolve o presente porque o Espírito Santo moldará esse indivíduo a cada instante, semelhante ao moleiro que torneia um vaso em barro, orientando-o e dirigindo-o todas as suas ações. Envolve o futuro, porque a meta do ser humano como cristão é ser cada dia mais semelhante a Jesus Cristo, um processo contínuo nesta vida, para se atingir a perfeição e a vida eterna junto com Deus.

No entanto, esse novo homem a cada instante de sua vida se confrontará com adversidades, tentações e situações que exigirão uma tomada de decisão de sua parte e toda escolha ou decisão adotada no dia a dia mostrará a direção e o caminho correto a ser seguindo pelo homem.

---

<sup>111</sup> Em hebraico, na perspectiva do Primeiro Testamento, o termo santo/qadosh é atributo próprio de Deus; ao ser humano cabe ser justo/tsadik, somente Deus é divinamente Santo, enquanto a santidade da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, concentra-se em sua justiça. Deste modo, o *latim* qualifica o santo como *pío*, que significa justo, enquanto o injusto ou pecador denomina-se “ímpio”. Assim, se compreende que a diretriz “sede santos como Deus é santo” (Mt) se traduza, em Lucas, como “sede misericordiosos como Deus é misericordioso”, já que a misericórdia é a realização da plena justiça e da santidade, traduzida em obras de amor (operante) - (cf. Mt 25.40; Gl 5.6; Ef 2.10).

Um questionamento frequente sobre a santificação nas igrejas é o seguinte: poderá o cristão viver esta vida sem inclinação ao pecado? A perfeição é um alvo atingível nesta vida ou um alvo de busca constante que somente poderá ser atingido com a volta de Jesus Cristo?

Na Declaração Doutrinária da CBB não há um capítulo específico sobre o tema, que é tratado no capítulo V – Salvação e denota que a salvação é um dom gratuito, oferecido por Deus a todos os homens, e que compreende sua completa regeneração, justificação, santificação e glorificação.<sup>112</sup>

A santificação, segundo a Declaração de Fé, tem início com a regeneração do cristão, mas é um processo que perdura enquanto ele viver no mundo. É uma obra específica do Espírito Santo que nele habita a partir de sua regeneração, capacitando-o para realizar os propósitos de Deus na terra, em busca de sua perfeição moral e espiritual, mediante a presença e o poder do Espírito Santo.

Na Declaração de Fé da CBN, seu capítulo XI dedica-se exclusivamente à santificação. E ao comparar ambas as Declarações de Fé verifica-se que a CBN ressalta a presença do Espírito Santo como um confirmador e um consolador, enfatizando a busca constante da santificação, por meio de ações que levam a um auto exame pessoal.<sup>113</sup>

John Wesley acreditava que a perfeição, no curso da salvação, poderia ser alcançada ainda nesta vida, mas alertava aos leitores para: “não satisfazer-se com nenhum tipo de religião que não implicasse na destruição de todas as obras do mal, ou seja, de todo pecado”<sup>114</sup>.

Na visão da Igreja Reformada, incluindo-se os batistas nessa designação, o homem será santificado em sua união com Jesus Cristo, por meio de sua morte e ressurreição para que todos vivam.

<sup>112</sup> CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Declaração doutr...**, 2018, op cit., [s.p.].

<sup>113</sup> XI — DA SANTIFICAÇÃO: Cremos que a Santificação é o processo pelo qual, de acordo com a vontade de Deus, somos feitos participantes de Sua santidade; que é uma obra progressiva que se inicia na regeneração; que é continuada nos corações dos crentes pela presença do Espírito Santo, o Confirmador e Confortador, no uso contínuo dos meios indicados, especialmente a Palavra de Deus, o exame próprio, a renúncia, a vigilância e a oração (1 Ts 4.3; 5.23; 2 Co 7.1; 13.9; Ef 1,4; Pv 4.18; Hb 6.1; 2 Pe 1.5-8; 1 Jo 2.29; Rm 8.5; Jo 3.6; Fl 1.9-11; Ef 1.13,14; Fl 2.12,13; Ef 4.11,12; 1 Pe 2.2; 2 Pe 3.18; 2 Co 13.5; Lc 11.35; 9.23; Mt 26.41; Ef 6.18; 4.3). CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL. **Manual básico...**, [s.d.], op cit., p. 21.

<sup>114</sup> **Sermão “Christian Perfection” Works**. Vol. 6, p. 5-6.

O termo santificação não significa que o cristão deva se isolar do mundo que os cerca, mas mediante aqueles que estão em sua volta devem completar-se. Nesse sentido, nota-se que os termos santificação e comunhão caminham juntos.

Em 1 Co 1.30, o apóstolo Paulo diz que Jesus Cristo é quem santifica os filhos de Deus, portanto, estar em conexão com Jesus Cristo ser-se-á santificado no dia a dia, conforme expõe Calvino, que bem esclarece: “enquanto Cristo permanece fora de nós e nós separados Dele, tudo o que Ele fez e sofreu pela nossa salvação permanece ineficaz e sem valor para nós.”<sup>115</sup>

As igrejas da Reforma concordam que os cristãos serão justificados por sua fé, conforme Romanos 1.17. O apóstolo Paulo foi enviado aos gentios para que seus olhos fossem abertos, convertendo-os das trevas para a luz, a fim de que recebessem a herança da santificação pela fé, conforme ensina em At 26.18.

A fé é um meio para santificar-se. Por meio da fé o cristão mantém-se unido com Jesus Cristo; pela fé aceita-se que o pecado não tem domínio sobre o ser humano. O Espírito Santo convence o homem do pecado, da justiça e do juízo, conforme Jo 16.8.

O termo santificação significa que a cada dia o cristão estará mais semelhante a Jesus Cristo, produzindo frutos espirituais, pois o Espírito Santo produz a obra de santificação no ser humano. Jesus Cristo, que é o padrão de santificação, quando orou ao Pai, segundo Jo 17.17, pediu que cada ser humano fosse santificado na verdade através da Palavra.

Na há mérito humano na obra de santificação, esse mérito será sempre do Espírito Santo, mas o compromisso do ser humano é uma parte fundamental no processo. Portanto, terá grande responsabilidade na luta contra o pecado no corpo e na mente. Essa sintonia com o Espírito Santo é fundamental. Não se pode esmorecer nessa luta contínua. John Murray escreve sobre essa relação entre Deus e o homem no processo de santificação:

A obra de Deus em nós não se interrompe porque também atuamos, nem nossa tarefa se interrompe porque Deus atua. Tampouco se trata de uma relação estritamente de cooperação, como se Deus fizesse a sua parte e nós,

---

<sup>115</sup> CALVIN, John. Institutes of the Christian Religion. Ed. John T. McNeill. Trad. Ford Lewis Battles. 2 Vols. Filadélfia: Great Commission. In: **As institutas da religião crista**. 4 Vols. São Paulo: Casa Presbiteriana, 1985, [s.p.].

a nossa [...] Deus opera em nós e nós também operamos. Mas a relação é: porque Deus trabalha, nós trabalhamos.<sup>116</sup>

Portanto, a santificação pessoal exige um forte comprometimento com o processo de conversão, sem jamais esquecer-se de que a obra será Deus quem a fará. E ao se falar de santificação, na perspectiva pentecostal, notam-se que existem divergências entre os teólogos, alguns defendem a santificação instantânea, que ocorre desde o momento da conversão do cristão. Entre os teólogos que defendem essa posição está Ralf W. Harris, primeiro redator de literatura das Escolas Bíblicas da Assembleia de Deus.

Essa santificação inicial, chamada posicional, será obtida pelo cristão quando de sua conversão. Já outros teólogos tratam a santificação como um processo progressivo, tendo a mesma posição dos teólogos reformados.

### 3.3.2 O Espírito e a santificação do crente

Além do que foi abordado nessa pesquisa, sobre a atuação do Espírito Santo, em relação à santificação humana, pode-se afirmar que o Espírito Santo representa um agente catalisador que transforma progressivamente o cristão, para que se torne a cada dia mais semelhante a Jesus Cristo<sup>117</sup>. Nesse sentido, nota-se que Paulo declara em 1 Ts 5.23 que: “que o próprio Deus dá paz e santifica inteiramente. E todo espírito, alma e corpo serão preservados de forma irrepreensível em sua vida, por meio do poder do Senhor e Salvador Jesus Cristo”.

Note-se que há uma aceção de santificação como “cristificação”: formar Cristo nos crentes. Paulo refere-se a isto muitas vezes. Já os pentecostais, por sua vez, afirmam isto, mas destacam a ação do Paráclito como Unção: Ele unge aos crentes com a mesma plenitude que ungiu Jesus Cristo, para que façam as obras que Ele fez e outras ainda maiores, daí o valor conferido aos carismas e aos dons espetaculares.

---

<sup>116</sup> MURRAY, John. **Redemption**: accomplished and applied. Grand Rapids/MI: Eerdmans publish, 1955, p. 184-5. In: Redenção consumada e aplicada. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1993, [s.p.].

<sup>117</sup> Note-se uma aceção de santificação como “cristificação”: formar Cristo nos crentes. Paulo se refere a isto muitas vezes. Os pentecostais, por sua vez, afirmam isto, mas, destacam a ação do Paráclito como Unção: Ele unge os crentes, com a mesma plenitude que ungiu Jesus, para que façam as obras que Ele fez, e ainda outras, maiores. Daí o valor conferido aos carismas e dons espetaculares.

Rodman Willians afirma que o Espírito Santo potencializa esse processo de santificação, preparando o cristão para obedecer a Jesus Cristo, fornecendo a energia necessária para que o cristão caminhe em direção à perfeição, Ele habitará no cristão, por isso, pode-se afirmar que o processo de santificação é uma obra interna.

E assim sendo, finaliza-se com o pensamento de Willians, conforme segue-se a citação seguinte: “o Espírito Santo – *Spiritus Sanctus* – é o Espírito Santificador e tem como principal ofício cumprir cada vez mais a obra de santificação”<sup>118</sup>.

### 3.3.3 A presença dos dons do Espírito Santo na comunhão, missão e santificação da igreja

Abordar a classificação dos dons espirituais no meio evangélico, às vezes, pode gerar um tom polêmico, pois nem mesmo os teólogos chegaram a uma conclusão definitiva sobre esse tema nos dias atuais. No entanto, nenhuma lista de dons, segundo teólogos como Carson, pode ser considerada exaustiva.<sup>119</sup>

Para este ensaio foram divididos os dons do Espírito Santo, em ordinários e extraordinários. Os dons ordinários ou infusos são os dons de natureza comum, também chamados santificantes, citados em Isaías 11.2-3, são interiores e em ordem à santificação.

Sobre esses dons nota-se que a literatura patrística entende que são comunicados por decorrência do batismo, ordinariamente e por meio deles, o Espírito Santo consola os cristãos cotidianamente. Conforme o ensino patrístico, Jesus Cristo os manifesta e os cristãos os recebem em seu batismo.

A lista dos dons infusos compreende o temor a Deus, a fortaleza, a piedade, o conselho, a ciência, o entendimento e a sabedoria. Segundo a Bíblia de Jerusalém, “a enumeração destes dons, pela Setenta e pela Vulgata, que acrescentam a piedade por desdobramento do temor de Yahweh, tornou-se a nossa lista dos sete dons do Espírito Santo”<sup>120</sup>.

---

<sup>118</sup> WILLIANS, J. Rodman. **Teologia sistemática**: uma perspectiva pentecostal. 1. ed. São Paulo: Vida, 2011, p. 441.

<sup>119</sup> CARSON, 2013, p. 37.

<sup>120</sup> BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém**. Em português, nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1272.

E quanto aos dons extraordinários ou efusos, que também são chamados dons carismáticos, manifestam-se exteriormente, em ordem ao serviço, bem comum e testemunho. A lista de dons extraordinários inclui, porém, não limita-se à palavra de sabedoria, de conhecimento, fé, dons de cura, realização de milagres, profecia, discernimento de espíritos e à variedade de línguas e sua interpretação.

Note-se ainda, que Lutero e Calvino pouco disseram sobre os dons espirituais. Uma posição cessacionista, não totalmente caracterizada, era a de Calvino. Já Lutero, embora não tenha se limitado à manifestação dos dons na era apostólica, não era ansioso para que as igrejas sob sua liderança manifestassem esses dons como fruto do Espírito Santo.

Salienta-se que na eclesiologia batista não é usual a classificação dos dons infusos (santificantes) e efusos (carismáticos), sendo tratados, conforme encontram-se em 1 Co 12.8-11; 1 Co 12 e 28; Rm 12.6-8; Ef 4.11 e 1 Pe 4.11. Nesse mesmo sentido, Carson apresenta uma lista de dons espirituais, à luz de alguns livros do Novo Testamento, da Bíblia.<sup>121</sup>

QUADRO 1: Lista dos dons espirituais do novo testamento

<b>DONS ESPIRITUAIS SEGUNDO AS SAGRADAS ESCRITURAS</b>				
1 Co 12.8-11	1 Co 12.28	Rm 12.6-8	Ef 4.11	1 Pe 4.11
Palavra de sabedoria	Apóstolos			
Palavra de conhecimento	Profetas	Profecia		
Fé	Mestres	Serviço	Apóstolos	
Dons de curar	Os que realizam milagres	Ensino	Profetas	Falar
Realização de milagres	Os que possuem o dom de curar	Encorajamento	Evangelistas	Servir
Profecia	Os que socorrem os outros	Contribuição	Pastores	
Discernir os espíritos	Os que socorrem os outros	Liderança	Mestres	
Variedade de línguas	Os que administram	Uso de misericórdia		
Interpretação de línguas	Os que falam uma variedade de línguas			

FONTE: Adaptado de Carson.<sup>122</sup>

<sup>121</sup> CARSON, 2013, op cit., p. 38.

<sup>122</sup> Idem.

Na lista elaborada por Carson, os dons espirituais encontram-se citados mais de uma vez no texto bíblico, porém, não importa qual sua repetição, mas que estejam disponíveis a todos os cristãos que desejarem e crêem em Deus, recebidos segundo sua imensa sabedoria e poder concedido ao cristão merecedor, sobretudo, que multipliquem através do serviço abnegado.

O apóstolo Paulo não coloca esses dons em ordem de importância, mas afirma em 1 Co 12.6, que o mesmo Deus os realiza e os concede a todos os seres humanos, sem distinção de cor, raça ou classes sociais.

### 3.3.3.1 A importância dos dons espirituais na comunhão, da missão e santificação da igreja

Em relação à comunhão, as igrejas que trabalham com pequenos grupos ou pequenas células, que nesse caso podem ser da CBB ou da CBN, evidenciam com frequência a prática dos dons extraordinários nesse ministério.

Para o apóstolo Paulo, os dons citados em Romanos 12.6-8 evidenciam-se com a prática de carismas comuns da vida diária, de forma que os cristãos sentem-se mais favoráveis à sua prática quando reunidos em pequenos grupos, conforme as experiências vivenciadas pelo próprio autor, enquanto líder de grupos celulares.

No caso dos dons aplicados no processo de santificação nota-se que os seguidores pentecostais entendem que a efusão carismática ou os dons espetaculares, de um modo ou de outro incrementam a vida dos que procuram se santificar.

A posição batista tradicional, ligada a CBB, embora não comunique abertamente seu posicionamento quanto aos dons espirituais, mesmo assim afirma que os dons infusos ou dons ordinários exercem predomínio em relação aos dons efusos ou dons extraordinários. Portanto, os dons infusos, concedidos pelo Espírito Santo, usados no processo de santificação, possuem ação santificadora a todo aquele que crê.

### 3.3.4 O Espírito Santo aproximando os batistas brasileiros e os batistas nacionais

Durante a história dos batistas no Brasil, apesar do perfil individualista dos batistas, tivemos apenas dois momentos mais críticos que resultaram em divisões. O primeiro momento ocorreu por questões administrativas, sendo denominado de questão radical e o segundo momento ocorreu por questões doutrinárias.

Como cristãos batistas, cremos que o Espírito Santo nos ensinou a lidar com situações complexas, e diante de uma cascata de eventos que se sucederam um após o outro, formando a histórica jornada dos batistas brasileiros, nota-se que seus efeitos foram dolorosos, mas contribuíram significativamente na criação de uma denominação que, na atualidade, se configura em uma nova oportunidade para que se realize uma outra parte da história, já que o passado não tem como ser alterado ou e não se pode mudar.

No ano 2000, trinta e seis anos após a separação, foi realizado o Congresso Latino Americano Batista de Adoração, na Primeira Igreja Batista de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, Brasil, sendo um marco inicial para que o diálogo fraternal pudesse reinar novamente entre os batistas.

No entanto, existem outras iniciativas vitoriosas entre as igrejas da CBB e da CBN, confirmadas desde 2010, quando a Primeira Igreja Batista de Curitiba, pertencente a CBB e a Igreja Batista da Lagoinha, pertencente a CBN, iniciaram intercâmbios ministeriais ligados à áreas importantes na igreja, como: louvor, adoração, ministérios de liderança, ministérios jovem, comunicação, que inclui o compartilhamento no uso de um canal de TV, conhecido como Rede Super, que transmite vários programas em parceria.

Para finalizar mais essa etapa, pode-se dizer que a intolerância religiosa ainda não desapareceu completamente no meio batista, mas representam apenas resquícios de passado que está ficando cada vez mais esquecido.

Embora existam denominações exclusivistas, que consideram uma maneira uma forma única de adoração a Deus, evidências crescentes confirmam que as barreiras que impediam o relacionamento entre Deus e os homens estão cada vez menores. Dessa mesma forma, nota-se que a comunicação entre os próprios batistas se estabeleceu, de uma forma harmoniosa e saudável, progredindo a cada dia.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tematizar a questão dos nexos e tensões entre a perspectiva pentecostal e a tradição da confissão batista, no sentido de responder as interpelações da eclesiologia e da pneumatologia e sua missão na atualidade, procurou-se analisar esses elementos na confissão de fé em face à experiência pentecostal, para que pudesse compreender o diálogo entre os batistas brasileiros, o que levou a concluir que a pesquisa propôs algumas questões a serem respondidas durante seu estudo e desenvolvimento.

A primeira delas refere-se ao *nexus teológicos* entre o Espírito Santo e a igreja, à luz da compreensão batista da eclesiologia. E com o desenrolar da história batista notou-se que o Espírito Santo, enquanto personagem, está presente desde os momentos da Pré-Reforma, estendendo-se para os dias atuais com propriedade.

Desde os líderes anabatistas aos líderes batistas vigentes pode-se perceber seu grande amor pelas Escrituras. E reportando-se ao passado, nota-se que a atuação do Espírito Santo em todo o processo de formação da denominação batista, fez com que se levantassem grandes homens, grandes pregadores e grandes missionários que dedicaram suas vidas investindo naquilo que criam. Houve desentendimentos em relação aos dons do Espírito Santo, fator esse que conduziu ao surgimento do Cisma Batista no Brasil. No entanto, na atualidade, tem-se que essa “santa insatisfação” estava nos planos de Deus, servindo para o crescimento da igreja e de seus membros, que são centenas de milhares.

Um outro questionamento proposto pela pesquisa foi analisar a existência de ponderação e reflexão teológica entre os elementos pneumatológicos de comunhão e missão. Pois bem, os batistas trabalharam e continuam trabalhando com esses dois pontos de uma forma séria, cujos frutos estão sendo colhidos e mantidos em celeiros.

Para crescer em comunhão, as igrejas da CBB e da CBN trabalham fortemente com pequenos grupos de comunhão, entre os quais algumas igrejas chamam de células, cujo objetivo é a multiplicação através do convívio. Em resposta verificou-se um crescimento orgânico da igreja.

Os grupos que se reúnem semanalmente nas casas, normalmente refletem sobre o sermão pregado no domingo anterior nas igrejas, sendo essa uma nova

oportunidade para que todos possam interagir com o tema e colocar em prática os ensinamentos reiteradamente adquiridos.

A Primeira Igreja Batista de Curitiba, conhecida como PIB Curitiba, é uma das igrejas que usam esse método para alavancar a comunhão entre os membros. Hoje, a igreja conta com mais de 500 células em atividade, espalhadas pela cidade de Curitiba, com resultados animadores, não somente a quantidade de membros cresceu, mas a qualidade no que diz respeito ao conhecimento bíblico individual. Na atualidade, a PIB Curitiba se constitui de 10.789 membros e 190 ministérios em diversas áreas de atuação.

No fator missão, tanto a CBB, através da Junta de Missões Nacionais (JMN) e da Junta de Missões Mundiais (JMM), quanto a CBN, através da Junta Administrativa de Missões (JAMI), apoiam as igrejas no envio de missionários para o campo visando cumprir a Grande Comissão (Mt 28.18-20), fazendo discípulos em todo o mundo, ensinando e batizando em nome de Jesus Cristo.

No entanto, considera-se que o que poderia ser melhorado no fator missão seria a interação entre organizações missionárias batistas: JMN, JMM e JAMI, junto às organizações missionárias independentes. Nesse sentido, existe pouco avanço ainda, uma vez que as igrejas batistas têm tendências corporativistas, que as impede de abrir-se para novas oportunidades de trabalho e apoio interdenominacional.

Sobre o volume de reflexão e debate sobre o tema objeto de estudo, nota-se que atualmente existe considerável volume de obras literárias no meio batista, principalmente, sobre o fator que dividiu a igreja na década de 60. No entanto, hoje em dia, tanto a CBB, quanto a CBN possuem editoras que disseminam material didático e livros em quantidade suficiente para capacitar os membros em suas igrejas.

Porém, embora haja um grande volume de reflexão e debate ainda são poucas as igrejas que tratam o tema sobre os dons do Espírito Santo como fator de divisão entre os batistas no passado, o que remete concluir que a história batista brasileira ainda é pouco disseminada nas igrejas.

No ano 2000, trinta e seis anos após o cisma, houve a realização do Congresso de Adoração, em Niterói-RJ. Foi um evento de reconciliação em que estiveram presentes a ABM, CBB e CBN. E desde então existem iniciativas isoladas entre as igrejas para que se aproximem. É o exemplo da PIB Curitiba e da Igreja Batista da Lagoinha (IBL), que trabalham juntas em vários ministérios. Porém, outras iniciativas devem ser pensadas e colocadas em prática. Tanto a CBB, quanto a CBN

poderiam, em suas assembleias anuais, colocar o tema em pauta sistematicamente e proativamente para intensificar o diálogo entre as Convencões, sugerindo o mesmo para a Aliança Batista Mundial.

Diante das colocações apresentadas nessa pesquisa, procurou-se analisar as Declarações de Fé, onde o envolvimento do Espírito Santo é ressaltado nos elementos de confissão, incluindo a comunhão, missão e santificação. No entanto, o tema é extenso, exigindo sua discussão e ponderação em estudos posteriores. O que foi apresentado, representa, somente, um início para despertar interesse no leitor e de pesquisadores que desejam se aprofundar em temas de importância fundamental e peculiar ao cristão.

Nota-se que na tradição batista, atualmente, a pneumatologia, tanto da CBB, quanto da CBN, que as igrejas em crescimento exponencial, não se preocupam em saber quais são os dons mais praticados em suas igrejas, se eles têm natureza ordinária ou extraordinária. A ênfase maior é saber se o Espírito Santo atua na transformação de vidas. Todavia, percebe-se também que há uma preocupação das igrejas batistas ligadas à CBB, em relação aos dons do Espírito, mesma preocupação do apóstolo Paulo em 1 Co, que era não reprimir o Espírito Santo, mas controlar os excessos e focar no que era essencial, a pessoa de Jesus Cristo.

A consequência de se ter foco centrado em Jesus Cristo é que se poderá seguir o discipulado em amor, obediência a Deus, piedade, amor não fingido e misericórdia com o próximo e não direcionar o foco na manifestação de dons espetaculares. Esta é uma posição atual das igrejas ligadas à CBB, embora aberta, mas cautelosa.

Busca-se nas igrejas ligadas à CBB a presença de Deus através do conhecimento bíblico, de uma vida de oração, também pela manifestação de poder, de forma que o Espírito Santo revigore e restaure a igreja continuamente, para que não caia no que é conhecido por apatia espiritual, afastando-se da verdade, o que fez com que houvesse inúmeras dissensões no passado, com alegre submissão a Deus, de uma forma sempre equilibrada e disciplinada.

Percebe-se que há predominância nas igrejas da CBB, do continuísmo moderado ao invés da cessação total dos dons. Compartilho desta posição como cristão batista. Neste sentido, pode-se afirmar que se admite a manifestação dos carismas também na experiência recente da igreja batista moderna.

Passando para o tema referente à comunhão, missão e santificação, os quais foram tratados exhaustivamente durante a pesquisa, considera-se que a ação do Espírito Santo deve estar sempre presente na igreja batista tradicional ou pentecostal, trabalhando a comunhão, através de pequenos grupos/células (igrejas nas casas), para o envio de missionários e sua capacitação e no processo de santificação, quer vitalício ou instantâneo.

Finaliza-se com a ideia de que o amor a Deus, ao Salvador Jesus Cristo, às Sagradas Escrituras e às verdades neotestamentárias continuem influenciando os membros da igreja batista brasileira, que as palavras de Neemias possam ecoar sempre na denominação, conforme encontra-se em Ne 2.20: “o Deus do céu é que nos fará prosperar; e nós, Seus servos, nos levantaremos e edificaremos”.

## REFERÊNCIAS

- ALIANÇA BATISTA MUNDIAL (ABM). (2017). Disponível em <[www.bwanet.org/about-us2/constitution](http://www.bwanet.org/about-us2/constitution)>. Acesso em 24 out 2017.
- ANDERSON, Justo C. **Historia de los bautistas** – suas bases e princípios. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1978, p. 65. Tomo I.
- ARAÚJO NETO, Felipe Sabino de. **Didaqué: a instrução dos doze apóstolos** (ano 145-150 d.C.). Disponível em <<http://www.monergismo.com/textos/credos/didaque.htm>>. Acesso em 22 dez 2017.
- ARMITAGE, Th. **The history of the baptists (1887)**. Vol 1. Maranatha Baptist Press, Watertown, WI, 1980.
- BÍBLIA. Português. **A bíblia anotada: antigo e novo testamento**. Trad João Ferreira de Almeida, rev. e atual. no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1991.
- \_\_\_\_\_. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Bíblia de estudo pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- BOSCH, David. **Witness to the world**. The Christian Mission in Theological Perspective. Atlanta: John Knox Press, 1980.
- BUSH, Luss L.; NETTLES, Tom J. **Baptists and the bible**. Chicago: The Moody Bible Intitute of Chicago, 1980.
- CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- CALVINO, João. **As institutas ou tratado da religião cristã (clássica latim)**. Vol. 1. 2. ed. 2003. Disponível em <[http://www.protestantismo.com.br/institutas/joao\\_calvino\\_institutas1.pdf](http://www.protestantismo.com.br/institutas/joao_calvino_institutas1.pdf)>. Acesso em 22 abr 2017.
- CALVIN, John. Institutes of the Christian Religion. Ed. John T. McNeill. Trad. Ford Lewis Battles, 2 vols. Filadélfia: Great Comission. In: **As institutas da religião crista**. 4 vols. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.
- CARSON, David A. **A manifestação do espírito: a contemporaneidade dos dons à luz de 1 Coríntios de 12-14**. São Paulo: Vida Nova, 2013. 231p.
- COSTAS, Orlando. **Theology of the crossroads in contemporary Latin America: missiology in mainline Protestantism (1969-1974)**. Amsterdã: Rodopi, 1976.
- COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Os grandes princípios dos batistas**. (2009). Disponível em <<http://www.isaltino.com.br/2009/11/os-grandes-principios-batistas/>>. Acesso em 12 fev 2018.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA (CBB). (2017). Disponível em <<http://www.batistas.com/institucional/declaracao-doutrinaria>>. Acesso em 22 nov 2017.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA (CBB). **Princípios batistas**. (2018). Disponível em <[http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN\\_ID=21](http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21)>. Acesso em 12 jan 2018.

CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL (CBN). (2017). Disponível em <<http://www.cbn.org.br/>>. Acesso em 22 out 2017.

CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL (CBN). (2018). **Manual básico batista nacional e manual da ormiban**. [s.d.]. Disponível em <[http://www.cbn.org.br/downloads/manual\\_basico\\_batista\\_nacional.pdf](http://www.cbn.org.br/downloads/manual_basico_batista_nacional.pdf)>. Acesso em 24 nov 2017.

CRISTIANINI, Jeferson Rodolfo. Religião, evangelho e amor. (2017). **Portal Batista**. Disponível em <[http://www.batistas.com/portal-antigo/index.php?option=com\\_content&view=category&layout=blog&id=28&Itemid=33](http://www.batistas.com/portal-antigo/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=28&Itemid=33)>. Acesso em 23 nov 2017.

DECLARAÇÃO DE FÉ DOS BATISTAS DE LONDRES (1689). **Primeira Igreja Batista de Curitiba**. Disponível em <[https://biblio.pibcuritiba.org.br/ARQS/prodola/Catalogo/9873confissao\\_de\\_fe\\_batista\\_de\\_1689.pdf](https://biblio.pibcuritiba.org.br/ARQS/prodola/Catalogo/9873confissao_de_fe_batista_de_1689.pdf)>. Acesso em 12 jan 2018.

DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASIL. **Convenção Batista Brasileira**. (2018). Disponível em <[http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN\\_ID=22](http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22)>. Acesso em 12 jan 2018.

DECLARAÇÃO DE FÉ. **Seminário Bíblico Palavra de Vida**. (2018). Disponível em <<http://opv.org.br/portal/sbpv/sobre/declaracao/>>. Acesso em 22 abr 2018.

DICKENS, A. G. **A reforma e a Europa do século XVI**. 1. ed. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.

ESTEP, Willian Rascoe. Historia de los anabautistas: revolucionarios del siglo XVI, XVI. **Paperback**, 1975.

\_\_\_\_\_. **Historia de los anabautistas**. 1975. Consulta na Biblioteca da Primeira Igreja Batista de Curitiba. Disponível em <[www.iglesiareformada.comhttps://biblio.pibcuritiba.org.br/ARQS/prodola/Catalogo/5906http\\_\\_\\_www.iglesiareformada.com\\_estep\\_anabautistas.pdf](http://www.iglesiareformada.comhttps://biblio.pibcuritiba.org.br/ARQS/prodola/Catalogo/5906http___www.iglesiareformada.com_estep_anabautistas.pdf)>. Acesso em 18 out 2017.

ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA. Volume XVI. **Verbete**. In: Enciclopédia Britânica.

FERREIRA, Ebenezer Soares. **Comentários à declaração doutrinária da CBB**. Rio de Janeiro: Tempo de Colheita, 2009.

GRAHAM, Billy. **O poder do espírito santo**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

GAFFIN JÚNIOR, Richard; SAUCY, Robert; STORMS, Samuel, C.; OSS, Douglas. **Cessaram os dons espirituais?** Quatro pontos de vista. 1. ed. São Paulo: Vida, 2003.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**. Tradução. São Paulo: Vida Nova: 1999.

HENRY, Matthew. **Comentário bíblico do novo testamento: Mateus à João**. Trad. Dogmar Ribas Júnior. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

JUNTA de Missões Nacionais. **Missões nacionais**. (2018). Disponível em <<https://www.missoesnacionais.org.br/quem-somos>>. Acesso em 20 jan 2018.

JUNTA de Missões Mundiais. **Quem somos**. (2018). Disponível em <<http://missoesmundiais.com.br/quem-somos/>>. Acesso em 20 jan 2018.

JUNTA Administrativa de Missões. **Quem somos**. (2018). Disponível em <<https://www.jami.com.br/quem-somos/>>. Acesso em 20 jan 2018.

KAMMER, Tânia Mara. **Série documentos batistas da CBB**. Rio da Janeiro: Convição, 2011.

KELLER, Timothy. **Igreja centrada**: desenvolvendo na sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. Tradução de Eulália P. Kregness, São Paulo: Vida Nova, 2014.

LANDES, Phillipe. **Estudos bíblicos sobre o batismo de crianças**. 3. ed. São Paulo: Casa Presbiteriana. 1979. Disponível em <<https://biblio.pibcuritiba.org.br/ARQS/prodola/Catalogo/1097evang%E9lico%20-%20philippe%20landes%20-%20estudos%20b%EDblicos%20sobre%20o%20batismo%20de%20crian%E7as.pdf>>. Acesso em 21 dez 2017.

LIDÓRIO, Ronaldo; LIDÓRIO, Rossana. **O Espírito Santo e as missões**. (2018). Disponível em <<http://ronaldo.lidorio.com.br/wp/o-Esp%C3%ADrito-santo-e-as-missoes/>>. Acesso em 20 jan 2018.

LIMA, Jaime A. **Que povo é esse?** História dos batistas regulares no Brasil. 1. ed. São Paulo: Batista Regular, 1997.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Sola scriptura**. Igreja presbiteriana do Brasil (IPB). Disponível em <<http://www.ipb.org.br/informativo/sola-scriptura-1496>>. Acesso em 27 jul 2017.

McBETH, H. Leon. **The baptist heritage**. Nashville: Broadman Press, 1897.

MacARTHUR, John. **Bíblia de estudo**. Trad. e adaptação Macarthur Study Bible. Trad. texto Bíblico João Ferreira de Almeida. Baueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

MOLTMANN, Jürgen. **O espírito da vida de Jürgen Moltmann**. São Paulo: Vozes, 2010.

MURRAY, John. **Redemption: accomplished and applied**. Grand Rapids/MI: Eerdmans publish, 1955. In: Redenção consumada e aplicada. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1993.

PEREIRA, José dos Reis. **Uma breve história dos batistas**. Junta de educação religiosa e publicações da Convenção Batista Brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1979.

\_\_\_\_\_. **História dos batistas no Brasil (1882-1982)**. 2. ed. Rio de Janeiro. Juerp, 1985.

SOYRES, John R. W. de. **Montanism and the primitive church**. Cambridge: Deighton, Bell & Co, 1877.

\_\_\_\_\_. **The authority of the bible**. Downers Grove-IL: Inter-Varsity Press, 1974.

STOTT, John. **Batismo e plenitude do espírito santo**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1986.

**SERMÃO “Christian Perfection” Works**. Vol. 6.

TOGNINI, Enéas. **História dos batistas nacionais**. Convenção Batista Nacional. 2. ed. Brasília/DF, 1993.

VERKUYL, Johannes. **Contemporary Missiology: an introduction**. Tradutor e editor: Dale Cooper, do original *Welding in de nieuwere Zendingwetenschap*. Kampem, 1975. Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1978.

WILLIAMS, J. Rodman. **Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal**. 1. ed. São Paulo: Vida, 2011.

WALKER, Williston. **História da igreja cristã**. Vol I. São Paulo: ASTE, 1967.

ZWEIG, Stefan. **Os caminhos da verdade: Américo Vespúcio e Erasmo de Rotherdan**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1943.